

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E A INTERFACE COM O PATRIMÔNIO:
OS POETAS DOS CAMPOS E DOS ESPAÇOS**

ELEDIR REGINA DO PRADO ZANATTA

**LAGES
2008**

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E A INTERFACE COM O PATRIMÔNIO:
OS POETAS DOS CAMPOS E DOS ESPAÇOS**

Dissertação apresentada para o Exame de Qualificação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação.
Linha de Pesquisa II: Educação, Processos Socioculturais e Sustentabilidade.
Orientadora: Prof. Dra. Zilma Isabel Peixer

ELEDIR REGINA DO PRADO ZANATTA

LAGES
2008

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por tudo.

Ao Batista, ao Ademir e ao Amarildo, por serem parceiros nesta caminhada.

Aos diretores, professores e funcionários das escolas que participaram desta pesquisa, pela colaboração.

Aos alunos envolvidos na pesquisa, pela cooperação, pela espontaneidade e demonstração de aprendizagem, e aos pais destes alunos, pela compreensão e confiança demonstrada.

Aos mestres e amigos que acreditaram em mim e me acompanharam durante toda a jornada, principalmente à professora Elizabete Tamanini.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Dr^a. Zilma Isabel Peixer, com a qual pude contar incondicionalmente na construção dessa caminhada e pela sabedoria com que me conduziu durante todos os passos da pesquisa.

Aos colegas: Willyams, Magali e Léia, pelo companheirismo.

A Teresa Setti e Júlia Cristina Marian, pela dedicação.

E, a todas as outras tantas mãos que somaram nesta caminhada.

HOMENAGEM

Aos meus amores: Armando, Mariana e minha mãe, Carmelina.

Eles me ampararam com seu carinho, sua proteção, seu amor, sua compreensão quando inúmeras vezes estive ausente, mesmo estando presente.

Eles me fizeram crer que vale a pena apostar na vida e sempre buscar maior conhecimento.

Pelo estímulo, companheirismo, e afeto recebido em cada passo da jornada,

Obrigada!

O autor de uma obra está presente somente no todo da obra. Não será encontrado em nenhum elemento separado do todo, e menos ainda no conteúdo da obra, se este estiver isolado do todo. O autor se encontra no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem, e percebemos-lhe a presença acima de tudo na forma.

Mikhail Bakhtin.

RESUMO

Nesta pesquisa teve-se por objetivo analisar o uso, em sala de aula, dos monumentos urbanos, partindo-se do princípio de que podem se constituir num espaço pedagógico para o trabalho com a História da cidade, suas memórias e identidades locais, dialogando com a Arte e suas expressões. A pesquisa assumiu, em geral, as formas de Pesquisa Bibliográfica e Estudo de Caso, visando proporcionar maior familiaridade com o assunto em discussão com o fim de possibilitar a construção de hipóteses a seu respeito. Durante o seu desenvolvimento, buscou-se investigar para conhecer e procurou-se analisar e interpretar as concepções dos alunos sobre determinadas esculturas de conteúdo histórico, utilizando-se estratégias de ensino que possibilitassem, aos estudantes, melhor aprendizagem tendo em vista a educação para a compreensão, seja na escola ou fora dela. A pesquisa envolveu levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulassem a compreensão. Para atingir os objetivos propostos, foram analisados, com a participação dos alunos de três escolas de diferentes esferas de administração — Colégio Santa Rosa de Lima (Administração Particular), Escola Estadual de Educação Básica ‘Nossa Senhora do Rosário’ (Administração Pública Estadual) e Escola Municipal “Professor Trajano” (Administração Pública Municipal) — os monumentos: ‘O Tropeiro’, ‘O Trançador’ e ‘Os Imigrantes’, criados pelo artista local J.C. Batista. Os alunos tiveram a possibilidade de um encontro pessoal com este artista e também com um trançador de couro, durante visita destes às escolas, havendo os mesmos mostrado aos alunos as técnicas por eles utilizadas. Foram propostas leituras desses monumentos, buscando-se novas estratégias e reflexões contextuais que possibilitassem aos alunos perceberem onde o passado e o presente se mesclam na tentativa de elaboração dos discursos de apropriação desses passados e dos significados dos mesmos para a educação. Procurou-se saber qual a utilização desses monumentos na Educação Patrimonial, e, especialmente, entender qual sua utilização nas escolas acima citadas, de forma a levar os alunos a compreenderem o significado e o significante dos monumentos e, assim, por meio do estudo do patrimônio cultural, compreenderem também a história das hegemonias, difundida a partir dos conteúdos e planos de ensino das escolas da educação formal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Arte, Educação Patrimonial, Monumentos Urbanos, Memórias.

ABSTRACT

This study was meant to examine the use of city monuments in the classroom, it is understood that may constitute an educational space to work with the history of the city, their memories and identities, talking about Art and its expressions. The search took, in general, forms of Bibliographic Search and Case Study in order to provide greater familiarity with the subject under discussion in order to allow the construction of hypotheses about it. During its development, we tried to investigate to understand and tried to analyze and interpret the concepts of the students on certain sculptures of historical content, using strategies of education to enable students, better learning with a view to education for understanding, whether in school or outside. The research involved a bibliographic survey, interviews with people who have had experience with the problem researched, analysis of examples that encourage understanding. To achieve the proposed goals, it was analyzed, with the participation of students from three schools in different spheres of government - Santa Rosa de Lima school (Private Management), Nossa Senhora do Rosário school (State Administration) and Professor Trajano school (Municipal Administration) - the monuments: "The Tropeiro," "The Traçador" and "The Immigrants", created by local artist JC Batista. Students had the opportunity of a personal meeting with this artist and also with a leather worker during their visits to schools, showing the students the techniques they usually use. Reading of these monuments have been proposed, seeking new strategies and ideas to enable the students realize where the past and present merge in an attempt to be drafting the speeches of ownership of these past and their meanings for education. The use of such monuments in Education Heritage, and, especially, understand their use in schools above, to take students understand the meaning and significance of the monuments and thus through the study of heritage culture, also understand the history of hegemony, broadcast from the content and teaching plans of schools in formal education.

KEY WORDS: Education, Arts, Heritage Education, Urban Monuments, Memories.

LISTA DE FOTOS

FOTO 01: Monumento : “Correia Pinto”	44
FOTO 02: Monumento : “Nereu Ramos”	45
FOTO 03: Monumento : “A Mãe”	46
FOTO 04: Monumento : “Trançador”	48
FOTO 05: Monumento : “Imigrantes”	48
FOTO 06: Monumento : “Tropeiro”	49
FOTO 07: Monumento : “Boi de Botas”	50
FOTO 08: Monumento : “São Francisco”	50
FOTO 09: Monumento : “Carro de Molas”	51
FOTO 10: Monumento : “As Lavadeiras”	52
FOTO 11: Releitura de réplica	74
FOTO 12: O artista vai à escola	76
FOTO 13: O artista vai ao monumento	76
FOTO 14: História em quadrinhos produzida pelos alunos	79
FOTO 15: A ‘Cuca’ no Salto do Caveiras.....	81
FOTO 16: Localização no mapa.....	82
FOTO 17: Parque Jonas Ramos – Tanque.....	85
FOTO 18: Museu Thiago de Castro	86
FOTO 19: Praça João Ribeiro.....	87
FOTO 20: Catedral Nossa Senhora dos Prazeres	88
FOTO 21: Igreja Santa Cruz.....	89
FOTO 22: Prefeitura Municipal.....	90
FOTO 23: Cacimba da Santa Cruz	91
FOTO 24: Monumento a “Getúlio Vargas”	92
FOTO 25: EEB Vidal Ramos	93
FOTO 26: Apresentação da pesquisa	95
FOTO 27: Escultura de aluno	97
FOTO 28: Escultura em frente ao Estádio.....	98
FOTO 29: Sr. Amarildo (a esq.), o tropeiro contemporâneo.....	100
FOTO 30: Sr. Ademir e sua engenhoca.....	102
FOTO 31: Jogos didáticos	104
FOTO 32: Painel de TNT (Colcha de retalhos).....	105

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	02
HOMENAGEM.....	03
EPÍGRAFE.....	04
RESUMO	05
ABSTRACT	06
LISTA DE FOTOS.....	07
1 INTRODUÇÃO: DE RIMAS EM RIMAS A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	09
2 SEGUNDA ESTROFE: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL — NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA E DA CULTURA	18
2.1 O Patrimônio “Como” História e Cultura	18
2.2 Patrimônio e Educação Patrimonial	29
2.3 Lages - Aspectos de sua História e Alguns dos Espaços de Valorização Patrimonial, Nesta Cidade	40
2.4 A obra e o Artista	55
3 TERCEIRA ESTROFE: OLHAR SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA.....	66
3.1 Caminhos Metodológicos	66
3.2 Encontros.....	71
3.3 Entre-Espaços: diálogos com os professores	109
4 QUARTA ESTROFE: EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR NA INTERFACE DOS POETAS DOS CAMPOS E DOS ESPAÇOS – FINALIZANDO A POESIA	113
REFERÊNCIAS	120
ANEXOS	124

1 INTRODUÇÃO: DE RIMAS EM RIMAS A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

“Os sentidos que o patrimônio evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que a materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas [...]”.
Françoise Choay (2001)

Em 1998, o jornal o “Correio Lageano”, da cidade de Lages, SC, publicou em suas páginas a inauguração de monumentos urbanos, feitos de concreto, representando momentos da história local. Esses monumentos foram criados pelo escultor José Cristóvão Batista, realizados sob encomenda da prefeitura local. Ao todo foram construídos seis monumentos, dispostos em pontos estratégicos na cidade. Lages já possuía diversos monumentos representando personagens de sua história e agora, a partir daquela data, um novo conjunto que procurava retratar outros momentos dessa história. O fato nos levou a refletir sobre o papel dos monumentos na configuração da memória e da história local, mais precisamente, quais as possibilidades de uso desses monumentos como espaço pedagógico, para o trabalho com jovens e crianças no estudo de História e Arte. Para aproximar os meninos e meninas dessas obras e distinguir todo o seu entorno foi necessário perguntar-se: Como analisar esses monumentos? Como percebê-los dentro do espaço urbano da cidade de Lages, na constituição de espaços de memórias, de representações identitárias? Quais suas possibilidades de uso na Educação Patrimonial, ? Como entender sua utilização nas escolas?

As esculturas, transformadas em monumentos, são utilizadas, pelos poderes constituídos na cidade, como elementos de referência e de formação identitária no espaço urbano. Marcam-se, com elas, na cidade, momentos e/ou personagens que representam projetos, ideais e grupos sociais. De acordo com Canclini (2003) os monumentos trazem a evocação da cena originária da cidade, misturam-se com imagens da vida urbana atual. Suas texturas, semelhantes às dos edifícios que os rodeiam, parecem indicar uma relação de continuidade entre os habitantes da cidade, contendo vários estilos e referências a diversos períodos históricos, estéticos, artísticos e comunitários.

Na configuração urbana de Lages, podemos, pois, observar dois conjuntos distintos de monumentos. Um primeiro conjunto foi construído em meados da década de 30, pelo artista Agostinho Malinverni Filho¹, que esculpiu 10 estátuas, colocadas em espaços no centro histórico/político/administrativo da cidade. Três delas foram esculpidas em tamanho natural, homenageando: Nereu Ramos, lageano, Governador do Estado; Antônio Correia Pinto de Macedo, fundador de Lages e um monumento não envolvendo figuras políticas mas homenageando todas as mães. Este, intitulado ‘A Mãe’, foi inaugurado no ano de 1973, após a morte do seu escultor. Na mesma década acima mencionada foram esculpidos, pelo mesmo artista, 07 Bustos, homenageando: Dr. César Sartori (Médico); Dr. Carmosino Camargo (Médico); Dr. Valmor Ribeiro (Médico); Cel. Thiago de Castro (Advogado); Otacílio Costa (Deputado); Vidal Ramos Jr. (Prefeito) e Tito Bianchini (Cidadão Benemérito).

Assim, conforme noticia o jornal da cidade, apenas no final da década de 90, após um período de ‘silêncio’ na criação de esculturas urbanas na cidade de Lages, é que um segundo conjunto de novos monumentos construídos pelo artista José Cristóvão Batista, começa a ser distribuído em pontos diversos da cidade, retratando momentos da história local. Outras ações aconteceram, outros marcos ficaram tatuados no corpo da cidade porém não por meio de esculturas. Surgiu a indagação a respeito de qual motivação leva um artista a representar, por meio dos seus monumentos, momentos de história local e não heróis nacionais ou locais, pois quase sempre homenageiam-se pessoas e fundadores do Estado.

O nosso desafio foi perceber e conduzir a pesquisa, procurando entender esses monumentos como espaços de aprendizagem. Partimos do princípio que a Cidade é também um espaço de educação e de socialização. Através da materialidade expressa nos monumentos podemos desenvolver uma prática pedagógica, estabelecendo um diálogo com a história, com as memórias ali representadas, com a cultura local. Por esses diálogos podemos observar a representação histórica, os conflitos sociais, as lutas políticas na constituição da cidade. Os monumentos transformam-se em espaços educativos. Qual tipo de representação histórica que se pretende definir por meio desses monumentos? Percebo, então, que nada melhor que selecionar as perguntas a partir das quais se pretende construir um diálogo por meio do qual, assim se espera, se venha a facilitar a compreensão desses jovens a respeito de Patrimônio. É neste tema que começa a reflexão num processo de entrelaçar história, arte e educação.

De acordo com Franz (2003), ao iniciar o estudo de um monumento, deve-se criar perguntas que possibilitem estabelecer um decurso histórico e cultural entre o ‘hoje’ em que

¹ Artista lageano, pintor e escultor.

se observa uma obra colocada em algum ponto estratégico da cidade e o momento em que ela foi criada, e ainda, o que ela representa. Assim, além da orientação educativa e estética a respeito da obra observada, torna-se possível levar o sujeito que a observa a compreender as interfaces de um patrimônio, relacionando-o com a compreensão da história e da cultura local.

É, pois, por meio da imagem, que, nesta pesquisa, se inicia a realização dos trabalhos envolvendo cultura e memória, procurando trazer à tona as dificuldades — e principalmente, as possibilidades — de se trabalhar com essa temática na escola formal. Entre as dificuldades sempre mencionadas, está o pouco interesse dos alunos, o reducionismo quando a temática é circunscrita a um caráter disciplinar, a falta de metodologias que valorizem os materiais pedagógicos disponíveis na sala de aula, em alguns casos, quase inexistentes. É na busca do entendimento desses caminhos e dificuldades e na proposição de metodologias para o trabalho com cultura e patrimônio que essa pesquisa se estruturou. Teve-se, como objetivo central do trabalho, analisar o uso dos monumentos urbanos como espaços pedagógicos e sua utilização em sala de aula. Subjacente a esse objetivo, também esteve presente a preocupação de, como pesquisadora, compreender o processo de pesquisa. Assim, fui construindo o caminho como uma “costura²”, com linhas metodológicas teóricas e de experimentação.

Nesse processo de “costura” procurou-se demonstrar que é possível ir além da identificação do monumento, enquanto obra de arte e do reconhecimento de sua relevância histórica, já que o estudo de um monumento permite também trabalhar a respeito de identidades culturais, formação para a cidadania, sensibilidades e respeito ao espaço público e com a valorização da história e da cultura local. Com isso, o que se pretende é colaborar para um melhor entendimento sobre esses monumentos e também possibilitar aos alunos que, por meio do “olhar modificado” vejam o mundo de maneira diferente, tenham atitudes diferenciadas e sejam capazes de se tornarem sujeitos mais críticos. É na construção também desse “olhar” que se busca um ‘estranhamento’ do cotidiano, uma reflexão sobre a sua cidade e as formas de interação com a mesma. Um olhar mediado pela pergunta, pela curiosidade, e pela descoberta das coisas e suas possibilidades de significados, dos processos de representação e simbolização para além do concreto do monumento.

A perspectiva dessa pesquisa para a compreensão no âmbito escolar foi elaborada com base no trabalho apresentado por Gil (2002), que, apoiando-se em diversos autores, organizou um referencial teórico a respeito das diversas metodologias existentes, entre as quais a

²Costura: unir com pontos feitos com agulha e linha. Fonte: Dicionário Houaiss da Língua portuguesa. Aqui, quando faço referência à costura, refiro-me aos caminhos que vou encontrando, e unindo, na metodologia da pesquisa.

utilizada nesta pesquisa e considerada como ‘estudo de caso’, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Segundo o autor, nesse tipo de pesquisa o objetivo não é somente transmitir conteúdos, mas facilitar a construção da subjetividade, de maneira a usar estratégias e recursos para interpretar o mundo no qual os sujeitos envolvidos na pesquisa vivem, para que possam escrever a sua história. O estudo busca investigar para conhecer e procura analisar e interpretar as concepções dos alunos sobre determinadas esculturas de conteúdo histórico para inferir estratégias de ensino que possibilitem, aos estudantes, melhor aprendizagem tendo em vista a educação para a compreensão, seja na escola ou fora dela. Assim a pesquisa também envolveu levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de respostas a questionários apresentados, análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assumiu, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. Para Gil (2002), um estudo de caso é um estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento e a pesquisa bibliográfica, quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, com material disponibilizado na Internet. Sendo assim, para a consecução de seus objetivos, neste estudo lançou-se mão da ‘pesquisa participante’ que, conforme Gil (2002), ocorre quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

Nesta pesquisa sobre os monumentos urbanos e seu uso em sala de aula, partiu-se do princípio que os monumentos urbanos podem se constituir num espaço pedagógico para o trabalho com a história da cidade, memórias e identidades locais, dialogando com a Arte e suas expressões. Percebe-se também o quanto os monumentos urbanos constituem-se em referências no espaço social, simbolizando referências identitárias, produzidas e articuladas na cidade, apontando reflexões e questões vivenciadas por diferentes atores que constituem a cidade. Permitindo o diálogo com as referências culturais e com práticas educativas de grupos sociais, nessa pesquisa procurou-se focar os trabalhos em educação patrimonial, os usos de espaços e sua relação com a memória e as identidades culturais com suas interfaces. (PEIXER, 2002).

Assim os espaços públicos são formados por diversos fatores que ultrapassam o *design* físico. Dessa forma, na construção social estão presentes relações de produções, relações de poder e muitas destas apresentadas na forma de edifícios, de monumentos e de obras de arte. Nestes locais, em muitos patrimônios materializados no concreto, estão as produções e reproduções de lugares específicos para cada grupo social, de suas concepções de mundo, de

suas identidades. Na construção desses espaços são, muitas vezes, impostas as idéias com que devemos nos identificar por meio desses signos e códigos. Normalmente não são construídos como espaços pedagógicos e sim com cunho político, para marcar, tatuar no corpo da cidade, a memória de grupos notáveis, de poderes locais.

Assim, para atingir o objetivo proposto, busca-se nesta pesquisa entender qual o significado destes espaços públicos na cidade e a possibilidade de sua utilização como espaços pedagógicos tão adequados como uma sala de aula.

É no interior de estruturas sociais complexas que as pessoas estabelecem relações de poder e de comunicação, transmitem e apreendem uma cultura e são, por sua vez, produtoras de culturas. Os monumentos constituem-se, assim, um universo específico, que nos foi deixado ao longo do tempo; são documentos e testemunhos que possibilitam o conhecimento, a apreensão da vida, e é nas escolas, nas instituições, que se dá uma atenção renovada ao trabalho interno de produção de uma cultura escolar, que tem especificidades próprias e não pode ser olhada como o mero prolongamento das culturas em conflito na sociedade, apesar de se relacionar com elas.

De acordo com Chartier (1998), a instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços/documentos dessa cultura. Estes documentos configuram, na sua diversidade e variedade, o patrimônio educativo de cada instituição — o espaço físico (edifício e zona envolvente) corporiza esse universo, os espólios arquivístico, museológico e bibliográfico integram os documentos, portadores de informações valiosas e que nos trazem, do passado até ao presente, aspectos da vida da escola e que tornam possível escrever o itinerário da instituição. No âmbito de processos de investigação, a análise destes documentos e a comparação que se estabelece entre as informações que, no seu conjunto, fornecem, permitem-nos conferir sentidos ao passado e compreender também a constituição/consolidação da cultura escolar, na teia das relações que esta estabelece com as outras culturas presentes na sociedade.

Nos últimos anos do século XX, esse mesmo autor observou, como nós, no Brasil, a emergência de um significativo interesse pela escola e pelo seu passado. Os novos olhares que foram dirigidos, pelos investigadores da história da educação, sobre o patrimônio e a história da escola privilegiaram também as memórias dos atores educativos e desenvolveram projetos de investigação e intervenção sobre essas temáticas. Por seu lado, um conjunto significativo de iniciativas, de natureza e objetivos muito diversos, evidenciaram a dimensão mais vasta deste interesse, enraizando-o numa procura social de identidade e de recuperação da memória

em torno da escola. A identificação deste movimento profundo contribuiu para a necessidade de valorizar e recuperar os documentos que a escola foi produzindo sobre ela própria, quotidianamente, na atividade regular com que foi tecendo a sua própria história. Não se pode esquecer que a escola é o espaço onde se fortalece o elo entre o passado e o presente, onde se preservam os conhecimentos – Patrimônios intangíveis – onde se estabelece, e se fortalece, nos educandos a compreensão da importância de preservar o passado para identificar o presente e criar o futuro.

Na intenção de recuperar aspectos da identidade histórica de Lages procuramos dialogar com as referências da educação patrimonial buscando a transformação desses monumentos em espaços pedagógicos, analisando o espaço público urbano não só em relação a sua forma, mas, especialmente, em relação ao que essa forma representa, qual a mensagem que procura transmitir, pois, de acordo com a visão de Gomes (citado por SERPA, 2007):

Dialeticamente, forma e conteúdo são a um só tempo produtos e processos: são autocondicionantes, auto-referentes e historicamente determinados. Na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são, portanto, indissociáveis, e uma discussão sobre o tema passa necessariamente pela difícil articulação entre os aspectos que dão ‘concretude’ à esfera pública urbana e aqueles de cunho mais abstrato, que denunciam seu caráter intersubjetivo e a necessidade de uma abordagem fenomenológica do problema. (p. 15).

Assim, forma e conteúdo, na Arte, são inseparáveis, uma complementa e produz o outro. Quando o artista produz uma obra de arte, coloca nela a sua visão do mundo, sua maneira de pensar e de sentir. Esta maneira de ver as coisas, a espiritualidade do artista (não somente no sentido religioso, mas espiritualidade como a consciência do artista de sua época, de sua vida, de seus valores morais e religiosos) a visão que ele procura imprimir na sua obra a respeito da cultura, da política, dos valores sociais da comunidade em que vive é que constitui o conteúdo da obra de Arte.

Isto não significa que a obra de arte necessariamente represente a figura do artista, mas sim que a ‘alma’ do artista está presente no conteúdo, no significado dessa obra de arte. Cada artista é um ser humano distinto, com seus valores pessoais e seu modo de produzir arte é o modo pelo qual o artista expressa seus valores, de maneira que, se seus valores pessoais fossem outros, produziria de outra forma, talvez até escolhesse outros temas para abordar. Se algum valor pessoal mudar na vida do artista, esta mudança se refletirá na sua arte. O próprio fato de fazer arte se incorpora à espiritualidade do artista, que, para Walter Benjamin (1996), é a sua “aura”. A maneira como o artista dá forma à obra de arte é a expressão da sua

espiritualidade, que por sua vez é única e inconfundível. Este traço pessoal único e inconfundível é que é o seu estilo, é a sua aura.

Para Benjamim (1996), é na reprodutibilidade técnica dos monumentos, na possibilidade de reconhecimento da aura do artista que se pretende contribuir para a construção e consolidação de uma memória educativa e, por este meio, de uma identidade. Neste sentido, importa aprofundar a ligação das escolas aos seus itinerários históricos na cidade, numa perspectiva de valorização dos percursos institucionais e de uma cultura local, promovendo a relação da população, das crianças, com a história local, com o seu passado escolar e criando um sentimento de pertença a essa entidade coletiva. Assim, pretende-se destacar a educação patrimonial, a qual pode intensificar a relação entre a escola e a comunidade, tomando como referência a história e a cultura local, utilizando, como elemento comum, as pessoas, a escola, a memória da cidade, da infância, assim como os objetos materiais e imateriais que convocam essa memória.

Nestas atividades é fundamental utilizar os patrimônios da própria cidade, numa relação direta entre o tempo presente e o passado que lhe está subjacente. Mais uma vez, o lugar central do patrimônio adquire visibilidade e pertinência. Os públicos escolares (e os jovens em geral) constituem também uma preocupação dos projetos desta natureza, visando-se promover uma formação enraizada na trajetória do sistema educativo, das suas instituições e dos processos de ensino-aprendizagem, numa perspectiva de continuidade que forneça referências às inovações da atualidade.

De acordo com Chartier (1998) os alunos já têm sido envolvidos em atividades desta natureza e as temáticas do patrimônio educativo e da cultura escolar devem ser incorporadas nas práticas educativas, em conteúdos curriculares e em trabalhos desenvolvidos pelos alunos, nomeadamente ao nível da sala de aula.

Para Tamanini (2008)³, a apresentação mais aprofundada da Educação Patrimonial exigirá um repensar da prática escolar. Procurou-se, dessa forma, por meio de um ‘estudo de caso’, em três escolas de diferentes esferas de administração — Colégio Santa Rosa de Lima (Administração Particular), Escola Estadual de Educação Básica ‘Nossa Senhora do Rosário (Administração Pública Estadual) e Escola Municipal “Professor Trajano” (Administração Pública Municipal) — repensar a educação patrimonial com os alunos dessas escolas, analisando as leituras comumente feitas em sala de aula e propondo releituras, buscando novas estratégias e reflexões contextuais que possibilitem aos alunos perceberem onde o

³ TAMANINI, Elizabete. Museu é lugar de vida e não de morte. Entrevista concedida a Glória Taga em julho de 2008. In: **Revista Eletrônica História e História**. NEE/UNICAMP.

passado e o presente se mesclam na tentativa de elaborarmos discursos de apropriação desses passados e dos significados dos mesmos para a educação.

Assim, nesta pesquisa, para atingir os objetivos propostos, foram analisados, com a participação dos alunos das três escolas acima mencionadas, os monumentos: ‘O Tropeiro’, ‘O Trançador’ e ‘Os Imigrantes’, criados pelo artista local J.C. Batista, dentro do espaço urbano da cidade de Lages/SC. Procurou-se saber qual a utilização desses monumentos na Educação Patrimonial, e, especialmente, entender qual sua utilização nas escolas acima citadas, da rede municipal, da estadual e da particular da cidade de Lages/SC, de forma a levar os alunos a compreenderem o significado e o significante dos monumentos e, assim, por meio do estudo do patrimônio cultural, compreenderem também a história das hegemonias, difundida a partir dos conteúdos e planos de ensino das escolas da educação formal.

Dentre as estratégias empregadas, foram realizadas “oficinas”, procurando, de forma prática, analisar quais os conhecimentos que esses alunos haviam obtido a respeito do tema ‘monumentos’, já que passavam todos os dias em frente a alguns deles ao virem à escola ou dela voltarem para suas casas ou em qualquer outro caminho percorrido no seu dia-a-dia. Saberiam os alunos o que esses monumentos significam? Que fato ou personagem representam? Ou será que estes monumentos se tornaram tão banais por sua visualização diária que não suscitam, nos alunos, interferências em suas leituras? Como serão as respostas para estas perguntas?

É no espaço público que procuramos analisar os monumentos da cidade de Lages como integrantes da memória e da identidade local, buscando, com essa análise, conhecer um pouco sobre a história da cidade para que possamos entender o diálogo com os monumentos no espaço urbano. A sociabilidade pública, nesse sentido, compreende tanto as práticas interativas por meio das quais as pessoas compartilham experiências comuns, quanto a afirmação das suas diferenças através da espacialização das suas relações sociais, construídas a partir das distintas demandas e sentidos de pertencimento. Assim, de acordo com Harvey (2008) faria sentido pensar na concepção de *espaço público* a partir da constituição dessas diferenças que não apenas se *espacializam nos lugares*, como criam uma dinâmica interativa através da qual dialogam entre si no exercício cotidiano e público da afirmação da alteridade e das relações de poder que reafirmam e contestam as desigualdades.

Para compreender esses espaços, as pessoas terão necessariamente de vivenciar, de algum modo, a presença de diferentes grupos, ainda que essa interação pública muitas vezes implicando uma reelaboração das interações com moradores locais e com a própria população da rua seja atípica, porque mediada substantivamente pelas tensões e disputas advindas das

diferentes e desiguais relações sociais e suas assimétricas modalidades de interação que formam e dão sentido público a esses espaços.

E assim, nesse caminhar, o trabalho apresenta-se como uma poesia, com quatro estrofes, cada uma com um título e um determinado número de versos.

A primeira estrofe, constituída por um único ‘verso’ contém a apresentação do trabalho, que fala sobre o projeto e a metodologia utilizada. A segunda estrofe, intitulada ‘Educação Patrimonial – Nos caminhos da História e da Cultura’ compõe-se de quatro versos, (1. O Patrimônio “Como” História e Cultura; 2. Patrimônio e Educação Patrimonial; 3. LAGES - Aspectos de sua História e Alguns dos Espaços de Valorização Patrimonial, Nesta Cidade e 4. A Obra e o Artista), relatando aspectos da Memória na educação escolar, refletindo o Patrimônio Revisitado, fazendo relações entre A Cidade e o Artista. Na terceira estrofe, os versos falam a respeito do ‘Olhar sobre Educação Patrimonial na Escola’, com a discussão e a análise da Educação Patrimonial nas três Esferas Educacionais de Lages e o relato das observações e das atividades aplicadas. Na quarta estrofe há um diálogo entre a pesquisa e as considerações finais.

No caso dos monumentos criados por Batista, fez-se, aos alunos, as perguntas sugeridas por Franz (2003, p.09) “O que vêem?” E, mais tarde, “Quem me conta se vê, nestas esculturas, um personagem?” É importante que os mediadores das instituições entendam que a primeira abordagem a respeito de um monumento deve ter caráter perceptivo-identificador. Isso quer dizer, ainda de acordo com Franz (2003, p.09) que “o primeiro olhar deve ser dirigido ao conteúdo temático e manifesto da representação(...)”. Faz-se necessário iniciar pela observação objetiva, uma vez que toda a observação é, por natureza, subjetiva.

Mas interessa ressaltar que as perguntas formuladas diante das esculturas remetem a determinada posição que não somente a da estética que se supõe, deve estar, necessariamente, associada à contemplação da obra. Por exemplo, identificar: “É um cavalo, um chapéu, um homem?” Conseguirá, o observador, a partir da identificação desses fragmentos, compreender as relações que se estabelecem em torno do problema da representação proposta pelo escultor? Conseguirá fazer alguma relação com as concepções sobre o espaço e o tempo? Serão os alunos capazes de ir além da obra e dar início às conexões com realidades e formas de pensamento que estão fora da escultura? Quais serão suas perguntas? Respostas a questões dessa natureza constituem um ato de compreensão, que pode ser encontrada no transcorrer desta pesquisa.

2 SEGUNDA ESTROFE: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA E DA CULTURA

“Cultura é todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, do seu trabalho de transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens”.

Paulo Freire.

2.1 O Patrimônio como História e Cultura

Na busca de conhecimentos que pudessem contribuir com minha formação para o trabalho com crianças e jovens da Educação formal e não formal mergulhei na pesquisa sobre os monumentos existentes na cidade (Lages, SC) e considerados como parte do patrimônio desta. Na tentativa de compreender as concepções, representações e interpretações sobre patrimônio, nesta cidade, busquei, em três obras de um artista local, entender o significado histórico e pedagógico das referidas obras e explorar as potencialidades pedagógicas do espaço em que se inserem, relacionando-as com a História, a Cultura e a Arte locais.

É interessante refletir que o monumento permite que seus observadores o “leiam” como se fosse um livro. Quando lemos um livro e, pouco ou muito tempo depois, tornamos a lê-lo, nós o entendemos de maneira diversa. Cada nova leitura, ou de acordo com os dicionários, releitura, nos permite perceber detalhes, antes aparentemente insignificantes induzindo-nos à apreensão de novos significados. A compreensão depende do conhecimento pré-existente que temos a respeito daquilo que ouvimos, lemos ou vemos. Assim, quando passamos diante de um monumento cuja importância histórica desconhecemos, apenas olhamos para ele sem, realmente, vê-lo. Porém, à medida que conhecemos sua importância histórica, seu significado como referência identitária para a cidade, passamos a vê-lo com “outro olhar”. Quanto mais vamos aprendendo a seu respeito mais conseguimos inseri-lo na vida da cidade ou, por extensão, na nossa própria. E cada vez que por ele passamos, fazemos dele uma nova leitura.

O meu desafio, como professora, é mostrar a importância e a necessidade de “educar o olhar” por meio da “leitura” dos monumentos, seja na escola, o olhar de alunos e professores, seja o olhar do cidadão comum, de modo que, quando forem a um museu, quando estiverem em uma praça, em uma igreja gótica ou observarem construções de edifícios que caracterizem épocas, possam interagir e entender a memória impregnada nas obras ali expostas e se reportarem às suas histórias de vida, percebendo assim, que eles também fazem parte deste contexto histórico que ali está representado.

Durante a pesquisa, o meu desafio foi — e, como professora de Arte, continua, sempre, sendo — construir, no coletivo, na prática pedagógica, uma cartografia das memórias, das referências identitárias, uma forma de “leitura do mundo”, para que, quando aqueles que oriento se encontrarem diante de um grupo étnico diverso, de uma pintura histórica, de um monumento, ou de qualquer outra expressão cultural tenham referenciais para compreender as diversidades culturais e suas diferentes manifestações e expressões. Depois de percebidas as possibilidades de novas leituras torna-se possível que estas lhes tragam motivos instigantes para entender o que outrora era por eles definido como feio, sem nenhum conceito, sem nenhum valor moral, intelectual ou estético. Da mesma forma espero que os professores também consigam construir suas práticas educativas, tendo em mente a possibilidade de uso de diversos espaços e referências na sua prática. Estes contextos e espaços rompem os liames da sala de aula e perpassam diversas áreas disciplinares seja nas Disciplinas de Arte, de História, de Geografia ou nas demais.

Também percebo a importância e o alcance social resultante do fato de esses professores usarem a temática “Patrimônio” em suas aulas, usando tal tema não apenas como mero transmitir de um conhecimento, mas sim expandindo-o com inovações de conteúdos que facilitem uma nova modalidade de inserção desta temática nas diversas disciplinas dos currículos escolares de modo a permitir que tal conhecimento possibilite a estes alunos não só interpretarem o mundo no qual vivem, mas, também, nele inscreverem a sua própria história, dentro da História.

E para entendermos um pouco da história dentro da “História” vamos buscar uma pergunta que aparentemente parece ser comum: “O que é Patrimônio?” De modo geral sabemos que ‘patrimônio’ é o ‘bem’ — ou o conjunto de bens — que herdamos, que passam muitas vezes de pais para filhos, como um bem material de pedra e cal. Mas a questão que buscamos é mais profunda, pois procura-se entender o sentido amplo dessa palavra.

Ultimamente o assunto “patrimônio histórico” está sendo muito discutido nas revistas, nos jornais, na televisão, o que pode contribuir para um maior aprofundamento nos estudos

acerca deste tema. Muitas vezes, a ênfase dada é somente às construções antigas dando-se-lhes o nome genérico de ‘patrimônio histórico’. Dessa forma, pode-se despertar algum interesse pelo tema, mas se faz necessário um aprofundamento nos estudos para que a definição não se perca pelo conceito genérico (LEMOS, 2006).

Na verdade, sabemos que a expressão “Patrimônio Histórico” abrange muito mais do que construções antigas e que, além disso, trata também da preservação do patrimônio. Gonçalves (1996) traz reflexões sobre as limitações e as possibilidades que a noção de “patrimônio” oferece e como aprendemos a usar a palavra. Para Gonçalves:

Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéricos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limites para o processo de qualificação da palavra ‘Patrimônio’ (p. 22).

Realmente, parece que não há limites para o uso desta palavra, cuja simples menção lembra o constante transitar entre passado e presente, pois o hoje só pode considerar “Patrimônio” a obra ‘ontem’ criada. Assim, sem o estabelecimento de fronteiras — nem espaciais, nem temporais (um ‘patrimônio’ pode ter sido criado aqui ou algures, há algumas décadas ou há centenas de anos) — repetimos, sem o estabelecimento de fronteiras na formulação do conceito de ‘patrimônio’, este conceito, provavelmente, nunca estará estabilizado já que sempre poderá ser alterado conforme o desenrolar cotidiano dos acontecimentos e de acordo com os novos olhares sobre o já criado. Na medida em que os historiadores vão exercendo suas funções em prol desses patrimônios não haverá nada que tenha morrido ou que tenha sido esquecido com o passar do tempo, pois sempre haverá diálogos, sejam eles realizados no seio da mais avançada civilização ou:

nas sociedades tribais, onde o colecionamento traduz a formação de patrimônio sendo possível transitar de uma cultura a outra, em conceitos sociais e culturais não modernos e confunde-se com a de propriedade; esses bens nem sempre possuem característica de utilitários. Há pouco tempo surgiu um novo conceito de patrimônio com a qualificação de “imaterial” ou “intangível”, opondo-se ao patrimônio de pedra e cal: aquela concepção que visa a aspectos da vida social. Esses bens intangíveis são classificados como as receitas, as danças, a música. Não se propõe o tombamento mas sim o registro desses bens de acordo com o contexto atual. (GONÇALVES, 1996, p. 27).

Continuando com a reflexão sobre Patrimônio, Lemos (2006) salienta três categorias: a primeira delas, ligada ao meio ambiente, engloba os recursos naturais como os rios, os peixes desses rios, a água; a segunda tem como objeto os conhecimentos e técnicas do saber fazer; e uma terceira preocupa-se com os aspectos culturais, sejam eles materiais ou imateriais.

Assim, para definir o que é 'Patrimônio', necessariamente temos que refletir sobre o conceito de cultura e de memória.

Pino (2005), ao definir cultura, refere-se a literatura, cinema, arte, entre outras manifestações culturais, porém seu significado é bem mais abrangente, pois cultura pode ser considerada como tudo que o homem, através de sua racionalidade, de sua inteligência, consegue executar. Assim, artes, ciências, costumes, sistemas, leis, religião, crenças, esportes, mitos, valores morais e éticos, comportamento, preferências, invenções e todas as maneiras de ser (sentir, pensar e agir), são elementos culturais. Dessa forma, considerando-se que todos os conhecimentos adquiridos são passados de geração em geração, torna-se fácil compreender que todos os povos e sociedades possuem sua cultura, por mais tradicional e arcaica que seja. A cultura é uma das principais características humanas, pois somente o homem tem a capacidade de criar ou assimilar e de desenvolver a cultura do meio em que vive, e é essa a principal característica que o distingue de outros seres vivos, como vegetais e animais.

A nossa cultura é desenvolvida através de nossas gerações e, segundo Laraia:

é vista de forma diferente pelo homem conforme sua lente. É pelo olhar dessa lente que o homem vê o mundo, apreciando diversos comportamentos sociais e mesmo tendo a postura corporal, fazendo parte do resultado de uma determinada cultura e a isso podemos entender fatos de indivíduos de culturas diferentes como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a diferenças lingüísticas (2007, p. 68).

Mesmo com as mudanças ocorridas no mundo, a cultura é repassada através das gerações constituindo-se em uma memória coletiva. Sendo a cultura um elemento social, visto que não se desenvolve individualmente, é na lembrança que buscamos os fragmentos dessa cultura que, construída nas relações sociais, fica armazenada na nossa memória, passando a ser de domínio coletivo.

Uma “memória” pode “existir”, pode “concretizar-se” no momento em que nos leva a vários lugares e a qualquer época, pois podemos ligar a memória a, por exemplo, uma lembrança de nossa infância. E qualquer fato — às vezes uma simples palavra, uma paisagem, uma pessoa, um perfume, uma flor, uma cor — pode “ligar” a memória. Para exemplificar, ao escrever tal assertiva nessa pesquisa, minha memória me fez voltar à minha infância, e eu

tornei, mentalmente, a “vivenciar” determinada ocasião. Fechei os olhos e me senti criança, brincando com palitos de picolés, fincados na terra para estabelecer espaços de uma brincadeira. Lembranças marcantes, independente da data em que aconteceram, voltam à memória mais facilmente.

Portanto, a lembrança, a memória de algo, pode, temporária e aparentemente, ser esquecida; mas, pode tornar a ser ‘vívida’ e re-vívida, várias vezes, na medida das lembranças e experiências pessoais. Hoje eu posso ‘dialogar’ com uma lembrança da qual, amanhã, nem mais me lembro, mas, daqui a alguns anos poderei voltar a vivenciá-la. O presente é agora, em alguns minutos tudo já é passado e fará parte dessa memória. Posso estar aqui, como posso estar na escola ou em outra cidade, até em outro país, o fato é que a memória se constitui e vem cheia de sentimentos; ela tanto pode ser individual como pode ser coletiva. Esses processos de lembranças que a memória nos traz é resultado de um tempo vivido, que às vezes volta à tona, de forma consciente ou inconsciente, dependendo do contexto do momento em que essa ‘memória’ ressurge.

Ao re-visitarmos os muitos significados atribuídos à *memória*, é obrigatório partimos das considerações de Maurice Halbwachs, para quem o conceito deve ser entendido enquanto um conjunto de representações coletivas. Nesta perspectiva, três são as principais características da memória:

[...] a crença de que memórias só podem ser pensadas em termos de convenções sociais, denominadas quadros sociais da memória; a abordagem a estas convenções a partir do mundo empírico observável, distante, portanto, das intenções dos indivíduos; e, as afirmações de que o passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente no presente. (2004, p. 107).

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (2004) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina ‘comunidade afetiva’. E dificilmente nos

lembramos de algo fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem, assim, uma importante função: a de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico.

A memória se modifica e se rearticula conforme a posição que ocupo e as relações que estabeleço nos diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto e a censura, entre outros. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Oriá (2004) a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta e de definição de poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Desse embate resultam, entre outras, as escolhas dos fatos que integram os currículos escolares. O que será lembrado, que datas receberão atenção e comemoração, que histórias, consideradas importantes para todos, deverão figurar nos livros e quais os saberes necessários aos alunos para receberem aprovação.

Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias, tanto a individual quanto a coletiva, têm, nos lugares, uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

A cultura e a memória andam juntas como os dois lados de uma moeda e é nesse andar com atitude cultural que nos identificamos como cidadãos. São nossos princípios morais, intelectuais e éticos que definem a nossa identidade.

A memória é essencial para a nossa identidade, pois nos distinguimos uns dos outros a partir das raízes de onde, quando, e, principalmente, com quem convivemos. Nessa convivência existem as lembranças que contribuem para a formação da identidade. Também é pela identidade coletiva que conseguimos distinguir aspectos de um povo, como por exemplo, suas crenças, ritos e experiências comuns que formam a identidade particular. Na convivência com diversos grupos identitários vão se entrelaçando informações, formando uma “linguagem” comum. É na mistura das etnias que se forma um número grande de ‘bens’ que compõem o patrimônio cultural de um povo, de um município ou até de uma nação, reforçando a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social.

Mas se entendemos o que é Patrimônio, devemos entender muito mais de como preservar um Patrimônio. No Brasil a preocupação com a preservação do Patrimônio surgiu no final da década de 20. No entanto, somente em 1936, no governo de Getúlio Vargas, é que Mário de Andrade — que fazia parte do Departamento de Cultura da época — recebeu, do então Ministro Capanema, a solicitação para criar um projeto destinado a preservar os “bens” constitutivos do Patrimônio brasileiro. (ABREU & CHAGAS, 2003; LEMOS, 2006). Segundo Lemos surge, então, um Projeto, digno de elogios, o qual, em 1937, é transformado em Lei. Mário de Andrade (citado por LEMOS, 2006, p. 38), dizia: “Entende-se por Patrimônio Artístico e Nacional, todas as obras de Arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais, a particulares nacionais e a particulares estrangeiros, residentes no Brasil”.

Mário já tinha visão da importância dos bens materiais e imateriais resguardando-os na totalidade. Ele já sabia que a preservação deveria ir além das “casas grandes” e “senzalas”, que o patrimônio de um povo já deveria estar protegido. Lemos relata em sua obra, as idéias de Mário de Andrade a respeito de Arte:

Arte é uma palavra geral, que neste seu sentido geral significa a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos. No seu projeto Mário de Andrade agrupava as obras de arte em oito categorias ‘Arte arqueológica; ameríndia; popular; histórica; erudita nacional; erudita estrangeira; aplicadas nacionais e aplicadas estrangeiras. (...) Dentre as obras de arte arqueológica e ameríndia englobava toda sorte de objetos, como fetiches, instrumentos de caça, de pesca, de agricultura, objetos de uso doméstico, veículos, indumentária, jazidas funerárias, sambaquis, inscrições rupestres e inclusive elementos das paisagens, do meio ambiente. Nisso tudo, é claro, estavam incluídos os vocabulários, os contos, as lendas, as magias, a medicina e a culinária dos índios, etc. (2006, p. 39).

Mas com as novas políticas públicas então vigentes, o projeto de Mário de Andrade é reformulado. Na época, em consequência dessa reformulação, apenas os designados

“patrimônios de pedra e cal”, ou seja, bens materiais ou tangíveis, ficaram protegidos pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O SPHAN nasceu no governo do Presidente Getúlio Vargas e este órgão público, agora com o nome de IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), desde então vem atuando no processo de “resgate” do Patrimônio Cultural, pela sociedade. A palavra ‘resgate’ aqui usada não é no sentido de práticas comuns, usadas por profissionais da saúde nas ações hospitalares ou pelos socorros prestados por profissionais do corpo de bombeiros ou por policiais. No contexto aqui discutido, a palavra “resgate” é usada no sentido de proteger um “bem” considerado como valioso, histórica e/ou culturalmente, e que se encontre ameaçado de desaparecer pela ação do tempo ou do próprio homem, ou seja, “resgate” no sentido de preservação que pode ser baseada tanto em valores materiais ou imateriais, assim considerados por especialistas da área, quanto em valores que representam interesses de grupos que passaram a pôr em destaque a dimensão social e política de uma atividade que costuma ser vista como iminentemente técnica.

Já naquela época, Mário de Andrade entendia que o patrimônio cultural brasileiro não deveria se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história “oficial”, em que, sobretudo, as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira – índios, negros, imigrantes, as classes populares em geral. (INCR, 2000).

Hoje o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) já prevê em suas Leis de preservação, muito do que Mário classificava como ‘Patrimônio’, do que é importante para um povo, para uma nação, incluindo não apenas os bens materiais, mas também os imateriais, tais como os acervos dos museus, documentos textuais e, dentre outros, os chamados bens intangíveis, assim reforçando a história e a tradição de cada povo.

O IPHAN, em suas diretrizes, vem concentrando seus esforços na proteção dos bens patrimoniais do País, redigindo uma legislação específica, preparando técnicos e realizando tombamentos e restaurações que assegurem a permanência da maior parte do acervo arquitetônico e urbanístico brasileiro, bem como do acervo documental, etnográfico, das obras de arte integradas e dos bens móveis. Em sua luta pela proteção do patrimônio cultural, estendeu seu raio de ação à proteção dos acidentes geográficos notáveis e das paisagens agenciadas pelo homem (IPHAN, 1999 citado por MORAES, 2008:05).

O que o IPHAN vem resgatando e protegendo são bens que, durante muitos anos, com a quase inexistência de políticas públicas e de ações de efetiva proteção, ficaram à mercê do tempo que, muitas vezes, corrói, ou deteriora, provocando o desmoronamento, e das ações

humanas que, por desconhecimento do valor de uma determinada obra, inúmeras vezes são tão ou mais destrutivas que o passar do tempo. Com esse descaso, muitas ‘memórias’ foram se perdendo.

Gonçalves (1996), em sua obra “A Retórica da Perda”, traz reflexões lembrando que, durante décadas, perderam-se componentes fundamentais das nossas identidades culturais ligadas à modalidade europeia. E no Brasil esses componentes e artefatos também foram perdendo sua identidade.

Nesse aspecto é interessante lembrar que, com o objetivo de preservar, algumas vezes alteram-se características, ou finalidades, de alguns artefatos. Muitos desses demoram a ser danificados pelo uso prolongado. Assim, muitos artefatos, antes de sua preservação definitiva, passam a ter utilidades diferentes ou podem ter os seus fins utilitários originais redirecionados e aproveitados com finalidade diversa daquela para a qual foram criados. Por exemplo, um antigo prato de porcelana, um dia ‘saiu’ da mesa de nossos avós e foi parar na parede de um colecionador rico, transformando-se em obra de arte preservada. (LEMOS, 2006:13). Ou, uma chaleira de ferro de nossos avós, que há várias décadas aquecia a água no fogão à lenha, hoje não passa de uma mera peça decorativa em uma sala de estar. Para Lemos (2006), um velho motor de carro há muito fora de circulação, pode estar hoje acionando um gerador de eletricidade de uma longínqua fazenda do sertão. Assim, podemos acrescentar à lista um sem número de artefatos, componentes fundamentais em culturas diversas, vinculados a outros grupos étnicos, como os povos indígenas e africanos.

E isso ocorre não apenas com artefatos. Também no que se refere a patrimônios arquitetônicos pode haver redirecionamento de suas finalidades pois também um antigo palacete do período ‘barroco’, outrora aconchegante lar de alguma família nobre, pode hoje estar transformado em hotel para turistas ou, na melhor das hipóteses, em Museu. Aliás, em Lages, há um antigo prédio escolar (Grupo Escolar ‘Vidal Ramos’) já tombado como Patrimônio Histórico e que passará, em breve a ser utilizado como Museu. Esses “detalhes” trazem alguns desafios para as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural. Na visão de Gonçalves,

o patrimônio cultural jamais é resgatado em sua totalidade, mas por intermédio dos fragmentos, que exigem ser cuidadosamente resgatados, restaurados e preservados. Na medida em que seus componentes são descontextualizados, retirados dos contextos originais, no passado ou no presente, e reclassificados nas categorias das ideologias culturais que informam as políticas oficiais de patrimônio. (1996, p. 112).

O que se entende é que o Patrimônio de uma nação, de uma região ou de uma sociedade sofre alterações e, na história do homem, nunca se estabeleceram critérios abrangentes e, ao mesmo tempo, limitadores, em relação ao que deve ser preservado. Nessa perspectiva é importante salientar o histórico do estabelecimento da noção de Patrimônio, para compreender melhor o desenvolvimento deste trabalho na concepção de preservar. Para Tamanini (2008), em recente palestra ministrada no museu Thiago de Castro, na cidade de Lages/SC, a palavra tem diferentes sentidos, porém, o mais significativo é que, de acordo com esta autora, “o uso deste conceito é muito recente na história da preservação e conservação. A partir da revolução francesa estas questões da publicização da herança, da memória e do patrimônio adquiriram um sentido de ‘direito coletivo’, ou de luta para ser de direito coletivo comunitário”. Em sua fala, ela lembra que “Patrimônio vem de algo que herdamos, paterno, familiar.” Assim, o caráter da reflexão, neste momento, caminha para o sentido e o pertencimento do patrimônio herdado. O que se preservou, o que se escolheu para se preservar quase sempre foi o patrimônio das elites. Hoje porém, ainda de acordo com Tamanini, o que se deseja é que as decisões a respeito do que queremos e do que devemos preservar como patrimônio, sejam tomadas coletivamente:

Não são os técnicos e cientistas que detém condições estruturais que decidirão, tampouco os museus terão autonomia para escolherem e decidirem, mas sim o conjunto das representações sociais é que decidirão a respeito das memórias, das identidades que podem significar o patrimônio social a ser conservado e preservado. (TAMANINI, 2008).

Muitas vezes, no entanto, parece-nos que tanto o termo ‘conservar’ quanto o termo ‘preservar’ é compromisso dos outros e que não nos compete essa terminologia. Talvez as pessoas, de modo geral, alimentem esse pensamento pelo fato de não conhecerem o sentido amplo da palavra ‘patrimônio’ ou por não se sentirem inseridas no contexto socio-histórico-cultural em que vivem. Muitas vezes saímos da nossa região onde tudo parece tão feio, e valorizamos outros lugares, porque desconhecemos a nossa identidade, e também, porque, ao longo dos anos, temos enfraquecido nosso patriotismo. Muitas vezes temos até vergonha de ser brasileiros, como se não fizéssemos parte dessa memória. Para Choay,

a emergência do patrimônio histórico com a denominação de antiguidades, ilustra o desdobramento do projeto humanista, em face a edifícios e objetos que o uso cotidiano transformou em meio ambiente, familiar, presente desde sempre, pois as antiguidades funcionam como espelho. Espelho que cria um efeito de distância, de afastamento, propiciando um intervalo onde se haverá de instalar o tempo

referencial da história. Espelho que mostra também à sociedade, uma imagem desconhecida, ainda por definir, de si mesma, como alteridade (2001, p. 205).

Assim, preservar não é só guardar um objeto, uma chaleira, ou uma panela. Preservar é aprender a guardar os depoimentos de nossos avós, a música de que eles gostavam, é manter a chama dos nossos costumes, é ter sensibilidade e capacidade de ver além das aparências ao olhar o sítio, a natureza, os rios, o meu bairro, a minha cidade. Preservar é, antes de tudo, ter conhecimentos, ter sabedoria, é ser sensível para apreciar o sublime, pois não raro esse ‘preservar’ está inserido no seio familiar. Este ambiente familiar comumente faz com que nosso olhar passe por referenciais da história sem percebê-los porque determinadas situações ou posicionamentos diante do ‘diferente’ — do ultrapassado, do anacrônico — nos levam a criar obstáculos e a desviar nosso olhar daquilo que poderia “ser visto” como uma rica fonte de entendimento do passado se tivéssemos conhecimento da possibilidade de “um outro olhar” sobre o ambiente que nos cerca.

Assim a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas (SAIAD citado por ORÍÁ 2004, p. 128).

Uma das formas de entendermos melhor esse processo relacionado a “Patrimônio” e de nele estarmos inseridos é nos envolvermos com as políticas de preservação, pois, por meio delas pode-se perceber melhor não só a necessidade mas também a ‘melhor forma de cuidar do patrimônio cultural, construído não só com pedra e cal mas constituído por referências importantes na construção identitária dos grupos sociais. Como salienta Regina Abreu & Chagas (2003, p. 106), “valorizar o ‘bem’ e desejar evitar o perigo de destruição constituem os gestos básicos da coreografia preservacionista que, a rigor, traduz um esforço e um anelo de prolongamento da vida social do bem cultural”.

Ainda para esta autora, o sentido de toda e qualquer possibilidade de preservação deve sempre se pautar pelo uso social desse bem: “é na vida e no uso social do bem cultural que reside o sentido da preservação” (ABREU & CHAGAS, 2003, p. 106). O bem preservado pode e deve ser usado como espaço de memória, de identidade, por conseguinte como espaço educativo, porém, isso não implica, necessariamente, a possibilidade de ele ser utilizado por toda e qualquer coletividade como referência de memória, ou como recurso de educação, de conhecimento, de transformação, de sobrevivência de uma cultura.

Paulo Freire (2006) ressalta que a tarefa de “ensinar” só se efetiva quando gera diálogos entre o docente e o discente. Assim, para entender o valor de um Patrimônio é preciso que exista um diálogo de compreensão social formando uma sociedade educada e educativa. Na medida em que a sociedade participar da escolha dos bens que deverão ser preservados para a posteridade, saberá compreender esses espaços de preservação entendendo o significado de sua identidade, sua memória dentro da história. Compreendendo o processo de educação patrimonial, saberá valorizar os bens que constituem um Patrimônio, tangível ou intangível.

2.2 Patrimônio e Educação Patrimonial

Ao refletirmos sobre Patrimônio Histórico, lembramos Eric Hobsbawm que alerta para a possibilidade, muito próxima, de ocorrer, a respeito desse assunto, uma inimaginável alienação coletiva de resultados imprevisíveis. Segundo Hobsbawm:

A destruição do passado,(...) dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. Em 1989 todos os governos do mundo, e particularmente todos os ministérios do Exterior, do mundo, ter-se-iam beneficiado de um Seminário sobre os acordos de paz firmados após as duas guerras mundiais, que a maioria deles aparentemente havia esquecido (citado por JANOTTI, 2004, p. 42).

Se, para esses governantes, que estão envolvidos nas políticas públicas, esquecer momentos da História é um fato real, comum, por que nós, meros cidadãos, iremos lembrar? E nossos jovens, nossas crianças, como irão lembrar de coisas que não vivenciaram e das quais mal ouviram falar? Se não tivermos nenhum envolvimento ou conhecimento ficamos imunes às lembranças. Em contrapartida, estaremos à mercê daqueles que, por vezes, seja por ignorância, seja por esquecimento, ou seja em proveito próprio, deturpam os fatos históricos. Assim, precisamos estar envolvidos com o que ocorre hoje e ter cuidado com apresentações inverídicas, ou incompletas, do passado, para que não nos sejam impostos discursos dominadores, inverdades, versões fragmentadas, habilmente manuseadas, e falsas memórias. É importante não esquecer que os temas mais recentes são, geralmente, lembrados, por todos, às vezes até com saudade. No entanto, quando, aos nossos jovens e crianças, são lembrados os

temas do passado — que constituem a História — eles costumam dizer: São “coisas fora de moda”.

Como cidadãos, precisamos conhecer a história para questionar acontecimentos do presente, embora muitos destes falem por si sós. Já em relação aos acontecimentos do passado, é necessário que se tenha conhecimento do contexto em que ocorreram para que se possa entendê-los. Como salienta Walter Benjamin:

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio, nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo passado é vivido na rememoração (1996, p.232).

Assim, ainda de acordo com Benjamin (1996, p. 229-30), “a História é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’ (...) o atual (...) é um salto de tigre em direção ao passado”. E o autor continua, dizendo que este ‘salto’ “se dá numa arena comandada pela classe dominante”.

Dessa forma, em relação à ‘escolha’ de algo que relembre o passado e o ‘atualize’ na memória coletiva ao se transformar em “Patrimônio”, geralmente, é esta ‘classe dominante’ que dá ‘o salto do tigre’, ou seja, a última palavra.

Nessa linha de reflexão, podemos observar a proliferação de estátuas comemorativas que surgiram no final do século XIX e início do XX, tentando ter em mente fatos vividos para serem rememorados, como salienta Canclini (2003). Assim, esse passado muitas vezes é reconstituído através dos monumentos, que, ao serem ‘criados’, recriam, materializam um período, um fato, passando, esses monumentos, e também o seu entorno, a constituírem-se como ‘organismos políticos’ por meio dos quais se estabelecem novas imagens a respeito de governos e a respeito da Pátria. A proliferação dessas estátuas comemorativas, no final do século XIX e início do XX, indicam, também, a modificação do calendário com a recuperação de algumas datas nacionais. De acordo com este autor, alguns monumentos são, muitas vezes, mais do que uma real reverência a fatos passados, uma demonstração da técnica política adotada por administradores que desejam eternizar na memória da cidade a sua temporada de comando ou as forças que os representam.

De acordo com Canclini (2003) os símbolos que compõem uma identidade social não são constituições complementares arbitrárias ou aleatórias, já que mantêm determinados elos com a realidade concreta. No entanto, poucos são os que se beneficiam — como poderiam e, até, como deveriam — desses espaços, teoricamente comuns a todos. É por tal razão que esta

pesquisa teve como objetivo analisar, com a participação dos alunos da Educação Básica, os monumentos existentes na cidade, os quais fazem parte do patrimônio cultural de Lages/SC, de forma a buscar o significado e o significante⁴ de cada um. Nossa pretensão foi — por meio da análise, conjunta, desses monumentos — indicar, aos alunos dessa faixa etária, principalmente aos que participaram dessa análise, uma forma de se beneficiarem desses monumentos, aprendendo, com a história dos mesmos, a história das hegemonias — presentes e passadas — e só conhecidas, de maneira formal, pelos conteúdos que constam nos planos de ensino das escolas que freqüentam.

Nas interferências que acontecem nos espaços públicos da cidade contemporânea aparecem muitas pessoas com discursos diferentes, com críticas diferentes e essas intervenções criadas pelas pessoas fazem ‘histórias’ na cidade e no espaço que é de todos.

Para Canclini:

essas imagens sugerem modos diversos segundo os quais hoje são reutilizadas as tradições e os monumentos que as consagram. Certos heróis do passado sobrevivem em meio aos conflitos que se desenvolvem em qualquer cidade moderna, entre sistemas de signos políticos e comerciais, sinais de trânsito e movimentos sociais. (2003, p.300).

Assim, cada monumento é testemunha imóvel e silenciosa do que acontece a seu redor ao mesmo tempo em que, ao fazer parte da paisagem, nela interfere. Mas é preciso lembrar que cada monumento lembra não só algo ou alguém do passado mas também a visão da época em que foi criado e a de quem o criou.

Como afirma DaMatta (2000), esses espaços não são “espaços” somente relacionados ao momento histórico que representam ou ao local em que foram erigidos, mas também as ‘esferas de ação social’ específicas. Em cada uma dessas esferas existem valores e idéias peculiares que guiando ou influenciando o comportamento dos agentes em determinada direção, determinam, em cada caso, dentro de uma hierarquia sócio-histórico-política, que monumentos devem ser criados. Assim, a escolha do monumento/patrimônio é, basicamente, social, mas aliada à escolha particular, em que prevalecem os sentimentos, obedecendo, portanto, também a uma hierarquia baseada na afeição que é sempre gradativa e particularizante.

⁴ Para Saussure, os sinais lingüísticos se compunham de duas partes, um significante (padrão sonoro da palavra, seja sua projeção mental ou sua realização física como parte do ato de falar) e um significado (o conceito ou aquilo que aquela palavra quer dizer), utilizados em arte, como o estudo da linguagem que são tomadas como sistemas sígnicos (pintura, fotografia, cinema, música, quadrinhos, publicidade, culinária, vestuário, gestos, religião, ciência etc.) (SANTAELLA, 1985).

Entende-se, assim, que monumentos ou “pontos” marcados pelos governantes podem se constituir também como um espaço de conhecimento, de interpretações da tradição, de forma geral, tomando essa palavra sempre num sentido amplo, e nunca como termo restrito, considerado somente como algo do passado ou caricatura das relações sociais em tempos passados.

De acordo com CHOAY (2001), estes “espaços”, que representam costumes e tradições, revelam ‘imaginários’, revivem “memórias”. O autor/artista, ao construí-los, ao servir-se dessas ‘memórias’, involuntariamente, pode interferir na representação das tradições, algumas vezes alterando-as de acordo com suas reminiscências. Dessa forma, monumentos, são espaços que dialogam em busca de algo perdido no tempo, são uma forma de ‘discursos’ que expressam processos de redescoberta do mundo.

Considera-se, então, de acordo com Hobsbawn (citado por OLIVEIRA, 2004), que esses pontos (monumentos) podem auxiliar no encaminhamento das questões relacionadas à História, à cultura e às tradições pois a construção do monumento poderia ou pode ser interpretada como momento específico do percurso histórico da “Invenção de Tradições” a partir do lugar do exercício do poder político.

Dessa forma, a memória pode refletir as causas dos acontecimentos atuais, iniciados como reflexo de ações e pensamentos anteriores, trazendo lógica a esses acontecimentos e oferecendo uma perspectiva para ações futuras, pois, conforme Abreu & Chagas:

Nesse sentido, (...) parece claro que a transmissão da memória política, ao valer-se de documentos, no sentido mais amplo do vocábulo, tem também uma intenção pedagógica, um desejo de articulação entre os que foram e os que vieram depois, uma vontade de formar e produzir continuidades (2003, p.144).

Assim, um Monumento é um documento, é uma das formas de, perpetuando o passado, se entender o presente, ligando fatos e acontecimentos às suas causas e conseqüências. De acordo com Gomes (2002):

é evidente a dificuldade de muitos pesquisadores quando se trata de relacionar as dimensões políticas e sociais de uma esfera pública urbana e os aspectos formais e estruturas dos espaços públicos “concretos”. Dialeticamente, forma e conteúdo são a um só tempo produtos e processos (...) historicamente (...) determinados. (...) forma e conteúdo são, portanto, indissociáveis, e uma discussão sobre o tema passa necessariamente pela difícil articulação entre os aspectos que dão ‘concretude’ à esfera pública urbana e aqueles de cunho mais abstrato, que denunciam seu caráter intersubjetivo e a necessidade de uma abordagem fenomenológica do problema (citado por SERPA, 2007, p.15).

No trabalho com educação patrimonial e valorização da História e da Cultura, como podemos observar, perpassam também concepções sobre o que é o passado. Como lembra Walter Benjamin “(...) existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram. (...) Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”... (1996, p. 223/224).

Mas, nos “ecos das vozes que emudeceram”, escutamos também ecos nos lembrando sobre a importância de preservar essas memórias e, no Brasil, onde a máxima de ser um “país sem memória” foi, durante muito tempo, a bandeira dos movimentos contrários à política de preservação, onde esta era considerada superficial e de pouca relevância, o Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, nos mostra o quão jovem ainda é essa temática sob a preservação do patrimônio. Entretanto, essa situação começa a mudar no final do século XX, quando a memória e a história dos grupos populares começam a ser valorizadas. Conforme estudos de Oriá (2004), a partir das décadas de 70 e 80, vimos a emergência dos movimentos sociais populares, cujos protagonistas foram os trabalhadores, as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais, reivindicando direitos como cidadãos e participantes desses processos decisórios. Esses movimentos colocam o interesse pelo “resgate” de sua memória, como luta e afirmação de sua identidade étnica e cultural.

Muitos destes ‘excluídos’ pagaram com a vida por seu protesto. Suas mortes, porém, não foram em vão: os movimentos de revolta durante os quais perderam sua vida conseguiram que a Lei fosse modificada, passando a vigorar em favor dessas classes oprimidas. Considerados como os enjeitados sociais, estes cidadãos persistiram na busca de seus direitos, tentando mudar a realidade escrita até então. Nos últimos anos observa-se a luta pela preservação da memória, seja nos movimentos sociais, seja nas lutas da mulher, do negro, do índio, do oprimido, da cidade, do bairro, e, nessas ações, todos buscam os elementos de identificação de seu projeto social, todos acreditam na reversão de um quadro triste pintado por quem não tem sensibilidade. Na atualidade já começam a se multiplicar “as casas de memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus, (...). Os movimentos de preservação do Patrimônio Cultural e de outras memórias específicas já contam com força política e têm reconhecimento público” (MENESES, citado por ORIÁ 2004, p. 129). Porque um povo sem memória constitui-se em alvo fácil no sistema de exploração capitalista e é necessário que essa ‘nova pintura’ já comece a pincelar outros quadros, com algumas novas cores de uma nova realidade.

Concordo com Oriá quando diz que hoje a temática relacionada a ‘Patrimônio’ já não está muito distante, mas há ainda um bom caminho a ser percorrido, principalmente na aproximação com as práticas escolares, com os currículos, com os saberes, com os temas trabalhados em sala de aula. Penso que já se pode alinhar alguns pontos nos currículos escolares, dividindo reflexões junto aos docentes para se trabalhar a interdisciplinaridade. É nesse caminho que buscamos direcionar essa pesquisa, na tentativa de unir os trabalhos com Educação Patrimonial aos dos currículos normalmente desenvolvidos nas escolas, vindo, dessa forma, a enriquecê-los.

Neste contexto que envolve patrimônio e educação buscamos entender como a escola trabalha com a valorização da memória, da História e da Cultura, ao apresentar tais assuntos aos alunos. Ou seja, como trabalha com Educação Patrimonial, essa temática ainda considerada discussão periférica na área da educação.

Socializar o conhecimento produzido pela História, é preocupação de alguns educadores que buscam preparar melhor as futuras gerações. Paulo Freire entendia que a principal função da educação é seu caráter libertador. Para ele, ensinar seria, fundamentalmente, educar para a liberdade, a “educação para o homem-sujeito” (1984, p. 36). Compreendia a educação, não como condicionamento social, mas voltada para a liberdade e a autonomia. Desta forma, a Educação Patrimonial, em suas formas de mediação, possibilita a interpretação dos bens culturais, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania. Conseqüentemente, gera a responsabilidade na busca, na valorização e na preservação do Patrimônio, seja ele material ou imaterial.

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária, e no próprio processo educacional. O uso leva à aquisição de novas habilidades e conceitos. Há alguns estudos que refletem sobre essa relação entre escola e educação patrimonial. Segundo Garcia, a escola deve ensinar a ‘degustar’:

a poesia chinesa clássica, as pinturas rupestres de Altamira e de Lascaux, a concepção arquitetônica das malocas dos índios brasileiros, as esculturas africanas contemporâneas são tão importantes quanto um concerto de Xenakis, uma pintura de Picasso, um poema de Drummond de Andrade, um filme de Ingmar Bergman, um vídeo de Bill Viola, um balé de Marta Graham ou uma fotografia de Sebastião Salgado (2001, p. 46).

A educação patrimonial é assunto de fundamental importância pois contribui para o conhecimento da História, da memória e da identidade do grupo. O trabalho com crianças e jovens, a partir da escola, pode abrir um espaço de reflexão importante na formação e constituição da Cidadania, pois o Patrimônio Cultural contribui para a materialização dos laços que unem, histórica e geograficamente, um povo, reforçando a auto-estima das populações, gerando sentimentos nobres de solidariedade, compromisso e sentimento pessoal de “pertencimento” a determinado grupo, localizado temporal e geograficamente. No entanto, para a formação cultural das crianças e jovens, para levá-los a entender as diferenças entre as visões da modernidade, de acordo com Canclini (2003, p. 18) não é suficiente recorrer a esse princípio do pensamento moderno segundo o qual as divergências ideológicas se deveriam ao acesso desigual que cidadãos e políticos, trabalhadores e empresários, artesãos e artistas têm aos bens.

Assim, ainda conforme Canclini, cada olhar ou pensamento busca a relação entre o sentido e o valor daquilo que entende dos cruzamentos no contexto sociocultural em que cada indivíduo está inserido.

Dessa forma, discutir a respeito desse processo de ensino e aprendizagem e estimular, nos alunos, o interesse pela preservação da memória individual e coletiva, favorece a construção de uma nova cidadania por meio de processos com grande hibridação cultural. Assim, essa discussão torna-se, de certa forma, instigante, levando os professores, especialmente os das disciplinas de Arte, Geografia e História, a discutirem com seus alunos a importância da valorização desses elementos que compõem as nossas identidades culturais.

Para transitar por temas transversais é importante perceber que:

nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente (...) capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada (BENJAMIN, 1996, p. 232).

De acordo com o pensamento de Walter Benjamin, o educador pode fazer uma “viagem no tempo”, pode levar seus alunos a “entrarem” em um fato histórico anterior, para que, compreendendo-o melhor, possam construir as ligações entre tal fato e a época contemporânea, permitindo, assim, que o aluno se situe, mentalmente, entre ambas as épocas e seus acontecimentos, o que os levará a relacionar, de forma mais clara e fácil, a hibridação desses patrimônios históricos, valorizando o “bem” que, compreendido, ‘já não está mais no

passado'. Na procura de um novo olhar na educação, nos reportamos a Gonçalves, que, ao falar a respeito do que ele próprio escreveu, coloca:

esse distanciamento, no entanto, ao nos facilitar a percepção daqueles limites, sugere que é tempo de não mais nos satisfazermos com a simples repetição celebratória dos discursos e das políticas daqueles personagens. Se mudamos apenas a partir do momento em que nos conhecemos, em que tomamos consciência dos discursos pelos quais nos expressamos e que, em grande medida, nos produzem, estas páginas tiveram como objetivo, prioritariamente, a construção dessa auto-consciência. para um novo olhar na educação (GONÇALVES, 1996, p. 137).

A partir do exposto, podemos assinalar três importantes pontos de convergência: a facilitação do processo de aprendizagem, a formação pessoal e cidadã e a criação de uma ética de ações. Por meio do emprego de metodologias que se utilizem de oficinas e diálogos referentes à educação patrimonial, pode se estar englobando esses três pontos como ferramenta na formação de pessoas mais conscientes acerca da preservação patrimonial, fazendo com que suas atitudes se reflitam em suas ações como cidadãos, bem como na sua postura ética em relação ao processo de aquisição e utilização dos diversos saberes.

A memória histórica pode estar relacionada a qualquer experiência humana. Assim, ao observarmos, nas ruas e avenidas, os monumentos históricos, as imagens que enchem as praças das cidades podemos, por meio delas, nos reportar à legitimação do poder dos 'grupos dominantes', ou seja, daqueles que, em determinado momento, ocuparam um lugar de destaque na história local.

Ao fazer reflexões com alunos em idade escolar, a respeito de 'preservação histórica', partimos do princípio de que esse é um tema que versa sobre cidadania e, como tal, interessa a todos por se estabelecer em direito essencial do cidadão e base para a construção da identidade cultural. Muitas vezes, os próprios habitantes de uma cidade não se sentem responsáveis pela salvaguarda de seus bens culturais, na medida em que não foram consultados acerca do que deve ser preservado ou não. Hoje se preserva um bem cultural não só pelo valor estético, arquitetônico ou histórico. Ele é preservado se tem significação para a comunidade em que está inserido, se essa preservação possibilita a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção de sua identidade cultural e para o exercício da cidadania. E, aliada a essa reflexão, é necessário incluir a dimensão da qualidade de vida: A preservação do Patrimônio Histórico deve pautar-se no binômio indissociável "identidade cultural e qualidade de vida." (MAGALDI, p.23, citado por ORIÁ, 2004, p.138). Ou seja, vale lembrar, ninguém gosta daquilo que não conhece. Mas, a partir do momento em

que a escola passe a dar suporte de entendimento a essa temática, os alunos — e, por meio destes — os indivíduos e grupos sociais podem perceber os elementos referenciais de sua memória e de sua identidade cultural. Assim, ao estarem, determinados ‘bens’, inseridos no contexto da memória, seja ela individual ou coletiva, a sociedade — conhecendo-os — passa a preservar e a valorizar esses bens culturais associando-os às suas raízes. Esse envolvimento com os fatos lembrados em um “Patrimônio”, de acordo com Da Matta, é fundamental, pois, só podemos “ver e sentir” um espaço se estivermos inseridos nele

Nesse contexto, a educação patrimonial é um espaço importante. A educação patrimonial nada mais é do que a educação voltada para questões referentes ao patrimônio cultural, e compreende a inclusão de ética de ações, podendo estar nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, e até na realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para educadores e para a comunidade em geral.

No boletim de nº 50, edição de outono, junho de 2008, do “Arte na Escola”, lê-se:

os Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação Básica (PCN) foram criados há 10 anos, incluindo a área de Arte, e, desde então, a Arte ganhou nova dimensão, novo olhar, modalidades específicas e adaptações que levaram em consideração as peculiaridades culturais de cada região. ‘É preciso trazer para a Arte e para a educação, algo que se perdeu – Tem que haver novo olhar que vise à aproximação da produção com a fruição, para possibilitar uma experiência em Arte’ (IAVELBERG, Arte na Escola, 2008).

É através da Arte, da Educação, que se buscará um novo olhar, uma interpretação, uma aproximação das pessoas em relação à educação patrimonial, na qual se sugere incluir textos, pesquisas a respeito de História, Cultura, Tradições e Patrimônio. Assim, ao mesmo tempo, pode-se agir de forma a construir, por meio da Educação Patrimonial, tanto a formação cultural das pessoas quanto possibilitar-lhes os meios para a fruição da Arte.

Na nova legislação educacional — LDB 9394/96 — o art. 26, em seus parágrafos 2º e 4º, tornou o ensino de Arte componente curricular obrigatório nos diversos níveis de Educação Básica, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Assim, é a própria Lei que determina a inserção, nos currículos escolares, de questões relevantes ligadas ao Patrimônio Cultural de uma sociedade, sejam estas questões ligadas à Cultura local ou à nacional.

Como se vê, a Lei aponta a necessidade de valorização da diversidade cultural de nossa formação histórica como condição indispensável à construção de uma escola plural e cidadã. Segundo o professor Marcelo, do MEC, no boletim “Arte na Escola, 2008”, mesmo com esse avanço na área educacional, os educadores/pesquisadores, de forma especial os de

Arte, não podem parar, principalmente, no que diz respeito à estética, na formação da criança. Para exemplificar essa urgência deve-se incluir a temática da educação patrimonial nos currículos escolares, também na disciplina de Arte, como um tema obrigatório. Na pesquisa desenvolvida, observa-se como o tema abre espaços para a reflexão sobre cultura, história e identidade, permeando diversos saberes disciplinares.

A delimitação dessa pesquisa envolve, além da minha história de vida, a minha trajetória com trabalhos em Arte Educação, a produção de diálogos entre a Educação Formal e a Educação Patrimonial, e procura intensificar os estudos sobre metodologias de trabalho com Arte.

Conforme demonstrado por Tamanini e Peixer, no artigo: “Água Mole em Pedra Dura, Tanto Bate até que Fura: Educação popular e herança cultural no século XXI”, apresentado na “Unisinos”, em 2007, a relação entre Educação e Estudos sobre Patrimônio Cultural, por meio da Educação Patrimonial, sempre caminharam de forma paralela, cada qual, no entanto, bem marcada por sua própria trajetória conceitual. Pensar cultura material, patrimônio cultural, Educação, significa lidar com a complexidade da Educação como área do conhecimento e ao mesmo tempo, estruturar possibilidades e espaços de diálogos.

O tema sobre questões ligadas ao Patrimônio, ao mesmo tempo em que parece ser simples, torna-se complexo, pela falta de conhecimentos. Em princípio, precisamos buscar a construção da nossa história cultural. Como salienta Sérgio Buarque de Holanda (2006), em sua obra “Raízes do Brasil”, precisamos de esforços reflexivos para entender o estilo que marcou nossa História, na seqüência, buscar entender as diretrizes do IPHAN, e, ainda, entender, dentre outros, os conceitos de Educação, de Arte, de Cidade.

É por isso que, de acordo com Franz (2003), diante de uma obra colocada em algum ponto estratégico da cidade, a pergunta inicial que se cria, para estabelecer o decurso entre sua criação e a fruição da mesma, não deve refletir somente a orientação educativa e estética. Deve levar em conta o que o sujeito possa compreender além da própria concepção artística. Deve ser elaborada de forma a permitir que aqueles que analisam o espaço patrimonial relacionem as interfaces com o patrimônio, aliando estes aspectos à compreensão da história local. O que quero dizer é que é possível aproximar Educação e Artes, sem ficar necessariamente preso apenas à identificação pura e simples de um quadro, um monumento, um período artístico, mas indo além de uma compreensão do aprender estético. É possível um entendimento das imagens e seus contextos, assim como de seus efeitos nas construções identitárias. A imagem desperta, transmite idéias e sentimentos que possibilitam manter uma relação entre esta imagem e a sociedade que a produz e a consome.

Nenhuma forma de “educação” está sozinha, uma precisa da outra. Entrelaçam-se a política, o artista, o artesão, a própria educação dos seres humanos, quer seja ela adquirida na rua ou nos bancos das escolas e universidades, pois não existem fronteiras para as identidades. Canclini acrescenta que,

o desenvolvimento moderno tentou distribuir os objetos e os signos em lugares específicos: as mercadorias de uso atual nas lojas, os objetos do passado em museus de história, os que pretendem valer por seu sentido estético em museus de arte. Ao mesmo tempo, as mensagens emitidas pelas mercadorias, pelas obras históricas e artísticas, e que indicam como usá-las, circulam pelas escolas e pelos meios massivos de comunicação. Uma classificação rigorosa das *coisas*, e das *linguagens* que falam delas, sustém a organização sistemática dos espaços sociais em que devem ser consumidos. Essa ordem estrutura a vida dos consumidores e prescreve comportamentos e modos de percepção adequados a cada situação. Ser culto em uma cidade moderna consiste em saber distinguir entre o que se compra para usar, o que se rememora e o que se goza simbolicamente. Requer viver o sistema social de forma compartimentada (2003, p. 300-01).

Uma indagação surge das observações de pessoas que, ao ouvirem falar deste tema, não compreendem o que seria Educação Patrimonial. Isto revela o quanto o assunto está ausente ou distante da sociedade, em particular do cotidiano escolar. Para Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser, ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (2007, p. 7).

Misturar a vida com a educação, direcionando um novo olhar à Educação Patrimonial em suas formas de mediação, possibilitará a interpretação dos bens culturais que, devidamente conhecidos e interpretados transformam-se em um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania. Conseqüentemente, o sentimento de inclusão nessa cidadania vai gerar a responsabilidade pela busca, valorização e preservação do Patrimônio cuja importância foi percebida dentro de um processo de ensino e aprendizagem. Como diz Oriá (2004) educar para a preservação do patrimônio cultural deve ser um processo contínuo, consistente para ter efeito duradouro. Trabalhar educacionalmente com o patrimônio cultural não pode ser apenas uma tarefa de passagem de informações e discursos pré-fabricados... Mas levar o aluno ou o aprendiz, no processo de conhecimento, a identificar os “signos” e os significados atribuídos às coisas por uma determinada cultura.

Em outras palavras, de acordo com Horta (2008), educação patrimonial propicia, ao aluno e ao professor, refletir sobre questões que sejam importantes tanto para sua vida pessoal, quanto para a vida coletiva da comunidade em que vivem. O patrimônio histórico e o

ambiente no qual este patrimônio está inserido oferecem oportunidades para despertar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, permitindo ampliar os conhecimentos a respeito desses bens.

A educação patrimonial exerce essa função de interligar o sujeito com seu passado, de tal modo que lhe permita perceber o importante papel da lembrança coletiva ou individual para a edificação do presente e a ligação existente entre o passado e a cultura que identifica uma sociedade. Assim, o passado começa a ser valorizado e surge a preocupação em preservá-lo.

A metodologia específica da Educação Patrimonial, segundo Horta (2008), pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

Dessa forma, percebe-se que a educação patrimonial é um importante instrumento de preservação da cultura de uma sociedade, propiciando às futuras gerações a oportunidade de encontrarem sua própria identidade a partir do intercâmbio consciente com as heranças patrimoniais.

A partir desses diálogos sobre políticas patrimoniais, cujos significados muitas vezes ficam longe do universo das pessoas, em especial dos estudantes, é que, em muitos espaços públicos, as possibilidades são colocadas de lado, entre elas a utilização pedagógica de esculturas urbanas, e é neste contexto de espaço público que, durante esta pesquisa, procuramos analisar os monumentos da cidade de Lages como partes importantes da memória e da identidade local.

2.3 Lages - Aspectos de sua História e Alguns dos Espaços de Valorização Patrimonial, Nesta Cidade

Lages é uma cidade do Planalto Serrano, no estado de Santa Catarina, e, depois que mergulhei em sua História, foi como se a estivesse conhecendo novamente. É uma cidade muito bonita, com muitos predicados, histórias e memórias e na qual, por meio dos inúmeros monumentos, a História perpassa em cada esquina, em cada rua. A cada olhar (no caso, leituras) um novo prisma de Lages e de sua população aparece. Múltipla, diversa, uma

localidade bicentenária, mas ainda muito jovem. A vila foi formada por ordem da Coroa Portuguesa, tendo o Morgado de Mateus ordenado a Antônio Correia Pinto de Macedo que fundasse essa Vila. A fundação oficial data de 1766, quando Correia Pinto estabelece a Vila num ponto estratégico do percurso que ligava Rio Grande do Sul a São Paulo. O local escolhido era ponto central e parada obrigatória para os tropeiros e viajantes daquela época. Ali, abasteciam-se de alimentos e enchiam seus cantis de água, consertavam as indumentárias e seguiam adiante em seus percursos.

Por ser ponto estratégico de defesa do território e também pela riqueza de seus campos, próprios para a criação do gado e, ainda, pela vasta floresta de pinheiros nativos, a “araucária”, o Planalto Serrano foi cobiçado por muitos, inclusive por Correia Pinto que, quando veio de São Paulo para, como subordinado da Coroa Portuguesa, formar a Vila das Lagens, já era dono de fazendas nessa região.

Por sua riqueza ambiental e natural, Lages se constituiu inicialmente ancorada na exploração intensiva da natureza, com a formação de grandes fazendas, base econômica e política dos “coronéis”, fenômeno esse que ocorreu em todo o Brasil, com maior destaque na região serrana de Santa Catarina, onde perdurou por um tempo maior, sob a oligarquia das famílias Ramos e Costa. Alguns membros destas famílias mantiveram-se no poder — social, econômico e político — por mais de trinta anos. Os ‘coronéis’, especialmente os destas duas famílias serranas, sempre estavam ligados à esfera política não só municipal mas também estadual e federal. Vários dentre eles ocuparam os cargos de vereador, prefeito, governador, deputado estadual e/ou federal, senador. Um deles, da família Ramos, o lageano Nereu Ramos, chegou a ocupar, por algum tempo, o cargo de Presidente da República. Assim, diante do autoritarismo dos coronéis e da importância política de alguns membros dessas famílias, é compreensível que seus subalternos lhes demonstrassem obediência, buscassem seus favores e almejassem uma relação de maior amizade e protecionismo, daí resultando, inúmeras vezes, a relação de “compadrio”. Esta nada mais era do que o costume — generalizado entre os subalternos, peões, agregados — de convidar o ‘coronel’ para compadre. Ao batizar os filhos dos menos favorecidos pela sorte, estes esperavam poder contar com a amizade e os ‘favores’ dos ‘coronéis’, seus compadres.

Desta forma, os coronéis eram padrinhos dos filhos dos empregados, mas isso não significava que os mesmos tivessem oportunidades de estudos, de crescimento intelectual; assim, os pais e, mais tarde, os filhos, ficavam sempre devendo favores pelo apadrinhamento, pela comida, pelo espaço de moradia em troca do trabalho. A pouca ou nenhuma instrução não lhes permitia perceber que os ‘coronéis’ os exploravam. E, ainda que percebessem, não

tinham qualificação para procurar um outro trabalho. Mudar para outra fazenda era apenas continuar, em outro local, a mesma situação. O direito a uma formação intelectual formal era dado somente aos filhos das elites, embora custeado pelo suor dos peões e dos caboclos. Caboclo é o nome que se dá ao indivíduo resultante da miscigenação entre índios e brancos. Na região do Planalto catarinense, os índios — apelidados, pelo colonizador, de ‘bugres’ — e os brancos, tanto aqueles que aqui já se haviam fixado quanto os imigrantes italianos e alemães, que aqui chegaram para a extração da madeira “araucária”, deram origem ao ‘caboclo’ serrano, de grande importância para o crescimento da região, por sua força de trabalho nas grandes fazendas, nas árduas lides com a terra ou com o gado, e, mais tarde, ao empunhar o machado e a serra durante o ciclo da extração madeireira. Com a abundância de riquezas naturais — terras, gado, madeira — as elites dominantes somavam mais em seus cofres e se mantiveram no poder público, por décadas, durante um período em que grande parte dos votos era dos chamados “votos de cabresto”, isto é, votos de subalternos dos ‘coronéis’, na maioria, seus ‘compadres’ e afilhados, que, em sua simplicidade, julgavam dever-lhes obediência, amizade e o ‘favor’ do voto.

Durante anos a expressão “caboclo” foi um termo pejorativo. O caboclo lageano sentiu “na pele”, por longo tempo, o desprezo de que era alvo, enquanto continuava a ser explorado nas lavouras, como peão nas fazendas, e no campo, no trabalho das serrarias e madeireiras na devastação do pinheiro nativo. Pelo seu jeito simples, vivia à margem da sociedade, sendo desprezado e até mesmo humilhado pelas classes dominantes, como se fosse uma pessoa preguiçosa. Porém, o caboclo sempre foi trabalhador, religioso, um sábio por respeitar e ser amante da natureza, por ter amor à liberdade, ao direito de ir e vir, acreditando em outros conceitos e valores inerentes à natureza humana (MUNARIM, 2000).

Como é comum no desenvolvimento de toda e qualquer cidade, Lages cresce em meio a conflitos políticos, econômicos e sociais e estes fatos é que marcaram a região. Em decorrência de alguns deles, novos processos de urbanização intensiva começam a partir da década de 40, com destaque para as construções da Art Déco, signo de mudança e de modernidade.

Passam-se algumas décadas e um marco histórico acontece no Governo de Dirceu Carneiro (1976 -1983), quando as classes sociais populares começam a participar ativamente de um processo de democratização. “Lages, a força do povo” é o slogan desse governo municipal. Assim, Lages vivencia um novo período e começa a ser (re)formada por diversos grupos sociais, que dão voz a grupos populares. É também nessa época que se mostram fortalecidos os movimentos sociais de cunho religioso que dão voz, especialmente, às classes

menos favorecidas, entre as quais os peões e caboclos que chegam à cidade atraídos pela euforia da exploração madeireira e que, na cidade, muitas vezes se vêem sem trabalho e sem moradia. Esse governo destacou-se pela preocupação com as dificuldades habitacionais desses municípios e, ao lado de outros projetos, desenvolveu um importante projeto habitacional, com moradias de baixo custo, projeto este que chegou a servir de modelo para outros estados.

Este breve relato traz reflexões acerca da vivência e construção da História de Lages e aponta referências na educação patrimonial, representadas pelos monumentos distribuídos nos espaços da cidade. Para Peixer (2002), a imagem da cidade é construída pela elite local, que embasa e legitima as práticas de ordenamento e resignificação de espaço, práticas essas que, por vezes, são parciais e contraditórias, mas seguem uma perspectiva de futuro, ou seja, formam, no imaginário da população, a cidade ideal, na qual as indústrias, o calçamento, a energia, o trem, as estradas são símbolos portadores do progresso e da modernidade para a cidade. É um discurso que pretende homogeneizar e diluir os conflitos existentes entre os grupos sociais na constituição dos diversos espaços, das diversas cidades na própria cidade.

As mudanças e interferências na cidade representam processos, lógicas, conflitos e disputas que têm por referência diferentes discursos e atores, como salienta Lynch (1988). As mudanças na cidade, que, na realidade, traduzem processos urbanos de mudança, efetivam-se tendo por referência diferentes discursos. Discursos que pontuam intervenções e/ou críticas feitas pelos moradores da cidade, por intelectuais, estudiosos das temáticas, normalmente dirigidos aos representantes dos poderes políticos. É importante salientar que esses espaços públicos na cidade contemporânea são um meio de controle social, destino final das políticas públicas. E nesses espaços são fincados os monumentos.

Dentre essas mudanças e discursos que formam uma cidade, a cidade dos monumentos simboliza referências identitárias, produzidas e articuladas nesse espaço urbano, apontando reflexões e questões vivenciadas por aqueles que o constituem. É pela intervenção dos monumentos no espaço urbano de Lages que esta pesquisa busca a sua utilização como espaço pedagógico. Para isso é necessária uma primeira aproximação com a identidade dos monumentos: Onde eles estão? Com que finalidade foram esculpidos? Quem é o artista que o(s) esculpiu? Como ele se constituiu escultor? Como se relaciona com o poder público?

Em Lages, assim como em outras localidades, a colocação de monumentos é um recurso utilizado pelos dirigentes, como espaços de perpetuação de memórias, de marcas de um período. Registro da história vista e escrita pelo olhar dos grupos hegemônicos. Em Lages temos diversos monumentos. Podemos caracterizar dois grandes grupos. Um primeiro, com estátuas esculpidas por Agostinho Malinverni Filho, foi produzido no auge do ciclo da

madeira, entre as décadas de 30 e 70, representando um período de grande movimento econômico na cidade. Os monumentos, representando figuras ilustres da história oficial inscrevem, na cidade, um projeto político e econômico das oligarquias locais.

Um segundo grupo é constituído por monumentos que começaram a ser construídos no final da década de 90. Procurando inscrever na cidade um novo momento histórico, foram aprovados, pelo poder público, para serem colocados em diversos pontos da cidade, os projetos apresentados pelo escultor José Cristóvão Batista para a construção de 12 monumentos, todos eles alusivos a momentos peculiares da história. Estes monumentos estão sendo, paulatinamente, esculpido.

No primeiro grupo de monumentos — os esculpido por Malinverni Filho — há três esculturas de pessoas, em corpo inteiro, em tamanho real, e sete esculturas de bustos. As primeiras lembram, para a cidade, a importância de alguns vultos especiais:

a) Correia Pinto: Antônio Correa Pinto de Macedo. Escultura em bronze, datada de 1966. Situa-se na Rua Correia Pinto, uma das primeiras ruas da cidade, que demarca o espaço do centro histórico de Lages. A estátua retrata um bandeirante em posição de controle do espaço, personificando o poder do homem branco, europeu, no processo de colonização das terras no sul do Brasil. A escultura mede 3m e pesa 500kg. Foi feita para homenagear o fundador da Vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages, por ocasião do bi-centenário da cidade.



FOTO 01: Monumento a “Correia Pinto”
FONTE: Ricardo Bampi

b- Nereu Ramos: Cidadão lageano, Nereu Ramos foi Governador do Estado e Presidente da República, tendo, ainda, ocupado vários outros cargos políticos, entre eles, os de Deputado Estadual e Federal, Deputado Constituinte, Presidente da Câmara dos Deputados, Senador Constituinte, Senador da República, Vice-Presidente e Presidente do Senado, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, tendo, ainda, ocupado, interinamente, o cargo de Ministro da Educação. Considerado um pacifista, atuou como conciliador em um momento de crise institucional. Sua escultura, em bronze, relembra sua grande importância política. Está na principal praça, bem no centro da cidade, a Praça João Costa - o “Calçadão” - ao lado da parte central da rua que leva o nome deste ilustre filho de Lages, a Rua Nereu Ramos. Este monumento é datado de 1956 e é uma homenagem a um Presidente da República do Brasil, nascido nos campos de Lages.



FOTO 02: Monumento a “Nereu Ramos”

FONTE: A autora, 2008

c) A Mãe: Monumento intitulado ‘A Mãe’, homenageando todas as Mães. Está situado na Praça ao lado da Igreja Santa Cruz, no centro da cidade. A escultura, em tamanho real, representa a figura sublime da mulher amamentando o filho, sob a sua proteção. Esta escultura foi inaugurada no início da década de 70 (1973) três anos após a morte de seu autor, Malinverni Filho.



FOTO 03: Monumento a “Mãe”
FONTE: Ricardo Bampi

As sete esculturas de bustos, retratam: Dr. César Sartori (Médico); Dr. Carmosino Camargo (Médico); Dr. Valmor Ribeiro (Médico); Cel. Thiago de Castro (Advogado); Otacílio Costa (Deputado); Vidal Ramos Jr. (Prefeito); e Tito Bianchini (Cidadão Benemérito). Estas esculturas estão localizadas em diversas praças da cidade.

O autor desses monumentos, Malinverni Filho (1913-1971) é lageano, conforme consta em seu histórico:

Agostinho Malinverni Filho, nome artístico: Malinverni Filho - Pintor e escultor. Nasceu em Lages, SC, aos 16 de fevereiro de 1913 e faleceu em Lages aos 14 de janeiro de 1971. Filho do escultor italiano Agostinho Malinverni e Anna Ângela Corsetti Malinverni, também italiana. Pintou o 1º quadro com 13 anos, com tinta preparada por ele mesmo. De 1929 a 1933, trabalhou com seu pai, esculpindo em pedras na oficina de cantaria. Em 1934, iniciou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, ingressando com bolsa de estudos do governo do Estado de Santa Catarina. Permaneceu na Escola até 1945 (...)

Para vencer dificuldades financeiras, pintava com material abandonado pelos colegas, no porão da escola o qual transformou em atelier. E foi assim que foi pintado o quadro “Rua Taylor” que em 1936, recebeu o 1º prêmio na exposição coletiva da Escola.

Seu estilo de pintura é clássico. Pintava paisagens, flores, nus, marinhas, natureza, retratos e interiores. Entre as pinturas de interior, destaca-se a Casa de Rui Barbosa, composta de três telas, sendo que a tela “Biblioteca”, pertence à família.

Criou a 1ª Escola de Belas Artes do Estado de Santa Catarina que funcionou em Lages.

O segundo grupo de monumentos é constituído pelas estátuas esculpidas pelo escultor José Cristóvão Batista. Dos doze projetos aprovados pelo governo local para esse segundo grupo de monumentos, seis (Bois-de-Botas, Imigrantes, Trançador, Tropeiro, Carro de Molas e as Lavadeiras) já foram concluídos e colocados em alguns pontos da cidade. Destes, os cinco primeiros foram executados com verbas municipais e o último, “As Lavadeiras”, com verba estadual. Além desses, há um sétimo monumento feito por Batista e por ele doado: a estátua de São Francisco de Assis.

Batista utiliza para a confecção de suas obras, ferramentas simples, adaptadas, tais como, pregos, canetas, pedaços de arame, e outros. Os materiais também são diversos, tais como, entre outros, argila, gesso, bronze, concreto. Para os monumentos de Lages, Batista optou por concreto argamassa e metais, por serem de valor financeiro mais acessível que o bronze.

As esculturas de Batista, em Lages, são:

a) Monumento ao Trançador: Escultura feita em homenagem aos artesãos locais que trabalham com couro, é uma representação desse profissional, muito importante no início do tropeirismo em Lages. O trabalho do ‘trançador de couro’ que, além do laço faz outros

artefatos necessários à montaria dos animais, é, ainda, indispensável, devido aos hábitos campeiros na região. Este monumento está situado em ponto central da cidade, ao lado do Museu Thiago de Castro e em frente à Casa do Artesão. Foi inaugurado em 2002.



FOTO 04: Monumento ao “Trançador”
FONTE: Ricardo Bampi

b) Monumento aos Imigrantes: Finalizado em 2002. Localizado no Bairro Coral, representa o homem do campo, e as dificuldades de sua dura faina diária, tendo que levar para a roça, junto com ele, mulher e filhos.



FOTO 05: Monumentos aos “Imigrantes”
FONTE: Ricardo Bampi

c) Tropeiro: Localizado na entrada norte da cidade, em frente ao Parque de Exposições Conta Dinheiro', onde se realiza, anualmente, a Festa Nacional do Pinhão. É uma homenagem ao 'tropeiro', condutor das tropas de gado e cavalos que cruzavam o Planalto Serrano quando comercializados entre Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O Parque 'Conta Dinheiro' é exatamente o local onde esses tropeiros paravam para descanso deles próprios e dos animais, para trocar ou vender esses e para 'contar o dinheiro' auferido nos negócios. O monumento - um tropeiro a cavalo e mais duas mulas de carga - foi inaugurado em 2003.

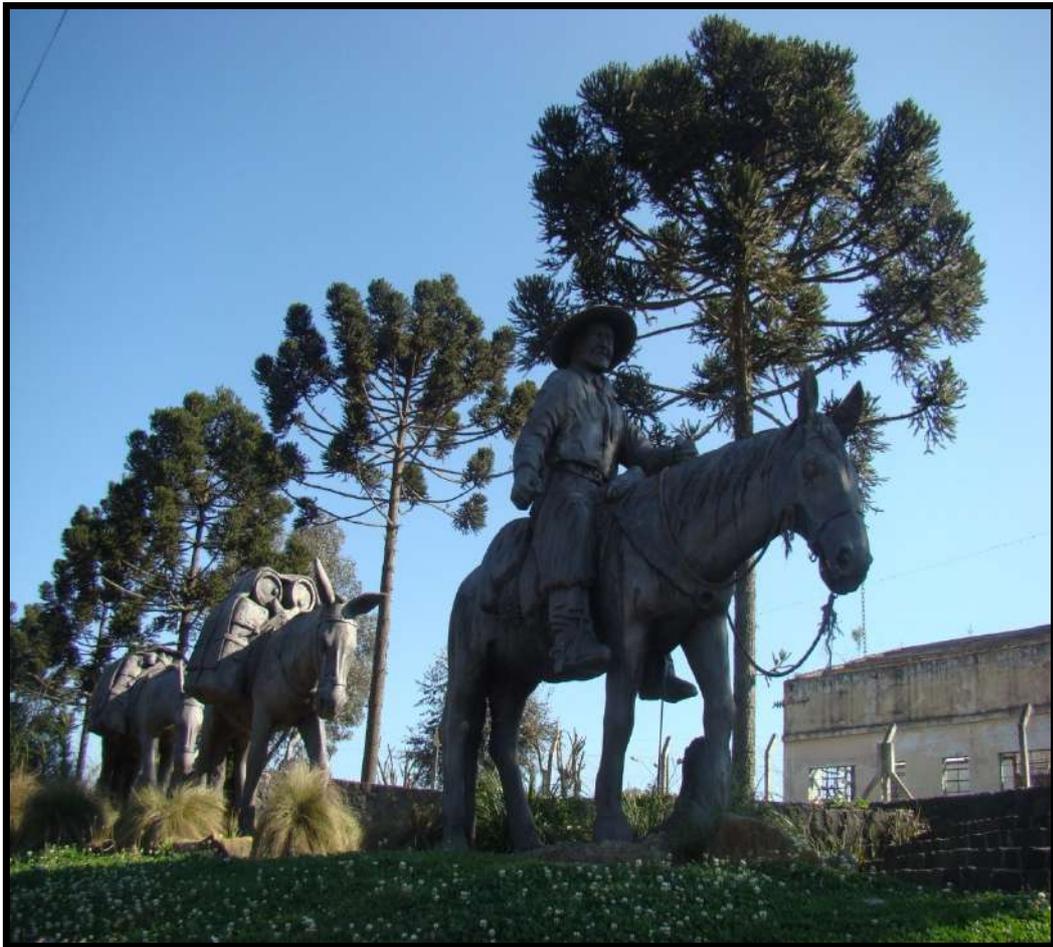


FOTO 06: Monumento ao "Tropeiro"

FONTE: Secretaria de Turismo de Lages (SC), 2007.

d) Bois-de-Botas: Lembra a coragem e determinação do homem serrano que, durante a luta farroupilha, com a força de seus braços desatolou pesados carroções e alguns canhões, presos na lama, no rigor do frio e da chuva em uma batalha. Está localizado na entrada sul da cidade, sobre pequena elevação do terreno, podendo ser visto à distância. Foi inaugurado em 2002.



FOTO 07: Monumento ao “Boi de Botas”

FONTE: Secretaria de Turismo de Lages (SC), 2007

e) São Francisco: Uma homenagem a esse Santo, padroeiro dos padres Franciscanos, este monumento, doado pelo escultor, para homenagear a chegada dos frades franciscanos a Lages, foi instalado em área central da cidade, no jardim da Capela do Convento Franciscano, próximo ao Hospital Nossa Senhora dos Prazeres. O monumento a São Francisco foi inaugurado em 2003.



FOTO 08: Monumento a “São Francisco”

FONTE: A autora, 2008

f) Carro de molas: Colocado em área central da cidade, na praça que fica ao lado do Terminal Rodoviário Urbano de Lages, o monumento relembra para os mais idosos e mostra para os jovens, o antigo “táxi” lageano: um carro de madeira, com dois bancos estofados e cobertos com couro, protegido do sol e da chuva por um toldo de lona e puxado por dois cavalos, conduzidos por um cocheiro. O local em que se encontra o monumento era, até a década de 1940, o ‘mercado’ de Lages, onde os agricultores da região comercializavam seus produtos horti-fruti-granjeiros, pequenos animais e, também negociavam a venda de gado caprino, suíno e, principalmente, bovino e eqüino. Depois que este mercado foi transferido para outro lugar, o local foi transformado em praça e, ainda na década de 60, suas laterais eram ‘estacionamento’ dos ‘Carros de Mola’. O monumento foi inaugurado em 2006.



FOTO 09: Monumento “Carro de Molas”

FONTE: A autora, 2008

g) As Lavadeiras – O mais recentemente instalado dos monumentos de Batista, em Lages. Está situado no Parque “Jonas Ramos”, o popular “Tanque”, em área central da cidade. É um conjunto de estátuas que representam uma cena do cotidiano da cidade em seus primórdios. Neste parque há uma fonte de água natural e era ali que as lavadeiras, escravas, antigamente lavavam as roupas de seus senhores, ameaçadas pelos bugres que podiam atacá-las a qualquer momento, razão pela qual sempre havia por perto um ‘homem de confiança’,

talvez um feitor, devidamente armado, pronto a entrar em ação em caso de necessidade. Conta-se, também, que a filha de um senhor abastado ficou grávida de um peão da fazenda, e, como seu pai não aceitou o envolvimento de sua filha com seu empregado, ao nascer a criança esta foi jogada no “Tanque”, tendo se transformado em uma serpente. A moça escutava o choro da criança nas águas do tanque. Diz a lenda que o rabo da serpente encontra-se dentro do tanque e que sua cabeça está segura pelos pés de Nossa Senhora dos Prazeres, na Catedral. A ainda quem diga que, no dia em que Nossa Senhora libertar a cabeça da serpente, Lages desaparecerá. Todos esses personagens estão representados nas estátuas, em tamanho natural, feitas por Batista e adequadamente posicionadas ao redor ou, no caso das lavadeiras, dentro da água de um pequeno lago artificial, em um dos cantos do Parque ‘Jonas Ramos’. Fato importante neste monumento é a recuperação, na parte do lago do monumento, de uma das fontes de água natural, existente naquele local e, há muito, desativada, tanto que grande parte da população nem sequer lembrava, ou sabia, de sua existência. O conjunto destas peças foi inaugurado em 2008.



FOTO 10: Monumento “As Lavadeiras”

FONTE: A autora, 2008

Esses são os monumentos já feitos, em Lages, pelo escultor José Cristóvão Batista, artista plástico local. Além desses monumentos de Lages, o autor, autodidata, tem esculturas

em diversas outras localidades, como em: em Anita Garibaldi (escultura de Anita, e de Benjamin Suppi), em Vacaria (escultura de peão a cavalo), em Bom Retiro (na entrada da cidade, escultura de um casal - uma prenda e um peão - tomando chimarrão e tendo, ao lado, um churrasco, e, nas proximidades de um Posto de Combustíveis, uma homenagem à Santíssima Trindade. No centro dessa cidade, em tamanho real, uma estátua em homenagem ao fundador da cidade), em Barra Velha (esculturas: da Sereia Janaína, da filha de Iemanjá, Monumento ao Índio, e, ainda, em Itajubá, Monumento ao 'Pescador') em Chapadão do Lageado, SC, (Monumento ao Cristo Redentor), em Cerro Negro, (Homenagem ao padroeiro da cidade, São Francisco de Paula) em Campo Belo do Sul (homenagem ao gaúcho tradicionalista Fúlvio Furtado), em Monte Castelo, (homenagem ao Monge João Maria) em Correia Pinto, a estátua do Peão Laçador e em Holambra, SP, o Monumento aos Imigrantes.

Batista, além de escultor, é pintor, entalhador, desenhista. Ele não esculpe apenas grandes monumentos mas estatuetas de vários tamanhos, inclusive miniaturas, espalhadas, hoje, por diversos estados brasileiros e pelo exterior. Muitas de suas pequenas esculturas foram feitas sob encomenda para presentear pessoas importantes e vultos políticos.

No Mapa 01, pode-se observar a distribuição, no espaço da cidade, dos monumentos citados nesta pesquisa. As obras do primeiro grupo, feitas por Malinverni Filho, estão dispostas em praças importantes da área central e os monumentos do segundo grupo, feitos por Batista, estão distribuídos na malha urbana, sendo três (Tropeiro, Imigrantes, Bois-de-botas) nas entradas da cidade, longe da área central, e as restantes, no centro da cidade.

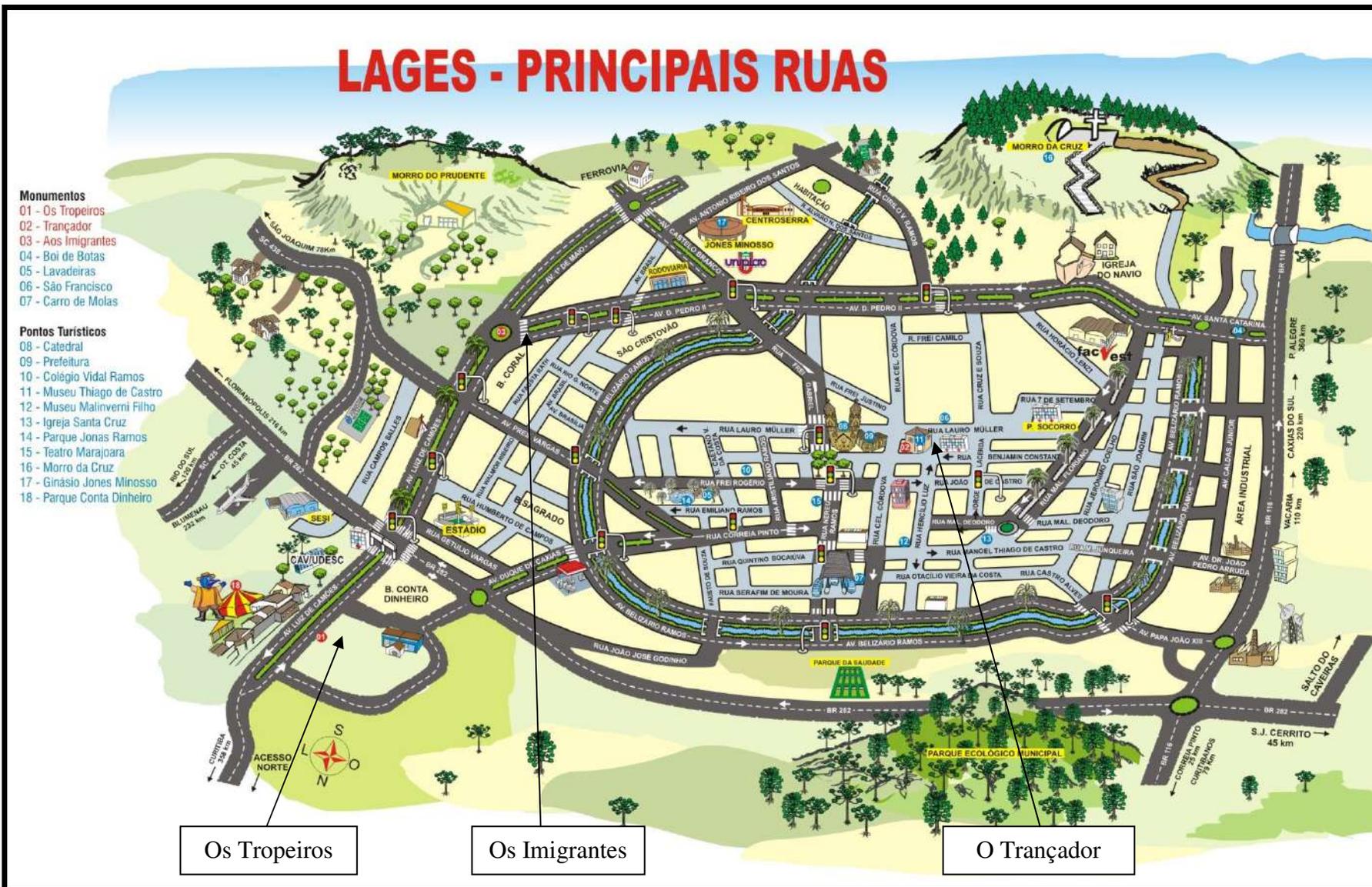
LAGES - PRINCIPAIS RUAS

Monumentos

- 01 - Os Tropeiros
- 02 - Traçador
- 03 - Aos Imigrantes
- 04 - Boi de Botas
- 05 - Lavadeiras
- 06 - São Francisco
- 07 - Carro de Molas

Pontos Turísticos

- 08 - Catedral
- 09 - Prefeitura
- 10 - Colégio Vidal Ramos
- 11 - Museu Thiago de Castro
- 12 - Museu Malinverni Filho
- 13 - Igreja Santa Cruz
- 14 - Parque Jonas Ramos
- 15 - Teatro Marajoara
- 16 - Morro da Cruz
- 17 - Ginásio Jones Minosso
- 18 - Parque Conta Dinheiro



MAPA 01: Lages/SC
 FONTE: LS Agência

2.4 A Obra e o Artista

Lages é terra-mãe de dois importantes artistas: Malinverni Filho e Batista. Ambos são conhecidos nacional e internacionalmente. Ambos, pela importância de suas obras, poderiam, igualmente, protagonizar esta pesquisa.

Agostinho Malinverni Filho, foi artista importante não só para Lages, mas para o Brasil. Em Lages, as suas esculturas representam, principalmente, personagens históricos. Nesta pesquisa, duas de suas obras – ‘A Mãe’ e a estátua de ‘Correia Pinto’ – foram apenas mencionadas e não visitadas por estarem instaladas em locais distantes das escolas. Outras, como os bustos de personagens importantes na história local ou nacional, a maioria deles instalados na Praça João Ribeiro, foram visitados.

Batista também é artista lageano, já conhecido em todo o Brasil e no exterior. Malinverni era artista com formação acadêmica. Batista é autodidata. Malinverni esculpia suas estátuas, em tamanhos normais, em bronze. Batista, embora utilize outros materiais, esculpe estátuas gigantescas em argamassa. As estátuas de Malinverni retratam, principalmente, personagens históricos, locais ou nacionais. As de Batista, principalmente, momentos históricos e personagens que representam os primórdios da colonização local.

O principal motivo para centrar o estudo nas obras do artista Batista é o fato de seus monumentos representarem, principalmente, pessoas ou grupos populares, e, a possibilidade de estabelecer contato pessoal entre alunos e artista.

Ao pesquisarmos monumentos temos que, inicialmente, entender a obra na perspectiva do artista. De acordo com Reis:

a esse propósito podemos especular em torno do anseio do artista em capturar, com a especificidade da linguagem artística, aquilo que, na cidade, se apresenta além das suas dobraduras estéticas, permitindo que aproximemos a nossa análise do terreno da ética, com seus contornos políticos e filosóficos (in PECHMAN, 1994, p. 157).

Nessa mesma linha de pensamento, Reis (in PECHMAN, 1994 pp. 157-158) diz que “(...) na medida em que reconhecemos no artista uma essencialidade motivada pela ‘causa poética’, devemos reconhecer também que os critérios que adotará no trânsito entre o terreno ético e o estético, entrarão em conflito permanente com as noções de ‘realidade’ de ‘conformidade’ ou ‘adequação’, de existência”. Nas obras de Batista, não só estão presentes o terreno ético e o estético, mas, principalmente, a sua poética e a sua própria vida. É de acordo com sua visão da realidade que ele procura criar sentimentos de empatia com a Arte. Por

exemplo, quando os poderes públicos o contrataram para fazer a obra “Os Imigrantes”, o artista buscou as noções de realidade, para adequação da escultura. É ele quem diz: *Quando me contrataram para fazer, logo pensei na minha família, na minha descendência, pois sou filho de descendentes de espanhóis. Meu pai trabalhava na roça, eu trabalhei na roça até meus 14 anos. Plantávamos cebolas nos morros, eu buscava água, com balde, nas nascentes, carregava lenhas nas costas para minha mãe cozinhar no fogão à lenha. Na escultura “Os Imigrantes”, fazendo uma homenagem ao homem do campo, procurei resgatar um pouco da história desses bravos colonos que, ao chegarem à terra prometida, tiveram que desbravá-la para tirar dela, à custa de enxadas e pás, o seu sustento, pois praticamente todos os imigrantes iniciaram suas vidas, aqui, como homens da lavoura. Assim, naquele carro de bois eu coloquei ‘minha família’, não exatamente as suas fisionomias mas a dureza e as dificuldades de sua vida, igual à de tantos outros imigrantes.* (BATISTA, em entrevista à autora, 2007).

A maneira como Batista cria a Arte revela a forma como aprendeu a dar forma a seus valores, expressando-os concretamente nos materiais que manipula. Se forem alterados estes valores, conseqüentemente sua obra vai sofrer alterações. A forma da obra com seu criador é única e inconfundível. Cada obra é o seu traço marcante, é sua fruição, é sua “aura”. Para que tudo ocorra de modo adequado, para a realização de um trabalho Batista diz que precisa *de pesquisa, sendo muitas destas complexas o que torna um trabalho mais difícil pois, à vezes, é necessário estudar física, matemática, história, geografia, química, ciências, meio ambiente, solo. Como exemplo, o local onde é fixada a estrutura, a base da obra, geralmente não aparece. Mas não é possível colocar uma escultura sem estudar o solo, sem calcular quanto de material será usado, que tipo de material, como serão construídas as partes para formar o todo, calcular o peso e o tamanho para o transporte. Precisa-se de um engenheiro para conferir esses cálculos. E precisa-se também conhecer a geografia, a cultura e os hábitos do local onde o monumento será fixado. Por exemplo, não posso fazer uma escultura de um tirolês e colocá-lo no Rio Grande do Sul. É preciso conhecer a história, as tradições e os costumes do lugar.*

Desde o início de sua trajetória profissional Batista já previa tais dificuldades, mas foi durante seus contatos com os poderes públicos locais que elas se mostraram mais complexas. Batista relata que seu projeto inicial seria uma grande exposição permanente, ao ar livre, que servisse de referência para outros projetos. Para o artista, as dificuldades a enfrentar eram grandes. Além do preço cobrado ser sempre inferior a 50% do valor das obras, teve que enfrentar, segundo ele, uma das maiores pragas que infestam o poder público: os entraves

desnecessários. É comum existirem interesses políticos envolvendo toda e qualquer construção de monumentos, ou de obras que relembrem grandes vultos ou fatos importantes, o que acaba prejudicando o caráter ideológico da obra, não se atribuindo a ela o devido valor histórico proposto na origem. Somente o povo, com o passar do tempo, vai poder entender o valor legítimo da obra, desvinculado do valor político que outrora lhe foi atribuído.

Batista comenta: *Existe um outro fator que tem causado dificuldades e que ocorre, geralmente, quando os poderes públicos contratam alguém para fazer uma obra e colocá-la em determinado lugar da cidade. Então, se faz a pesquisa e se constrói a obra. Quando se está finalizando o monumento, um representante público precisa fazer sua publicidade, chega diante de você e diz: “Essa obra não vai mais para o local da idéia inicial”, e determina onde ele quer colocá-la, ou seja, em outro lugar. A obra acaba sendo deslocada para um determinado ponto da cidade que não tem nada a ver com seu contexto, ficando muitas vezes deslocada de seu projeto. Isso acontece com frequência.*

Mas, mesmo diante de grandes dificuldades, a questão ideológica que vem sendo construída durante anos é que fala mais alto. Desta forma, para transformar em realidade seus objetivos, a cada dificuldade que se encontra, se tem que ir encontrando também a respectiva solução.

Batista continua: *“Por exemplo, é comum que o artista ‘pense’ uma obra, imaginando-a em determinado local, que pode, até mesmo, ter sido ‘contratado’ no projeto da mesma. Por um ou outro motivo, na maior parte das vezes, político, esta obra acaba sendo destinada a local diverso. É desagradável e frustrante para seu autor. Por essa razão, O artista precisa ser ‘artista’ no sentido amplo da palavra, para saber fazer uma obra que permita sua fruição independente do local onde ela for colocada. Porém, são várias as pessoas que não entendem a presença de determinado monumento, no local em que foram colocados, fato que gera críticas, geralmente dirigidas ao escultor, pois também são muitos aqueles que não sabem que o artista faz a obra mas não é seu ‘dono’, não tem poder para determinar o local em que a obra ficará exposta.*

Para complementar essa fala do escultor Batista, acrescento uma narrativa, experiência particular. A questão a que me reporto refere-se a um fato que ocorreu no decorrer de uma viagem de estudos, em que muitos questionamentos acontecem, o que é importante para o crescimento de cada um dos envolvidos. Na ocasião, conheci uma pessoa que me relatou considerar alguns monumentos ‘um horror’ distribuído pela cidade, os quais eram vistos por essa pessoa como “mentiras que o escultor espalhava para o povo”. Disse ainda que, na visão

dela, determinados monumentos não representavam nada daquilo que o nome da obra sugeria. Portanto, não passavam de uma lenda.

Tal pessoa não sabia que eu estava efetuando uma pesquisa a respeito dos monumentos e sua função pedagógica de preservação da memória do povo. Percebi, com o depoimento dela, que os monumentos não estão apenas sendo “vistos” nos pontos estratégicos da cidade, mas estão sendo também discutidos e ela pode exemplificar este fato. Alguns discutem os aspectos positivos, outros discutirão os aspectos negativos das obras, mas essa é a intenção da dialética: trazer à tona os argumentos para que se construa um conceito que possa abranger o consenso da maioria. Assim, pude perceber que, mesmo estando ali, parados, esses monumentos estão causando uma movimentação na mente e no imaginário das pessoas, podendo ser este um dos objetivos do artista.

Batista conta: *“Para criar esses monumentos, precisei adaptar materiais, conhecer um pouco do trabalho de pedreiro, criar tintas e outros materiais resistentes ao tempo”*. E acrescenta: *“Não sou só um artista, sou também um pedreiro melhorado, construindo algo, dando forma, com forma um pouquinho diferente, repassando significados, mas com a preocupação de relatar momentos da História por meio dos monumentos, o que não diferencia meu trabalho do (trabalho) dos demais profissionais que contribuíram e contribuem com o mesmo objetivo, para consolidar os ideais de que estamos todos imbuídos*.

Batista ainda reforça que em seu trabalho faz monumentos em tamanhos gigantes para representar verdades do contexto histórico. Porém, mesmo fazendo obras em tamanhos tão grandes existem pessoas que passam e não as percebem ou não se encontram dentro do contexto e é nesse sentido que fomos buscar o significado pedagógico destes monumentos.

De acordo com Smith, (in BARBOSA, 1997, p.97 citado por FRANZ, 2003, p. 37) o ensino da Arte tem por meta: “Desenvolver nos jovens a disposição de apreciar a excelência nas artes em função da experiência maior que a arte é capaz de proporcionar”. Concordo com a afirmativa de que os estudos em torno de obras de arte devem focar, dentre outros, as tradições culturais, o que pode ser feito tanto na escola, quanto por meio dos trabalhos das instituições culturais como museus, praças e outros espaços expositivos.

De acordo com Franz (2003) a abordagem cultural à obra de Arte segue um ponto de vista que considera as obras artísticas como mediadoras de significados relacionados ao tempo e ao espaço. Dessa forma, a obra de Arte desloca-se para a explicação do discurso. Os objetos artísticos, as imagens, nas culturas, aparecem não como unidades e variáveis formais, mas como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares e outros significados.

Assim segue o olhar do artista quando reproduz sua obra, tentando buscar outros olhares e significados, embora muitas vezes diferentes daqueles com cujo objetivo fora contratado. Essas imagens habitualmente, constroem cenas originárias dos atores que fazem parte do contexto histórico da cidade.

É importante analisar adequadamente os objetos artísticos. É por meio deles que, principalmente quando estudados em relação ao tempo e ao espaço geográfico, se pode obter maior conhecimento das capacidades culturais dos diferentes povos. Para Hernández é preciso:

Prestar atenção à compreensão da cultura visual de todas as imagens (...) e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-las no passado e no presente com a finalidade de conhecer seus significados e como estes afetam nossas 'visões' sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos. (...) Uma obra (...) partindo da perspectiva da cultura visual, permite-nos reconstruir como a 'versão idealizada' de um fato histórico é compreendida, isto é, apropriada por diferentes tipos de públicos. (2000, p. 51, citado por FRANZ, 2003, p. 40).

Para entender o universo da criação e da reprodução de imagens, devemos nos reportar à discussão desse conjunto por Walter Benjamin (1996), segundo o qual, a reprodutibilidade técnica torna explícito o caráter artificial, construído ou tecnicamente reproduzido, dos chamados patrimônios culturais. Para o autor a “aura” de um objeto está associada a sua originalidade, a seu caráter em relação ao passado. Benjamin reserva as noções de singularidade e permanência para designar esses aspectos, em contraste com a reprodutibilidade e a transitoriedade dos objetos “não auráticos”. Sua autenticidade é “não-aurática”. A reprodutibilidade técnica está fundada não numa relação orgânica com o passado, mas na própria possibilidade de reprodução técnica desse passado. Desse modo, somos levados a problematizar categorias como as que, supostamente, são expressas pelos chamados ‘Patrimônios Culturais’. Estes, na medida em que não consideramos suas autenticidades ou inautenticidades, podem ser apenas pensados como construções ficcionais sem nenhum fundamento necessário na história, na natureza, na sociedade ou em qualquer outra realidade com que confortavelmente justifiquemos nossas crenças nacionalistas.

E com o conceito de Benjamin (1996), pela “aura” vamos à busca do autor que concebeu e construiu os monumentos na cidade dos monumentos. O escultor Batista, fala de sua profissão dizendo que: “*Minhas obras são autênticas como minha filosofia de vida*”. E na sua narrativa observaremos sua filosofia de trabalho e sua ligação com a região. O artista dos monumentos gigantescos faz questão de contar sua história de vida para que muitos, ou, ao

menos, alguns, ao fazerem a leitura de seus trabalhos, venham a entrar em sintonia, se identifiquem com a obra, embora nem todos consigam essa identificação. Assim, Batista reconhece que, quando se faz a releitura de uma obra, muitos se sentem inseridos no contexto e outros não.

Batista nasceu em Ituporanga, em um local chamado de Baixo da Serra Grande, sexto filho de um total de nove, em uma família de descendentes de espanhóis. Em seu relato, surge a lembrança da *“casa, velha, feita de madeira. Nos fundos da casa rolavam as águas do pequeno rio, por entre as pedras, fazendo coro com o chiar da velha chaleira de ferro sobre o fogão à lenha, que arremessava para as alturas uma trilha de fumaça em busca de socorro”*. Seu pai era homem da roça. Acreditava no resultado de seu trabalho como agricultor, do qual tirava o sustento da família, sempre tendo forças para *“continuar a dura realidade de educar mais um filho com aumento de suas responsabilidades. Mesmo assim, ainda trazia naquela imagem do nascimento uma força interior cheia de fé*.

O parto que trouxe Batista ao mundo foi realizado pelas parteiras da vizinhança *“que se punham a ferver água, separar panos limpos, acender velas com rezas para nossa Senhora do Bom Parto e Nossa Senhora das Graças”*. Dava-se uma desculpa qualquer para se tirar os outros filhos da casa, para que não se assustassem ou atrapalhassem os preparos. Em homenagem aos santos São José e São Cristóvão, recebeu o nome de José Cristóvão Batista.

Ele lembra que em sua infância, ainda bem pequeno, já ia para a roça carregado no colo por sua irmã mais velha, Salete, ou ia sobre o lombo do cavalo Barroso, com seu irmão mais novo, Miguel Arcanjo, dentro do cesto de taquara (cargueiro): *Eu ficava agarrado às rodilhas do cesto, nas subidas de morro, com um enorme medo de cair, mas confiava na presença forte de meu pai. Lá na roça tudo era novidade e muito encantador, o guinchar do macaco nas encostas das serras, o piar do gavião, sons que até hoje ainda me remetem de volta à infância*.

Batista relembra que, naquela época, as belezas naturais que os rodeavam serviam de alento para o duro trabalho da roça: *O sol forte que assolava a face de meu pai por muitas vezes cegava-o com o sal de seu suor, mas jamais tirou dele a serenidade e a esperança. Na inocência de criança a consciência era alheia às durezas que nos cercavam*.

O escultor lembra de algumas influências que aconteceram em sua vida e que contribuíram para a formação de seu caráter levando-o a, hoje, utilizar determinados parâmetros para distinguir atitudes de bondade ou maldade. Havia parentes que, por terem uma melhor condição financeira esnobavam a família de Batista, mas, tanto ele quanto seus irmãos, foram *“educados para entender que: ‘quem tem, tem, quem não tem, não tem e*

pronto'. Ainda lembro um momento em que, no velho armazém do meu tio Rubi, certo dia, surgiu um homem, trazendo nas mãos, pacotes de balas. Começou a distribuí-las para as crianças. Eu, assim como as demais que ali estavam, não entendemos nada e nos perguntávamos: “Como alguém, totalmente estranho, pode sair por aí distribuindo doces”? Pensei: “Será que é meu tio Rubi? Ele é rico! Mas... meu tio, além de sempre dar uns ‘pitos⁵’ na criançada, jamais me deu uma bala.” Então, a pedido daquele homem, corri em casa para chamar meu irmão Miguel. Mas logo fiquei muito triste porque meu irmão primogênito, Sidnei, não me deixou voltar ao armazém.” Este fato fez Batista entender a sua primeira lição de solidariedade. Mais tarde descobriu que aquele dia era dia de São Cosme e Damião, santos protetores das crianças, dia em que muitas pessoas com melhores condições de vida costumam distribuir balas e doces entre as crianças mais pobres. Esse fato marcou sua memória, fazendo-o reconhecer a necessidade de ser solidário não apenas em determinadas datas, mas sempre. Algum tempo depois ele descobriu que não era seu tio Rubi.

Entre os fatos que foram marcantes na formação de sua personalidade, Batista relatou: “Em outras épocas, meu pai já havia sido proprietário de várias terras. Um tempo depois lhe restava apenas uma velha casa, uma vaca, a qual chamávamos carinhosamente de “Pretinha”, e algumas galinhas. Para poder plantar era como meeiro, em terras de terceiros. Com sete filhos, dependendo apenas de seus braços, era muito difícil recomeçar, porém, alimento não faltava, pois a roça sempre foi generosa.”

O pai de Batista ensinou-o, não com palavras, mas com atitudes, a respeitar tanto a família, quanto a natureza, da qual retirava somente o necessário para a confecção de suas obras. Quando precisava de uma árvore para entalhar algum carro de boi, dela aproveitava até os menores pedaços. Por exemplo, se sobrasse um pedaço um pouquinho maior, posteriormente seria transformado em gamela⁶ onde minha mãe fazia pães, por muitos e muitos anos.

Com o passar do tempo, seu pai começou a encontrar dificuldades em tirar dos morros, das roças, o sustento da família e resolveu ‘subir a serra’ em busca de uma melhor opção. “Lá nas margens cheias da curva do Rio Palheiro, nas várzeas úmidas, as terras eram muito férteis. Além das plantas, havia pinhão, peixe e a caça. Seria uma forma de suprir as necessidades, até a próxima safra.”

Na tentativa de melhorar sua situação financeira, juntou-se a seus compadres Zézo e Cezária, aderindo à idéia de abrir um boteco, ou um bolicho, na boca da serra. O ponto era

⁵ Pitos – Repreensão, descompostura. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

⁶ Gamela – Vasilha de madeira com diversos usos. Dicionário Houaiss.

estratégico, um ótimo lugar para negócios. Os tropeiros traziam suas tropas dos campos de Lages, fazendo as paradas ali. Assim como os pescadores, os caçadores, e também o pessoal que trabalha na usina hidroelétrica. Analisando esses fatos, reunindo uns cobres da safra anterior, meu pai comprou, por bem pouco, um pedaço de terra, bem na boca da serra, em frente à capelinha de São Cristóvão.

Assim, o pai de Batista construiu uma pequena casa, bem em frente à grutinha de São Cristóvão, em cima da serra. Neste lugar, Batista pode sentir a felicidade de sua infância, sem perceber as dificuldades reais da vida adulta, pois isso não era repassado às crianças, para as quais, em sua inocência, tudo parecia belo e agradável: *A gente nem percebia o que se passava. Não escutávamos as conversas de nossos pais, durante a noite. Na manhã seguinte, levantávamos e corríamos porta afora na ânsia de chegar ao pé do pinheirão, pegar enormes pinhões que ali no chão estavam, misturados com grama e as grimpas*⁷. *A maravilha, naquele momento, não era o fato de saciar a fome, mas sim de fazer parte daquela beleza natural.*

Sua mãe sempre estava à espera da família, naquela bela casa, com seu olhar carinhoso, tendo na chapa do fogão à lenha *o café quente, o pinhão sapecando à nossa espera. Com um toco*⁸ *de pinheiro sobre o caixão de lenha, o macete para macetar o pinhão, a forte batida do macete no toco e por consequência sobre o pinhão, durava pouco, pois pinhão após pinhão, nós os íamos devorando. Nas tarefas diárias, água quente, balde, panos limpos nas mãos, lá ia meu pai para o galpão tirar leite da vaca ‘a Pretinha’.*

Havia, nesta casa, um forno à lenha, de tijolos, que, servia para assar os pães. Mas, para Batista e seus irmãos Miguel e João, a maior utilidade desse forno era secar os brinquedos que eles construíam em barro. Esses brinquedos em barro foram os primeiros trabalhos de Batista como escultor. Naquela época, como em toda família sem muitas posses, os brinquedos eram raros e muitas vezes construídos pelas próprias crianças que se utilizavam de suas fantasias para fazer daqueles os “melhores brinquedos” do mundo: *O tempo foi passando e à medida que brincávamos e confeccionávamos nossos brinquedos, fomos nos aperfeiçoando, principalmente quando reproduzíamos os tropeiros.*

O armazém do pai de Batista servia de parada *para os tropeiros, mascates e fazendeiros que passavam por aquela estrada. Paravam sempre ali para tomar pinga com limão, cachaça com capilé e comer alguns doces, comprar fumo de corda, e outras utilidades. Era normal, de vez em quando, aparecerem alguns gaúchos pacholas, com violão e gaita.*

⁷ Grimpa – Cume de qualquer coisa. Neste exemplo, os ramos dos galhos mais altos da araucária. Dicionário Houaiss.

⁸ Toco – Parte de planta cortada, que fica preso ao solo. Dicionário Houaiss.

Durante parte da noite, tocavam, cantavam, faziam versos e trovas. Eram noites muito animadas e a animação mantinha o boteco cheio de curiosos e admiradores. As cantorias, os causos e trovas, que aconteciam ao redor do fogo de chão, misturavam-se com cheiro do arroz carreteiro e da lingüiça assada. Também circulavam entre os presentes, o chimarrão, o café feito na chicultureira⁹. Todos estes acontecimentos eram observados em silêncio pelas crianças, que, atentas a tudo, posteriormente repetiam estas cenas nas suas brincadeiras.

Essas lembranças podem ser observadas no desenvolvimento dos trabalhos artísticos do escultor, o que justifica a sua insistência pelo resgate e preservação dos vestígios históricos que fazem parte da história de todo um povo.

No ano de 1975, quando as máquinas de reflorestamento devastaram a natureza, Batista e sua família vieram para Lages, pois suas terras foram desapropriadas. *Tudo era muito diferente da nossa infância. A pobreza deixava ainda as coisas mais difíceis. Neste período, um grande vazio invadia minha existência, o mundo nos afastou do barro e tudo mais que tínhamos para construir nossos brinquedos. Nesta fase, uma tempestade de inspirações sempre bagunçou a minha cabeça, a inquietação que me mantém criando até hoje me forçava sempre a buscar alternativas. A falta de acesso às técnicas, pareciam grandes penhascos intransponíveis. Não existiam escolas especializadas em Arte. Assim, as dificuldades não diminuía, todos os dias eu enfrentava desafios, principalmente os pessoais.*

As críticas sempre existiram, até porque elas é que fazem com que possamos dar continuidade aos nossos objetivos. Fazer esculturas, para mim, é uma realização, até porque sempre estou buscando nas memórias, o passado e representando-o no presente. Deixar algo para a história já me faz pensar que não passei aqui em vão. Tenho outros objetivos, alguns dos quais já estou concretizando, dentre eles o de ajudar as crianças e jovens a ‘degustar’ conhecimento através da fruição da arte e do artesanato, e também, com oficinas e palestras, procurando envolvê-los no contexto histórico. Procuo fazer com que esse público conheça as técnicas da escultura e do artesanato para, quem sabe, até servirem como fonte de renda, e também lhes mostro a importância de preservar a memória, a identidade através da preservação desses patrimônios. Sem conhecer as técnicas da universidade, quero devolver à sociedade meus conhecimentos, adquiridos como autodidata. Além da vida, também considero um presente que recebo todos os dias, a inspiração na reprodução e criação da arte.

⁹ Chicultureira – Ou ‘chocolateira’. Jarro de flandres em que se prepara ou serve chocolate ou café... Dicionário Houaiss.

No contexto que envolve Arte, Artesanato, História e Monumentos, procurou-se, nesta pesquisa, refletir: qual a importância da obra de arte ou do artesanato de um artista local? Qual o alcance pedagógico da arte enquanto conhecimento? É em Canclini que se podem buscar referências a respeito da relação entre a arte x artesanato:

Por que tão poucos artesãos chegam a ser reconhecidos como artistas? As oposições entre o culto e o popular, entre o moderno e o tradicional, condensam-se na distinção estabelecida pela estética moderna entre arte e artesanato. Ao conceber-se a arte como movimento simbólico desinteressado, um conjunto de bens 'espirituais' nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil, o artesanato aparece como o outro, o reino dos objetos que nunca poderiam dissociar-se de seu sentido prático. Os historiadores sociais da arte, que revelaram as dependências da arte culta com relação ao contexto social, quase nunca chegaram a questionar a fenda entre o culto e o popular, que em parte se superpõe à cisão entre o rural e o urbano, entre o tradicional e o moderno (2003, p. 242).

Como já mencionado anteriormente, existe em Lages um conjunto de monumentos criados por Malinverni Filho. Na reprodução desses ícones, na década de 30 a 40, e que foram solicitados pelos representantes públicos da época, Malinverni passou pelo mesmo processo citado por Batista no que diz respeito à contratação das obras pelos poderes públicos para marcarem suas ações na história local. As esculturas de um conjunto, destinadas, inicialmente, a um determinado local, foram distribuídas em alguns pontos centrais da cidade, diferentes dos programados, para perpetuarem, na história da cidade, algumas ações políticas. Para Canclini (2003) houve uma época em que os monumentos eram, ao lado das escolas e dos museus, um cenário legitimador do culto tradicional. Seu tamanho gigantesco contribuía para enaltecê-los. Mas, além desse aspecto, é preciso analisar de que modo ocorrem esses processos e procurar perceber como, na construção de nossas cidades, foram gerados os enormes edifícios e murais, retratos de heróis nacionais e calendários de efemeridades, destinados a instaurar uma iconografia.

Assim, Canclini (2003, p. 302) ressalta que “os autores de lendas espontâneas estão dizendo que os monumentos são insuficientes para expressar como a sociedade se move”. E o autor pergunta: “Não é uma evidência da distância entre um Estado e um povo, ou entre a história e o presente, a necessidade de reescrever politicamente os monumentos?”.

A valorização do patrimônio, portanto, perpassa a educação que viabilizará a preservação a partir de métodos interativos do indivíduo com a sua realidade histórica. O resgate e a valorização do patrimônio local, através da motivação dos habitantes de cada comunidade integraliza o patrimônio à memória histórica regional, criando uma perspectiva

mais concreta e realista da História local. Possibilita, com isso, a construção da identidade regional, em que o indivíduo consegue identificar a sua história e a de seu grupo.

Durante as estratégias vivenciadas com os alunos demonstrou-se que a vivência, a conversa com o artista e o trabalho com materiais alternativos constituem-se num espaço onde a memória coletiva do grupo, as identidades culturais foram valorizadas e em alguns momentos ressignificadas e percebe-se também o quanto os monumentos urbanos constituem-se em referências no espaço social. Através da materialidade da “aura” do artista, expressa nos espaços públicos com sua reprodução, podemos, por meio dos monumentos, desenvolver uma prática pedagógica, estabelecendo um diálogo com a história, com as memórias representadas, com a cultura local.

Como se percebe, é necessário que o conhecimento e o pertencimento anteceda à idéia de preservação. Geralmente, preserva-se aquilo com que se tem uma relação afetiva, o que se estabelece através do conhecer. Santo Agostinho ensinava que “conhecemos à medida que amamos”. Em educação patrimonial, podemos utilizar esse raciocínio na sua forma inversa: “amamos à medida em que conhecemos”.

3 TERCEIRA ESTROFE: OLHAR SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA

“Cada infância cumpre alguma coisa de grande, de insubstituível para a humanidade. Pelo interesse que a atrai para os fenômenos técnicos, pela curiosidade que ela tem por todos os tipos de invenções (...) cada infância religa as vitórias (...) aos velhos mundos dos símbolos”.

Walter Benjamin.

Neste capítulo apresenta-se o relato de experiência sobre a importância da educação patrimonial na educação formal e não formal e também uma reflexão a respeito das práticas realizadas, nas escolas, de acordo com os currículos escolares. Nesse contexto, buscou-se entender como as disciplinas de Arte, História e Geografia, estão trabalhando a temática ‘Patrimônio’ dentro da interdisciplinaridade, e, ainda, com a finalidade de possibilitar aos estudantes a apreensão do significado da Arte, procurou-se desenvolver uma ação pedagógica que proporcionasse aos estudantes a observação direta da obra de Arte, em especial dos monumentos, na cidade de Lages.

3.1 Caminhos Metodológicos

Pesquisar sobre as obras de artes (neste caso, as obras ‘Os Imigrantes’, ‘O Trançador’ e ‘Os Tropeiros’, inseridas no espaço urbano de Lages,) é levar em conta o que diz Hernández (2000, p. 141, citado por FRANZ, 2003, p. 41), a respeito do estudo de uma obra de Arte: “A educação escolar poderia contribuir (...) para a reconstrução de sua própria identidade em relação às diferentes construções da realidade que lhe cercam e que necessitam aprender a interpretar”. Assim, sabendo que os monumentos podem constituir-se em importantes ‘ferramentas’ na educação escolar, nesta pesquisa minha intenção é destacar a sua importância como instrumento pedagógico, para ajudar a pensar questões relacionadas com a Arte, com a

Cultura, com a História e com a identidade de cada um, pois, ainda de acordo com Hernandez “a abordagem cultural à obra de arte segue um ponto de vista uma perspectiva que considera as obras artísticas mediadoras de significados sobre o tempo e o espaço dos quais emergem.” Hernandez (1997a; 2000a, citado por FRANZ, 2003, p. 129).

Ainda de acordo com esta autora a obra de arte desloca-se para a explicação do discurso. Os objetos artísticos, as imagens, nas culturas, aparecem não como unidades e variáveis formais, mas como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares e outros significados. Durante a minha graduação em artes plásticas, onde se trabalha a fruição da obra, percebi que as questões relacionadas à preservação do patrimônio transformam-se em importantes ferramentas, capazes de proporcionar aos que as estudam, melhor compreensão do ambiente em que vivem, despertando o orgulho pelas raízes históricas da cidade. Por essa razão, senti a necessidade de estar repassando essas questões para os jovens, e quanto mais cedo melhor, para que seus olhares sejam mais críticos, repletos de conhecimento. Observo que a arte abre um “leque” de opções e caminhos os quais se pode estar percorrendo, de forma descontraída, agradável, porém muito eficiente através da temática ‘Patrimônio’.

Assim, a partir da própria experiência de vida, foi possível perceber a necessidade de trabalhar, nas escolas, com os alunos, o tema ‘Patrimônio’, para que este venha a ser compreendido por todos, pois se sabe que a indiferença é fruto de desconhecimento e que os alunos podem se tornar disseminadores desse conhecimento. Por essa razão, nessa pesquisa, buscou-se estabelecer um relacionamento com esses bens comuns a todos a fim de entender como as pessoas lidam com relação às heranças culturais e para procurar mostrar aos alunos envolvidos na pesquisa qual a responsabilidade que todos têm na valorização desses bens.

A compreensão dessa necessidade de valorizar um bem histórico tem reflexos na própria cidadania, pois, conforme Franz (2003, p.140), os discursos sobre a educação brasileira, incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, permitem traçar “um paralelo entre o que pensamos ser uma educação artística para a compreensão e a intenção de educar para a cidadania”. Ainda de acordo com Franz:

este paralelo suscita perguntas do tipo: Como educar para a cidadania, negando o caráter ideológico e histórico da arte? Qual a contribuição que nós, arte-educadores, estamos dando à formação do cidadão brasileiro, com práticas (...) que levem os estudantes a formar uma consciência crítica e compreensiva sobre os problemas relacionados com sua conturbada e complexa realidade, sua história e sua biografia? (FRANZ, 2003, p.140-1).

Estas perguntas têm sua razão de ser se levarmos em conta que uma obra de Arte, seja qual for a forma em que está representada, permite, no seu estudo, o conhecimento não só do artista/autor, mas da época em que a obra foi feita, da cultura, da geografia, das crenças, do momento histórico e, até mesmo, das preferências estéticas de todo um povo pois, como diz o Professor Fernando (citado por FRANZ, 2003, p.141) “a construção da emoção estética não é individual, e sim social”. Dessa forma, estudar uma obra de Arte permite que o aluno, ao apreciar essa obra e inseri-la no momento atual, possa traçar um paralelo entre a época em que ela foi feita e a sua própria época, portanto, seu modo de viver, permitindo-lhe, também, ampliar o entendimento das diferenças sociais, econômicas, políticas e culturais existentes entre o “mundo” em que a obra foi construída e o seu próprio “mundo”. Assim:

A educação para a compreensão tem como uma das suas principais preocupações partir da realidade pessoal, social e cultural de quem aprende. Se estamos falando em valorizar o mundo particular do estudante ou do aprendiz, estaremos levando em conta suas pré-concepções relativas ao tema/problema sobre o qual pretendemos que aprendam melhor, com mais complexidade, com mais profundidade e, em contrapartida, que aprendam a usar os novos conhecimentos para melhorar seu mundo individual e social (FRANZ, 2003, p. 141).

Buscou-se, pois, conhecer os aspectos históricos, ambientais e sociais da história local para obter uma visão mais clara a respeito desses aspectos, com a finalidade de, mais facilmente, abrir espaços na elaboração de novos conhecimentos para os sujeitos presentes nos diferentes momentos desta pesquisa. Para superar a visão de construção dos fatos e idéias como sendo verdades absolutas, procurou-se levar os alunos a criarem pensamentos reflexivos e atitudes questionadoras, dando vez a pesquisas e posturas críticas. Para despertar, nos alunos, essas atitudes críticas e a busca por respostas aos seus questionamentos na elaboração de novos conhecimentos, essa pesquisa estruturou-se em três momentos significativos.

O primeiro deles foi de estudos bibliográficos e documentais sobre educação patrimonial e suas possibilidades de uso na escola formal.

O segundo foi um estudo de caso em escolas das esferas: pública municipal, pública estadual e particular. Na tentativa de elaborarmos discursos de apropriação do passado e dos significados desse passado, na educação, foram desenvolvidas, com os alunos dessas escolas, atividades pedagógicas nas quais se procurou por meio de releituras e reflexões contextuais, levar esses alunos a observarem como o passado e o presente se mesclam nas obras de Arte, nesta pesquisa, mais especificamente, nos Monumentos.

Em um **terceiro** momento foram feitos os cruzamentos dos dados obtidos.

Para a escolha das três escolas, áreas de abrangência da pesquisa, definiram-se dois critérios: o primeiro, a esfera administrativa a que as escolas envolvidas estivessem sujeitas e o segundo, a proximidade dessas escolas com os monumentos urbanos.

1) **A esfera administrativa:** a amostra deveria ser obrigatoriamente em uma escola municipal, outra estadual e uma terceira da rede particular de ensino, na cidade de Lages/SC. A escolha de escolas de diferentes esferas administrativas e situadas em pontos diversos da cidade, portanto, atendendo a um público diferente, permite observar as questões econômicas e sócio-culturais dos alunos envolvidos na pesquisa.

2) **A proximidade dessas escolas com monumentos urbanos.** No caso, cada escola estava situada a cerca de quatrocentos metros de distância de um Monumento. Os três monumentos, escolhidos em função dessa proximidade, foram construídos pelo escultor José Cristóvão Batista, que, por ações de uma política da prefeitura local, foi contratado para construir monumentos representativos da História de Lages, a serem inseridos em pontos estratégicos dos percursos urbanos, nessa cidade.

Tendo em vista facilitar a visita dos alunos, para a pretendida observação direta, o primeiro passo foi verificar que escolas estavam situadas nas proximidades de Monumentos. Localizadas essas escolas, a etapa seguinte foi saber a que esfera administrativa estavam subordinadas.

A escolha de escolas de diferentes esferas administrativas e situadas em pontos diversos da cidade se deu tendo em vista, além da já citada proximidade com os monumentos, a possibilidade de observar as questões econômicas e as possíveis diferenças sócio-culturais dos alunos envolvidos na pesquisa, bem como observar se estas questões influenciam, de alguma forma, o conhecimento dos patrimônios locais.

Determinadas as escolas mais adequadas à realização desta pesquisa — Colégio Santa Rosa de Lima, Escola de Educação Básica “Nossa Senhora do Rosário” e Escola “Professor Trajano” — a direção das mesmas foi procurada a fim de obter-se a devida autorização para envolver seus alunos na pesquisa. A Direção das três escolas aquiesceu prontamente à solicitação, não opondo nenhum obstáculo. A Direção da escola “Professor Trajano” sugeriu que a autorização fosse também solicitada à Secretaria Municipal de Educação.

O Colégio “Santa Rosa de Lima”, situado em área central da cidade, pertence à esfera de administração particular de ensino. Na época da realização da pesquisa, distribuídos entre a escola maternal e o último ano do ensino médio, havia, aproximadamente, oitocentos e onze

alunos, dos quais sessenta e dois, freqüentando a sexta série do Ensino Fundamental, participaram desta pesquisa.

A Escola de Educação Básica “Nossa Senhora do Rosário”, com alunos matriculados no ensino fundamental, de quinta a oitava série e nas três séries do ensino médio, está subordinada à esfera administrativa estadual de ensino. Localizada no Bairro Coral, o mais desenvolvido da cidade, contando, inclusive, com forte comércio e rede bancária, à época da pesquisa esta escola contava com, aproximadamente, mil e cem alunos, dos quais quarenta e dois, freqüentando a quinta série do Ensino Fundamental, estiveram envolvidos na pesquisa.

A Escola “Professor Trajano”, da esfera administrativa municipal de ensino, está localizada no Bairro “Conta Dinheiro”, em local mais distante da área central da cidade. À época da pesquisa, nela havia, aproximadamente, cento e setenta e dois alunos, matriculados nos níveis de creche até quarta série do Ensino Fundamental I. Destes alunos, os dez matriculados na quarta série participaram desta pesquisa.

Inicialmente, pensou-se em fazer a pesquisa envolvendo apenas alunos de sexta série do ensino fundamental. No entanto, já que a Escola “Professor Trajano” ministra aulas apenas até ao nível de quarta série, optou-se por outra possibilidade de observação: a da diferenciação do nível de conhecimentos a respeito do assunto Patrimônio, em alunos de quarta, quinta e sexta série do Ensino Fundamental, o que também permitiria observar, nesses alunos, a graduação no nível de conhecimentos sobre o assunto que, de acordo com os PCNs, deve começar a ser ministrado na segunda série do Ensino Fundamental.

Após definidas as escolas, definiram-se duas estratégias de atuação complementares:

- a) Oficinas com alunos de 4^a, 5^a e 6^a séries do ensino fundamental.
- b) Entrevistas estruturadas com docentes que trabalham nas disciplinas de Arte, História e Geografia.

A primeira estratégia teve por finalidade criar uma aproximação com os alunos já que, até então, não havia entre eles e a pesquisadora nenhum vínculo. A segunda, desenvolvida com os professores, buscou avaliar o intercâmbio interdisciplinar, proporcionado por estes a seus alunos, em relação ao tema “Patrimônio”.

Durante a realização das oficinas, os alunos fizeram fotografias, desenho, pinturas, pois, segundo Fayga Ostrower (1983) é essencial que se entenda como princípio básico os elementos da linguagem visual. Como complementação dos diversos assuntos abordados, os alunos buscaram junto aos pais respostas para as suas perguntas suscitadas em sala de aula. Essa foi uma das técnicas usadas durante a investigação da pesquisa, para, posteriormente, verificar o nível de conhecimento obtido pelos alunos a respeito dos assuntos veiculados

durante os diversos momentos da pesquisa.. Foram programadas, e realizadas, quatorze oficinas em cada escola. Apenas na Escola Básica “Nossa Senhora do Rosário” duas oficinas deixaram de ser realizadas por impedimentos relacionados ao calendário de atividades daquela escola.

Nas estratégias utilizadas, durante as oficinas, procurou-se, de forma prática, analisar quais os conhecimentos que esses alunos tinham sobre patrimônio, já que passavam todos os dias em frente aos monumentos pesquisados, para irem e virem à escola, ou, em frente a outros monumentos existentes em qualquer outro caminho percorrido no seu dia-a-dia. Ao pesquisar essas esculturas urbanas com os alunos, observou-se que estas são como livros abertos, nos quais cada um faz sua leitura ou releitura. No entanto, é comum ouvir-se que há falta de material adequado e suficiente para as aulas de Arte, pois há os que não percebem que um patrimônio, seja ele representado por uma escultura, um obra arquitetônica, uma tela ou, até mesmo por uma apresentação de algum tema folclórico, se constitui em rico espaço pedagógico no qual se pode estabelecer o entrosamento entre Arte, Cultura e História. Na cidade de Lages, nas proximidades de várias escolas há monumentos que poderiam ser facilmente visitados pelos alunos pois situam-se a poucos metros de distância dos estabelecimentos escolares em que estudam. Há casos em que as crianças não precisam sequer atravessar uma rua para observar de perto um monumento e, por meio dele, melhor entender as marcas do passado. No entanto, nem sempre professores e alunos reconhecem um monumento como lugar de fruição da Arte e excelente espaço pedagógico interdisciplinar.

3.2 Encontros

A seguir, apresenta-se o relato de como se desenvolveram as atividades dessa pesquisa e o dos resultados alcançados.

Em cada escola houve uma série de encontros em que a atividade pedagógica foi, progressivamente, se desenvolvendo, em uma série de encontros, cada um deles com fazeres diferenciados, começando pelo encontro em que se travou conhecimento com os alunos.

a) Primeiro encontro: Optei por, após fazer a apresentação pessoal, trabalhar, inicialmente, com um questionário, por meio do qual os alunos, por sua vez, fariam sua própria apresentação, informando, além do próprio nome, alguns aspectos de sua situação familiar, habitacional e cultural, descrevendo seus hábitos de leitura e lazer, quais os pontos da cidade que mais chamam sua atenção e, para perceber o envolvimento desses alunos com a cultura local, quais seus conhecimentos a respeito da História de Lages e da Arte local. Após

responderem ao questionário, os alunos fizeram um desenho sobre o que mais lhes chamava a atenção na cidade. Assim, iniciou-se um vínculo com os alunos, identificando a compreensão de cada um, qual a percepção e o olhar individual desses alunos sobre a Arte existente na cidade. Durante a realização desses desenhos, foi possível perceber que os jovens, nessa idade, precisam ser instigados e desafiados à produção para poderem soltar a imaginação e perceberem os fatos e locais que fazem parte de seu cotidiano.

Para análise do primeiro encontro, e buscando a interação dos grupos, trago reflexões em relação às respostas obtidas e aos objetos desenhados. Do total da amostra, 50% dos alunos são naturais da cidade de Lages/SC, 40% são oriundos de cidades da região e 10% vieram de outros estados. Para a maioria dos alunos o que mais chama atenção são os *shoppings centers*.

Dessa constatação, surgiu um questionamento: *Porque esses “templos do consumo” transformam-se na referência básica para os jovens?* Foi em Bauman que encontramos a resposta. A preferência desses alunos pelos *shoppings centers*, “*esses templos do consumo*” como os denomina Bauman (2000, pp. 112-4), torna-se compreensível se houver a reflexão de que esse é o “espaço público” que lhes foi apresentado, pelo círculo familiar e social em que vivem, como o “melhor espaço” da cidade. É nos *shoppings centers* que eles se reúnem, tanto com familiares quanto com amigos, para um almoço, um lanche, para compras, para se divertirem com as diversas opções de lazer ali existentes. Eles, assim como a maioria das pessoas, nem sequer têm consciência de que um Monumento é também’ considerado um ‘espaço público’. Como afirma Bauman (2000, p. 112), “Há muitos lugares nas cidades contemporâneas a que cabe o nome de ‘espaços públicos’. Para este autor, tais ‘espaços públicos’ “são de muitos os tipos e os tamanhos, mas a maioria deles faz parte de uma de duas grandes categorias. Cada uma delas se afasta do modelo ideal do espaço ‘civil’ em duas direções opostas mas complementares”. E, para justificar a preferência por esses lugares, Bauman continua:

por exemplo, os *shoppings centers* são (...) cidades construídas no sentido da união comunitária (...) são lugares que encorajam a ação e não a interação. Compartilhar o espaço físico com outros atores que realizam atividade similar dá importância à ação, carimba-a com aprovação do “número” e assim corrobora seu sentido e a justifica sem necessidade de mais razões. (2000, p. 112).

Esses jovens, desde muito pequenos, são instigados para o consumo. Talvez não por vontade própria mas, em uma cidade contemporânea, onde a paixão é desfrutar das novidades e das coisas diferentes, muitos pais, por consequência do progresso e da necessidade de

trabalhar, que diminui o tempo para lazer, instigam, nos filhos, a vontade de visitar esses lugares para neles mostrar novos “rótulos, marcas, etiquetas” seja lá qual for o nome do que estiver ‘na moda’ naquele momento. O “mercado” faz desses espaços de consumo, uma alternativa fácil para as pessoas suprirem a falta da convivência em família, as trocas de carinho, os valores afetivos, a possibilidade de passeios em que fosse possível conhecer melhor a cidade em que vivem e os espaços históricos nela existentes. Tais ‘passeios’, embora tenham se tornado a realidade de muitos, nada acrescenta aos conhecimentos nem à afetividade familiar ou comunitária, pois, embora haja nesses ‘templos do consumo’ grandes grupos, cada um continua solitário, já que neles:

a tarefa é o consumo, e o consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente *individual*, uma série de sensações que só podem ser experimentadas – vividas – subjetivamente. As multidões que enchem os interiores dos ‘templos do consumo’ (...) são ajuntamentos, não congregações; conjuntos, não esquadrões; agregados, não totalidades. Por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não têm nada de ‘coletivo’. (BAUMAN, 2001, p. 114).

Para esses jovens, muitos conceitos e valores já se perderam, pois não há um relacionamento intenso entre os familiares. Ainda de acordo com Bauman, (2004), muitos estão preocupados com uma coisa e falando de outra. Nos seus diálogos, não há tempo para a proposta de fazer um passeio no campo, um piquenique, muito menos para falar em preservação, seja ela da memória, da história, da família. As preocupações são outras, muitas delas fúteis, vazias.

Essa relação dos alunos com os *shoppings centers*, portanto, não pode ser considerada errada, pois foi o mundo ao qual foram apresentados. Observa-se que é necessária a introdução de subsídios para que haja reconhecimento sobre patrimônio. “Só se ama aquilo que se conhece”. Para estes alunos, o consumo ainda é prioridade, é uma forma de conhecimento definido por esses espaços públicos, garantindo aos mesmos, por meio da apropriação social e espacial, sua identidade e seu poder.

As diferenças sociais, dentro de um espaço público, se dão através de um processo seletivo de apropriação social, ou seja, eu estando presente no espaço público, sinto-me igual aos demais, faço parte daquela cultura, mas, na realidade, somos todos estranhos, mesmo estando num mesmo lugar. Assim, os alunos sentem-se bem nos *shoppings*, sendo avaliados por eles como o mais interessante lugar da cidade, porque, culturalmente, lhes foi mostrado como um lugar de identidades homogêneas. Não foram alertados para outros valores.

Neste primeiro encontro há um momento importante a destacar. Durante a explanação em que se falava dos monumentos de Lages, na Escola Municipal “Professor Trajano” uma aluna - numa clara demonstração de haver recebido aulas a respeito do assunto - lembrou-se de que a professora da classe (4ª série) tinha, em algum lugar na mesa ou na estante, um mapa da cidade com a localização dos monumentos! Todos os alunos correram para procurá-lo e agruparam-se em volta do mapa (Mapa 01) nomeando alguns monumentos e indicando o local em que se encontravam. Apenas nesta escola observou-se este conhecimento. Talvez por ter sido a única em que o tema foi desenvolvido pelos professores ou, talvez, mais provavelmente, por estar a mesma situada quase em frente ao Parque de Exposições “Conta Dinheiro”, onde se realiza, anualmente, a Festa do Pinhão, e por ser, o referido mapa, parte integrante do material de divulgação desta festa.

b) Segundo encontro: para estabelecer uma aproximação ainda maior com os alunos e destes com o assunto ‘Monumentos’, optou-se por levar as réplicas dos monumentos a serem analisados para ver suas reações e seus questionamentos e também para verificar se faziam um paralelo com as obras em tamanho original, criadas pelo artista local. Dispôs as esculturas numa seqüência histórica na tentativa de chamar a atenção dos alunos para os fatos históricos relacionados a cada monumento.

As réplicas utilizadas foram as das obras: ‘O Trançador’, ‘Os Imigrantes’ e ‘Os Tropeiros’. Cada uma delas pesa, aproximadamente, 50 kg, e tem 40 cm de altura por 60 cm de comprimento. As esculturas foram modeladas em argila maciça e queimadas no forno de uma olaria, no mesmo processo pelo qual passam os tijolos. Para alunos das três escolas, o que mais interessou foi saber o material utilizado na confecção das esculturas ali expostas.



FOTO 11: Releitura de réplica

FONTE: A autora, 2007.

Num primeiro momento, os alunos olham e tocam nas esculturas; em seguida, expressam a curiosidade em saber sobre o material utilizado e sobre o processo para esculpir. Alguns identificam, pela réplica, o local da obra em tamanho real. A leitura iniciou-se com o olhar de uma aluna dirigindo-se a uma das obras, e seu comentário: *as pessoas vão à cidade comprar comida para sua família, e também lenhas. Na escultura do ‘Trançador’ o homem está sentado em um tronco, arrumando a sela para pôr em seu cavalo para ir à cidade vender alguns metais e ganhar dinheiro para sustentar a família e para os filhos não passarem fome.*

Outros alunos observam que as roupas do ‘Trançador’ são iguais às dos gaúchos e perguntam qual o nome de cada escultura, tendo, a participação dos alunos, se limitado, nesse primeiro encontro, mais à observação do que a perguntas ou comentários.

Observo que a escultura que mais despertou afinidade nos alunos foi a do ‘Trançador’, pois houve uma identificação da obra com suas realidades, já que Lages é o pólo das fazendas rurais. No entanto, durante a exposição desta escultura, nenhuma relação com a História de Lages foi observada pelos alunos, em nenhuma das escolas.

Nas três escolas, os comentários foram praticamente os mesmos, relacionados apenas aos aspectos físicos da figura representada no monumento e ao material empregado na obra. O contexto histórico em que o ‘Trançador’ se insere no Planalto Serrano não foi mencionado, nem, tampouco, a importância do resgate da figura desse profissional no contexto da cidade de Lages.

Ao final desse segundo encontro aviso aos alunos que José Cristóvão Batista, o artista que esculpiu os três monumentos em estudo, lhes fará uma visita para expor melhor os aspectos relacionados a sua arte.

Informo aos alunos que, no próximo encontro, o artista virá até à escola e, juntos - alunos, professora(s) e escultor - iremos até à obra “gigante” que fica próxima à escola para que o artista possa fazer as leituras da obra como um todo.

Nesse dia, muitos foram os questionamentos com relação às obras, dentre eles, onde ou em quê o artista se inspira. Faço os comentários pertinentes ao contexto da aula e os deixo motivados para o próximo encontro, quando o artista irá responder seus questionamentos.

c) **Terceiro encontro:** Para completar os significados das obras, o artista fez uma visita às escolas e, na seqüência, foi junto com os alunos fazer uma releitura de suas obras. Foram várias as perguntas dos alunos sobre a origem do artista, o início de seu trabalho e curiosidades sobre suas obras. Algumas das respostas de Batista foram inseridas no Cap. II - 2.4 (A Obra e o Artista) e a íntegra de sua entrevista pode ser consultada em Anexos.



FOTO 12: O artista vai à escola

FONTE: A autora, 2007.



FOTO 13: O artista vai ao monumento.

FONTE: A autora, 2007.

O artista respondeu a todas as perguntas com a disposição e simplicidade que lhe é peculiar. Falou de suas técnicas de trabalho e de como faz suas pesquisas de materiais.

Ao falar de suas origens, Batista mencionou ser de família pobre e, lembrando de como são feitas as habitações mais humildes do interior do Brasil, inclusive aquela em que ele morou na infância, perguntou aos alunos se eles sabiam o que é ‘estruque’ e eles responderam que não. Então, Batista explicou que é aquele material com que se constroem as residências

mais pobres, nas periferias, nos sertões e, principalmente, lá no nordeste. Batista explicou que é uma forma de construção que muitos usam por falta de materiais como o tijolo e o cimento, dentre outros. Estuque, também chamado de ‘adobe’, é um sistema barato de construir usando uma estrutura formada por um conjunto de ripas de madeira lascada, ou taquara, ou galhos finos, dispostos em forma de grade, preenchendo-se os vãos dessa grade com barro amassado. Os alunos conseguem acompanhar o raciocínio de Batista e ficam surpresos com a explicação. Ele continua falando e explica como são as técnicas de esculturas e quais os melhores materiais para esculpir, alertando para o fato de que alguns dos possíveis materiais com que o escultor trabalha, além de caros, são difíceis ou até impossíveis de recuperar quando há alguma falha: *Por exemplo, se for fazer uma escultura em um bloco de pedra, você corre o risco de ‘morrer de fome’, vai ser como os artistas de antigamente, que morriam na miséria, porque demora muito para fazer e, depois da obra pronta, é difícil vendê-la. Se você comete um erro quando está esculpindo na pedra, pode perder todo o trabalho, ficando muito difícil, às vezes até impossível, de consertar. Então tem que ser um trabalho rápido e bom.*

Batista explicou também que, quando se vende uma obra ao poder público, para construí-la paga-se um valor alto em impostos, mais material, mais o salário dos assistentes. Há exigências burocráticas a serem cumpridas, deixando o valor final muito alto. Precisa-se, ainda, analisar o lugar para colocar a obra. Por exemplo, quando o contratam para fazer uma obra religiosa, muitas vezes a religião de algumas pessoas não permite a presença dessa imagem em determinado lugar. Dentre outros fatos, algumas vezes interferem dizendo que o lugar pretendido pelo artista “não dá”. Às vezes, justificam, dizendo, por exemplo, que a ‘imagem é coisa do demônio’. Aí troca-se o lugar dessa obra que já está pronta, alterando o resultado em relação ao espaço. É muito complicado pois não se pode colocar a obra em qualquer lugar: necessita-se, antes, estudar o terreno. Depois da obra entregue, já passa a ser patrimônio do povo, muitas vezes, com distorções de leituras das obras pelas alterações do local.

Dando continuidade, Batista relata que, para construir uma obra, o processo todo passa por algumas etapas: *primeiro o sonho de fazer o projeto, depois, escreve-se esse projeto, a seguir pesquisa-se tema, roteiro cultural e outros aspectos. Então, pode-se saber o estilo da obra. Depois disso, apresenta-se o projeto para venda, levando em torno de até quatro anos para vender. Após vendido, leva de três a quatro meses para ‘fazer’ os trâmites legais da documentação. Depois disso, decide-se o material com que se vai trabalhar na obra e logo em seguida se faz a maquete de argila. Essa passa por uma aprovação. Se aprovada, amplia-se, faz-se a produção e se vai para a etapa final, a inauguração da obra.*

Com tantas informações, os alunos quiseram saber qual a primeira obra feita em Lages. Ao que Batista respondeu que *foi a escultura do ‘Trançador’*. *Fazendo a narrativa da História, salientou que esse profissional foi de grande importância para o desenvolvimento do Brasil na época do tropeirismo, confeccionando, para as pessoas e para suas montarias ou animais de carga, acessórios em couro, como chapéu, botas, cangalhas¹⁰ ou bruacas¹¹. Alguns artefatos de couro também eram necessários para as carroças, para carros de bois, para as mulas. Dessa forma, a profissão do trançador de couro era semelhante à de um empresário, hoje.*

A escultura gigantesca do ‘O Trançador’ foi a primeira obra gigante que produziu, destacando seu trabalho em Lages/SC. Nas palavras de Batista, além de fazer homenagem a esse profissional, a obra destaca também a importância desse profissional na região serrana. Falando do tamanho de suas obras, Batista explica que a melhor forma para dar visibilidade à obra é usando tamanhos gigantescos e que ao todo são 23 (vinte e três) as suas obras em tamanho gigante espalhadas no Estado de Santa Catarina e também fora do Estado. Na cidade de Lages, até ao momento, são apenas 06 (seis) obras concluídas, mas o projeto inicial para esta cidade (de Lages) é de 12 obras. Além dessas já concluídas e instaladas em Lages ou outros lugares, Batista tem mais de 2000 (duas mil) obras de pequeno porte espalhadas não só em todo o Brasil, mas, inclusive, fora do país. Batista ainda contou que recebe inúmeras encomendas de obras para serem presenteadas, muitas dessas para os representantes das políticas públicas.

Com expressão de satisfação e curiosidade, os alunos não davam folga para o artista. Sentiram-se valorizados pela atenção recebida. Acredito que esses momentos ficarão gravados em suas memórias para sempre. Retornamos à escola e todos queriam pegar na mão do artista, conversando ao mesmo tempo, fazendo daquele momento uma verdadeira festa; estavam eufóricos. Agradecemos a presença e a contribuição do artista e os alunos prometeram que, de agora em diante, seriam eles os novos guardiões daqueles espaços.

Observando as informações que foram passadas aos alunos, e a forma como eles receberam essas informações, penso que a reação dos mesmos fará diferenças em suas vidas. Para David Harvey (2008) a narração feita de forma mais plana possível, descrita com tons mais planos possíveis tem mais possibilidade de marcar a memória, diferentemente daquelas narrativas avassaladoras, com informação excessiva, que mais facilmente são relegadas ao esquecimento.

¹⁰ Cangalha – Armação que sustenta a carga no lombo dos animais. Fonte: Dic. Houaiss

¹¹ Bruaca – Saco ou mala de couro cru para transporte de víveres sobre bestas. Fonte: Dic. Houaiss

d) Quarto encontro: Trazendo as reflexões acima sugeridas por Harvey (2008) demos seqüência às atividades na Escola Municipal. Pedi aos alunos que contextualizassem, por meio de uma atividade diferenciada em cada escola, o encontro da aula anterior durante a visita de Batista. Os alunos da Escola Municipal “Professor Trajano” contextualizaram esse encontro em forma de desenho em quadrinhos e esmeraram-se em seus trabalhos. As histórias em quadrinhos foram fotografadas como pode ser observado a seguir:



FOTO 14: História em quadrinhos, produzida pelos alunos
FONTE: A Autora, 2007

Cada aluno desenhou a sua história em uma folha dobrada em quatro partes, portanto, cada aluno desenhou quatro quadrinhos que, depois de todos prontos, foram reunidos em um painel. Os quadrinhos desenhados pelos alunos foram acompanhados dos comentários a seguir transcritos:

Hoje nós fomos ao monumento “O Tropeiro” com o escultor Batista. Ele nos ensinou um monte de coisas sobre o tropeiro. Ele disse que já fez mais de 22 tropeiros.

Ele deve ser rico, porque ele disse que fora daqui ele cobra R\$ 80.000,00 e aqui em Lages ele cobra R\$ 25.000,00 porque aqui é a cidade dele.

Eu e meus amigos e o artista vendo os tropeiros em Lages. Ele está só explicando o que é um tropeiro.

Eu não sabia que foi José Batista que fez o monumento “O tropeiro”.

Essa é uma das obras sobre os tropeiros, feitas pelo artista Batista.

O tropeiro é um cara inesquecível.

Os tropeiros...

Os tropeiros e o artista: O 'Tropeiro' é muito bonito. O artista contou algumas coisas que eu não sabia, por exemplo, que o artista morava em Lages, e nasceu aqui, que fez 22 estátuas de tropeiros. Aqui onde está "O tropeiro" eu não sabia que era um lugar abandonado, sujo e feio. Agora é bonito.

Esses comentários indicam que houve ampliação de conhecimentos. Ao desenhar o quadrinho "Eu e meus amigos e o artista..." pode-se perceber que as crianças sentiram-se valorizadas, 'importantes' por estarem ao lado de um artista. Nos quadrinhos percebe-se também que houve um entendimento por parte dos alunos, de que a presença de um monumento altera a paisagem local, melhorando-a. Certamente esses alunos aprenderam a valorizar qualquer monumento que venham a encontrar.

Na escola particular a atividade seguiu na mesma seqüência, com pouca diferença. Como, nessa escola, o número de alunos e, conseqüentemente, de desenhos era grande - sessenta e dois - tornar-se-ia difícil formar, com a seqüência deles, uma só história. Optou-se, então, por outra forma de contextualização. Cada aluno posicionou-se à frente da turma, mostrando a todos o seu desenho e explicando-o oralmente. Todos os outros alunos que houvessem feito desenho relacionado ao mesmo momento da visita deveriam reunir-se ao primeiro, mostrar seu desenho e explicar algo de diferente que houvesse captado daquele momento. E assim, sucessivamente, até que todos os alunos houvessem efetuado a 'devolução', ou seja, houvessem 'tornado pública' a sua 'obra'. Posteriormente, todos os desenhos foram montados em um grande painel, pendente da grade de proteção do corredor do último andar, em local bem visível, próximo ao lance central da escada que dava acesso aos alunos, envolvidos ou não na pesquisa. A devolução da atividade correspondeu ao solicitado e demonstrou que essa aproximação do aluno com o trabalho do artista é uma realização, uma alternativa muito significativa para apresentar aos alunos questões referentes à preservação dos monumentos, edifícios, praças, enfim, todos os componentes relacionados ao patrimônio cultural da cidade, e também a respeito do trabalho de escultura em si: como um artista concebe e realiza uma obra. Acredito que a experiência foi inesquecível, lamentando que os alunos da escola estadual não fossem contemplados com a visita do artista em função da agenda escolar, pois, no dia marcado para essa visita, houve recesso, não mais coincidindo um dia de aula desta pesquisa com uma vaga na agenda do artista.

Para esses alunos, repassei todas as informações possíveis a respeito da visita aos monumentos, feita pelos outros alunos em companhia do artista, e, também, as informações sobre monumentos, fatos históricos a eles relacionados e os diversos pontos históricos ou importantes da cidade. Esta última informação, na realidade, estava prevista para o quinto encontro, no entanto, para responder a algumas perguntas dos alunos, houve necessidade de antecipar, para esses alunos, o que se entende por espaço público e informar a localização de alguns dos existentes na cidade. Dessa forma, não ficaram tão prejudicados na aquisição de novos conhecimentos, os quais também foram contextualizadas por esses alunos tendo sido a apresentação de seus trabalhos representada por uma linguagem diferente: uma pintura em tela. Ao iniciar as atividades da pesquisa, nessa Escola, a professora de Arte das turmas a serem envolvidas na pesquisa já estava trabalhando com esses alunos a tela “A Cuca”, uma obra de Tarsila do Amaral. Assim, procurando criar um elo entre a pesquisa e a atividade desenvolvida nessa disciplina, foi solicitado aos alunos que, na contextualização solicitada, além dos conhecimentos obtidos acerca de espaços públicos importantes, incluíssem, na pintura da tela, essa obra de Tarsila. Cada aluno fez sua apresentação, a releitura de sua própria criação. Todos os alunos mostraram-se capazes de inserir ‘A Cuca’ em seus próprios trabalhos: ‘A Cuca no Tanque’, ‘A Cuca no Morro do Prudente’, ‘A Cuca no Salto do Caveiras’, e assim por diante, unindo a obra de Tarsila aos pontos históricos ou aos mais importantes espaços públicos de Lages.



FOTO 15: A ‘Cuca’ no Salto do Caveiras

FONTE: A Autora, 2007

e) **Quinto encontro:** Assim, com saudades do encontro recém terminado em cada escola, traçamos um novo olhar para o quinto encontro quando os alunos deveriam identificar, por meio de um mapa local, os pontos históricos da cidade, atividade sugerida pelos alunos da escola Municipal quando, no primeiro encontro, lhes perguntei se conheciam a cidade de Lages. Na ocasião, rapidamente, uma aluna lembrou que havia na sala um mapa com a localização dos pontos históricos. Todos os alunos correram para pegá-lo e nesse mapa, foram apontados os pontos urbanos transformados em espaços públicos por sua importância ou por nele estar instalado um monumento. Essa atitude dos alunos foi marcante. Fiquei admirada com o fato de crianças, exatamente as de menor faixa etária nesta pesquisa e as com menor grau de escolaridade (quarta série) dominarem a leitura de um mapa. A iniciativa desses alunos permitiu suprir a dificuldade, ou, melhor dizendo, a impossibilidade por falta de autorização de todos os pais, de visitar, com eles, pontos históricos mais distantes da escola e da residência dos mesmos. Além disso, alertou para a possibilidade de utilização da mesma estratégia com os alunos das outras escolas. A atividade sugerida pelos alunos da Escola Municipal 'Professor Trajano' foi utilizada também na E.E.B. "Nossa Sra. Do Rosário" com cujos alunos a visita aos monumentos mais distantes também se tornou inviável pela dificuldade de se obter autorização da totalidade dos pais. Assim, para não prejudicar aqueles que não poderiam visitar pessoalmente os monumentos, a localização destes se tornou conhecida de todos os alunos com o auxílio do mapa da cidade.



FOTO 16: Localização, no mapa, dos pontos onde se situam os monumentos.

FONTE: A Autora, 2007

Conhecer um mapa foi uma das alternativas, que, posteriormente, nos situou em relação aos espaços urbanos em que se encontram os monumentos, nesta cidade, tanto os estudados, quanto aqueles apenas mencionados. Todos os mapas têm forma peculiar de passar a mensagem, seja pela utilização de símbolos, de signos, ou de linhas ou cores diferentes, mas todos eles indicam ‘caminhos’ pois os sinais empregados funcionam dentro de uma mesma perspectiva, com algo em comum: as referências do local que representam.

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, e cada um desses habitantes possui um mapa da cidade registrado em sua ‘cabeça’, sua memória: ao fazerem seus trajetos diários, já sabem, por meio desses seus registros, por onde passar, sabem como desviar de caminhos que não os levem ao local pretendido. Cada mapa individual tem seus ‘espaços vazios’, no entanto estes espaços só se tornam ‘vazios’ porque desconhecemos esses lugares. Com um mapa geográfico nas mãos, nos guiamos, ainda que em cidades desconhecidas por nós. Sempre procuramos nos localizar, inicialmente procurando os pontos estratégicos, como o centro da cidade, depois, os bairros e assim por diante. “O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra (...)” (BAUMAN, 2000, p. 122).

Assim, um lugar ‘vazio’ em um mapa, nessa concepção, não quer dizer que nele não haja nada e sim que, quem não conhece esse espaço, não tem dele nenhuma referência, nenhuma ‘memória’. Ele não é ‘vazio’ de ‘coisas’ mas de significados. Necessário se faz, pois, conhecer, ao menos na cidade em que moramos, o maior número de espaços para que o ‘mapa’ mental que dela temos seja pleno de significados, de conhecimentos a respeito de sua História e Cultura.

Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas para que qualquer mapa “faça sentido”, é necessário “vermos” neles os pontos que representam algo importante para nós, que despertam nossa memória. E pela relevância do que foi aprendido a respeito de monumentos foi que os alunos conseguiram identificar e localizar os patrimônios na cidade de Lages, atividade iniciada na Escola Municipal e estendida para os alunos da Escola Estadual e da particular. Com os alunos da Escola Particular, por vários motivos tais como, estarem eles já na sexta série e, portanto, mais familiarizados com a leitura de mapas, pela proximidade da escola com diversos pontos importantes, muitos destes com monumentos, o que dispensa a necessidade de ônibus ou carro para essas visitas, e, principalmente, pelo fato de, ao iniciar-se as atividades de pesquisa nesta

Escola já se haver obtido autorização da totalidade dos pais para o deslocamento dos seus filhos pelos espaços urbanos de Lages, optou-se por visita pessoal a esses locais.

f) Sexto encontro: Dando seqüência à aula anterior, foi utilizada uma nova estratégia: um passeio pela cidade, com os alunos, para identificar os monumentos, patrimônio material da cidade. Antes do passeio foi explicado aos alunos que nem só estátuas são ‘Patrimônios’. Há determinados critérios que indicam se determinado ‘bem’ — que pode, inclusive ser imaterial — deve ou não ser “tombado” como Patrimônio. Foi-lhes também explicado que a noção de ‘Patrimônio’ ampliou-se nos últimos anos. Hoje, de acordo com Peixer (2002, p.236) não são apenas “os objetos e monumentos pertencentes aos grandes feitos e homens da História” que podem ser considerados “Patrimônio”, estando incluídos nesta concepção, também alguns ‘elementos significativos pertencentes aos grupos populares’ (idem) Também não são tão somente as esferas sociais mais privilegiadas que ditam as regras e escolhem esses ‘bens’, (um prédio, uma casa, uma rua, uma tela, um objeto...) pois hoje, ainda de acordo com Peixer (2002), tem-se ampliado a participação popular nesses processos de tombamento e valorização do Patrimônio. No entanto, um bem só pode ser ‘tombado’ dentro dos critérios pré-estabelecidos pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em Lages, além dos Monumentos de Batista, há outros bens que foram ‘tombados’ como “Patrimônio Histórico”, como, por exemplo, a Catedral Diocesana, o Mercado Municipal, o prédio da Prefeitura Municipal, os colégios Aristiliano Ramos e Vidal Ramos, outras construções e, ainda, um carvalho centenário, a ‘cacimba da Santa Cruz’ e o Parque ‘Jonas Ramos’. Embora, conforme Souza Filho (1997, citado por PEIXER, 2002), ainda sejam “poucos os municípios brasileiros que definem leis próprias para proteção do patrimônio histórico-cultural”, Peixer (2002) informa que, em Lages, uma lei, a Lei Complementar nº 022, de 21 de setembro de 1995, conhecida localmente como ‘Lei do Tombamento’, foi definida por iniciativa do executivo local. Além de legislar sobre a preservação do Patrimônio de Lages, essa Lei criou o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, o COMPAC. Em Lages, cabe ao COMPAC a função de julgamento dos processos de tombamento. Ainda de acordo com Peixer:

Em 21 de dezembro de 1995, o primeiro Conselho tomou posse e as primeiras reuniões dirigiram-se para a estruturação do regimento interno, que regulamentava a estrutura dos processos de tombamento e seu caráter público, garantindo a defesa das partes envolvidas em todo o processo. Em maio de 1996 entrou em análise o primeiro processo de tombamento (em Lages) – ‘Parque Jonas Ramos’ (...) o ‘Tanque’ (que) não foi o primeiro imóvel tombado no município, porém, no

processo de tombamento foi dada ampla publicidade e possibilidade de discussão pública sobre a importância desse tombamento. (2002, p. 238-9).

Durante o passeio, além do Parque Jonas Ramos e do Monumento ao ‘Trançador’, vários outros espaços ‘tombados’ foram visitados, os quais estão relacionados e descritos abaixo:

Parque Jonas Ramos (Tanque)

Popularmente chamado de ‘Tanque’, o Parque Jonas Ramos faz parte da história de Lages. Correia Pinto, fundador da cidade, por volta de 1771, teria mandado construir um tanque aproveitando quatro ou cinco fontes naturais que ali existiam, para que as mulheres pudessem lavar suas roupas sem serem molestadas por índios, e também para não serem atacadas por animais selvagens. O local é episódio de uma das lendas mais conhecidas e curiosas da cidade, a “Lenda da Serpente do Tanque”. Localiza-se à Rua Caetano Vieira da Costa, esquina com a Rua Zeca Neves. Muitos alunos desconheciam a história do Parque Jonas Ramos.



FOTO 17: Parque Jonas Ramos - Tanque

FONTE: Secretaria do Turismo de Lages (SC), 2007

Museu Thiago de Castro

O acervo do museu é composto por documentos e imagens diversificadas relacionadas aos usos e costumes do povo do séc. XVII e XIX. No museu, pode-se ‘sentir’ a alma do

próprio Danilo, seu fundador. O museu Thiago de Castro é um ótimo lugar para buscar conhecimentos. Em seu acervo, encontra-se o resgate de uma boa parte do passado de Lages.



FOTO 18: Museu Thiago de Castro
FONTE: A Autora, 2008

Praça João Ribeiro (Praça da Catedral)

Praça central, na cidade de Lages, passou por várias reurbanizações. Nela há várias árvores que proporcionam sombra agradável àqueles que buscam descanso nos seus bancos. Após o embelezamento, a Praça João Ribeiro transformou-se em cenário para diversas homenagens, religiosas, cívicas e sociais. Nesta Praça, estão concentradas as esculturas de bustos feitas por Malinverni. Nas décadas de 40 e 50, foram inaugurados três bustos. Em 1948, o busto de César Sartori, médico famoso em Lages, conhecido pelos seus serviços por todos os grupos populares e por suas convicções em favor das classes menos favorecidas. Para seu enterro, deixou o pedido que seu caixão fosse levado por homens negros.

Também em 48 foi inaugurado, nesta praça, o busto de Dom Daniel Hostin, o primeiro bispo da diocese de Lages responsável pela estruturação da igreja católica na região. Em 1970, ainda nessa Praça, foram inaugurados os bustos de Thiago de Castro, advogado e político, e do Dr. Walmor Ribeiro, abastado fazendeiro e primeiro médico lageano. No final da década de 90, o busto de Thiago de Castro foi retirado dessa praça e instalado no Museu criado por ele.

No centro desta praça, João Ribeiro, foram erguidos, em 1958, um monumento em homenagem a Getúlio Vargas, e um busto desse ex-presidente do Brasil. Todos os monumentos formam uma composição interessante nos escritos da cidade.

Podemos assim, pelo estudo desses monumentos, verificar como a hegemonia política e a valorização da imagem passam pelo controle do espaço, ou melhor, pela criação do espaço social, atribuindo-lhe marca e significados. O uso desses monumentos perpetua uma parte da história: são elementos que persistem e marcam, por um lado, o estilo de governar, por outro, revelam e ocultam a personalidade dos representantes da elite dominante (PEIXER, 2002). Os alunos, em suas pesquisas, revelaram que não conheciam o significado e o significante dos monumentos e da praça.

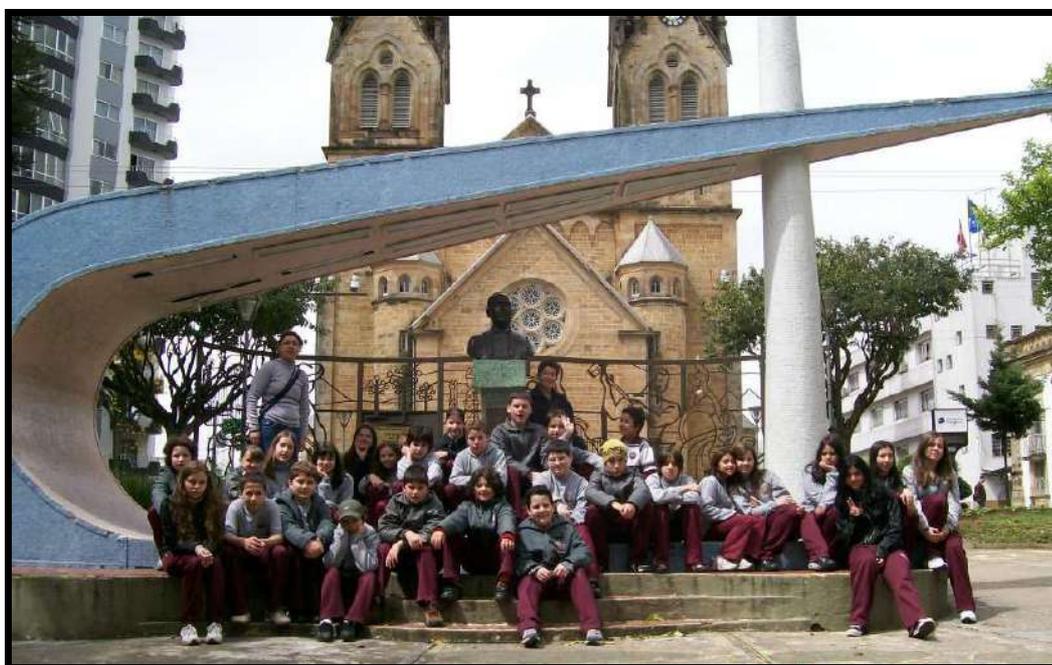


FOTO 19: Praça João Ribeiro
FONTE: A Autora, 2007

Catedral Nossa Senhora dos Prazeres

A Catedral Diocesana, o mais imponente exemplar do estilo Neo-Gótico, da cidade de Lages, foi construída pelos padres franciscanos. Sua consagração como Igreja Matriz, ocorreu dia 01 de janeiro de 1922, após 10 anos do início da construção. A primeira missa nessa Catedral foi celebrada por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo de Florianópolis. Na sua construção foram usados blocos de pedra laje da nossa região. Possui vitrais vindos da cidade de Porto Alegre, RS, e não da Alemanha como consta nos livros. A luz que reflete através dos vitrais é de uma beleza comovente, produzindo uma sensação de plenitude, eternidade e paz. Ainda na Catedral destaca-se o altar-mor, em estilo gótico, e as imagens do

Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, esculpidas em madeira, na Alemanha. Os sinos, comprados em Bochum, na Alemanha, foram batizados no dia 24 de dezembro de 1920. A Catedral impressiona por sua beleza e, pela Lei Orgânica de abril de 1990, é reconhecida como Patrimônio Histórico do Município de Lages.

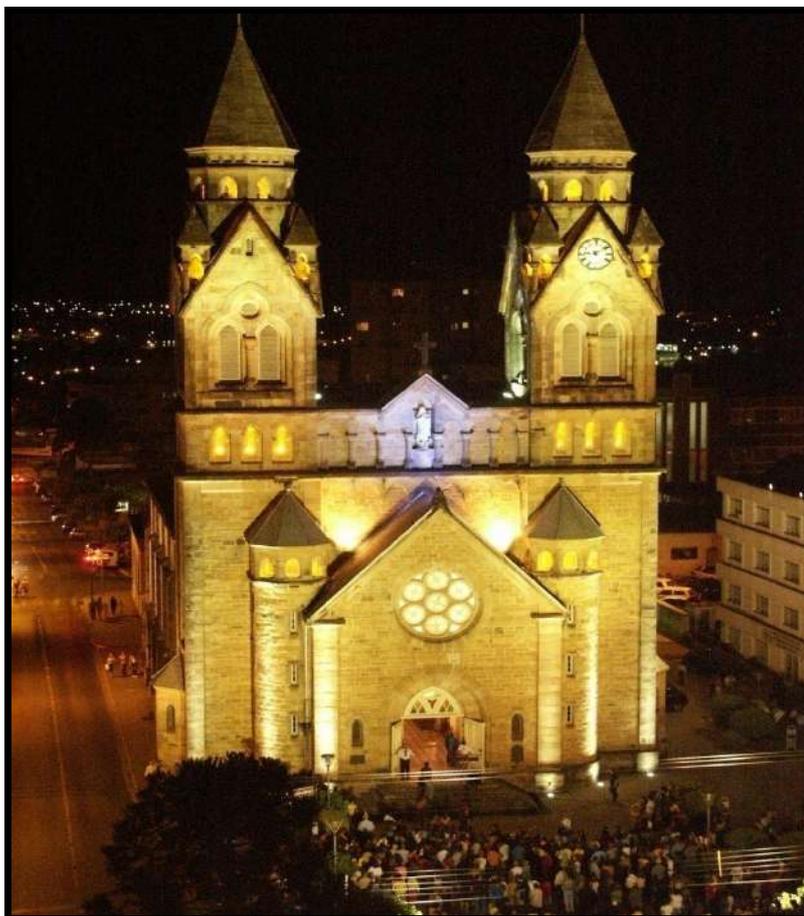


FOTO 20: Catedral Nossa Senhora dos Prazeres
FONTE: Secretaria do Turismo de Lages (SC), 2007

Igreja Santa Cruz

Está construída no local que, inicialmente, era o escolhido pelos tropeiros e viajantes para seus acampamentos onde, ao redor do fogo de chão, reuniam-se para lazer, descanso, trocas de informações, causos, prosas e, às vezes, um dedilhar de viola ou gaita-ponto. Muitos fiéis de “João Maria” contam, ainda hoje, que esse monge ali plantou uma cruz como marco de sua passagem aqui na cidade de Lages, marcando aquele local como “sagrado”. A Capelinha, construída ao redor dessa cruz, envelheceu, o telhado apodreceu e a cruz apareceu por cima da cobertura, surgindo a lenda de que a cruz estava crescendo. Hoje, a cruz que “cresceu” está em uma redoma de vidro no interior da igreja.



FOTO 21: Igreja Santa Cruz

FONTE: Secretaria do Turismo de Lages (SC), 2007

Monumento: Nereu Ramos (Foto 02)

Ilustre lageano, Nereu Ramos se destacou na política estadual e nacional, chegando à Presidência da República. Para homenageá-lo foi construída uma escultura sobre um pedestal, a qual está localizada no ‘Calçadão’, no centro da cidade, em frente ao Colégio Aristiliano Ramos e, ao lado do Colégio Vidal Ramos, foi construído um ‘Memorial’ onde estão seus restos mortais, documentos e objetos pessoais. Este ‘Memorial’ foi inaugurado em 03 de setembro de 1992 e diariamente é aberto para visitas públicas. Nereu Ramos nasceu no dia 03 de setembro de 1888 e faleceu em 16 de junho de 1958, no Paraná, em um acidente de avião.

Prefeitura Municipal

O prédio da Prefeitura Municipal de Lages foi inaugurado no dia 01 de janeiro de 1901, logo no início do século. Em sua arquitetura foram usados blocos de laje, pedra natural da região. Sua porta de entrada, os cunhais platinados, a cimalha e o balcão de esquina são em cantaria (pedra laje lavrada) e os gradis das janelas inferiores e dos balcões superiores são em ferro.

O prédio foi construído nas proximidades da pequena igreja feita de taipas. No relatório de 1902, o superintendente Vidal José Oliveira Ramos Júnior se refere à construção

como sendo de extrema necessidade. O prédio da Prefeitura Municipal de Lages é um exemplar arquitetônico do início do século XX, a utilização deste padrão arquitetônico representa em si o desejo dos dirigentes de afirmar posição como baluarte da modernidade, à semelhança do que representou a implantação do estilo neoclássico no Brasil. No caso de Lages, trata-se de um processo de afirmação simbólica do poder público das oligarquias.



FOTO 22: Prefeitura Municipal de Lages, SC.

FONTE: A autora, 2008

A *Cacimba da Santa Cruz*, serviu como fonte abastecedora de água potável para consumo dos tropeiros e viajantes que ali passavam e para a toda a população da ‘Vila das Lagens’. Os tropeiros e viajantes foram incentivados pelo fundador, Antônio Corrêa Pinto de Macedo, a fazerem parada e pousada na colina, onde hoje está a Igreja de Santa Cruz. Corrêa Pinto apresentou, como argumento, o fato de que o local oferecia uma ótima visão da região, pastagem e, principalmente, água pura e cristalina para o consumo, além do privilégio de estarem próximos à Vila. Além da água da Cacimba, Lages dispunha, naquela época, das águas do Rio Carahá, das águas dos seus afluentes e das águas do Rio Caveiras. Com a canalização de água nas residências, a Cacimba foi desativada, em 1968, chegando até a ficar soterrada com o decorrer do tempo. Em 1973, a terra que encobria a velha ‘Cacimba’ foi removida e, três anos depois, em 1976, a ‘Cacimba’ foi restaurada. Hoje é um dos monumentos histórico-culturais de Lages.

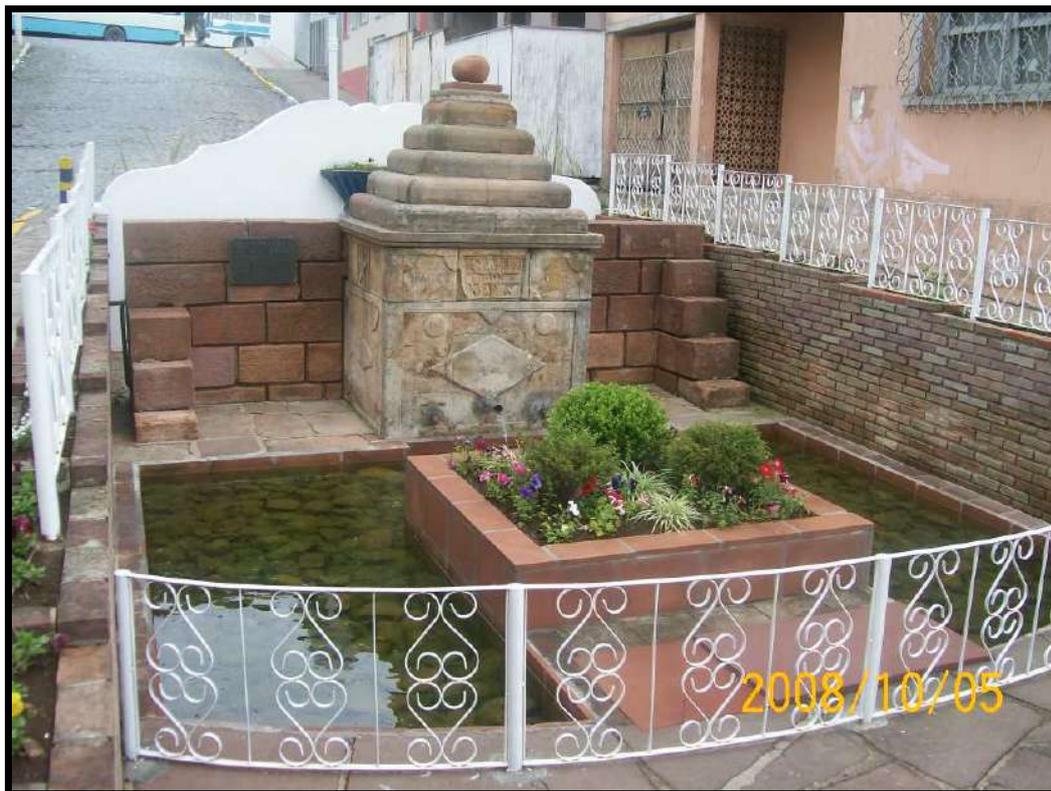


FOTO 23: Cacimba da Santa Cruz
FONTE: A autora, 2008

Monumento a Getúlio Vargas

Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul, em 19 de abril de 1882, e faleceu dia 24 de agosto de 1954, no Rio de Janeiro. Político brasileiro, foi chefe civil da Revolução de 1930 que pôs fim à chamada República Velha. Foi eleito, por duas vezes, Presidente da República do Brasil. Recebeu o polêmico epíteto de “pai dos pobres” e as alcunhas de “Getulinho” e “Gegê”. Governou o Brasil de 1930 a 1934, no Governo Provisório; de 1934 a 1937, no governo constitucional, eleito pelo Congresso Nacional; de 1937 a 1945 no Estado Novo; e de 1951 a 1954, como presidente eleito pelo voto direto. Sua doutrina e seu estilo político foram chamados de ‘getulismo’ ou ‘varguismo’. Seus seguidores, que até hoje existem, são chamados getulistas. Getúlio Vargas foi o mais controvertido político brasileiro do século XX e sua influência se estende até hoje. Este Monumento encontra-se no centro da Praça João Ribeiro.



FOTO 24: Monumento a “Getúlio Vargas”. Praça João Ribeiro. Lages, SC.

FONTE: A autora, 2008

EEB. Vidal Ramos

A Escola Básica “Vidal Ramos”, está localizada à rua Vidal Ramos Júnior, no centro da cidade de Lages. Tendo como meta principal a educação então ministrada pela tradicional ‘escola primária’, foi idealizada e fundada pelo governador do estado de Santa Catarina, Cel. Vidal José Oliveira Ramos, e inaugurada em 03 de setembro de 1922. Seu primeiro Diretor foi o Dr. Antônio Seliste de Campos, bacharel em Direito, que, alguns anos mais tarde, foi Juiz de Direito de Campos Novos. O primeiro aluno matriculado foi Licurgo Ramos da Costa, ilustre lageano, autor da conhecida obra em quatro volumes “O Continente das Lagens”. Licurgo era filho do Superintendente Municipal e daí a razão da prioridade que teve para encabeçar a lista de cerca de duzentos alunos que formaram a turma inicial deste Estabelecimento de Ensino. A construção do prédio desta escola, em alvenaria, foi iniciada no ano de 1911, e seu estilo é rebuscado, semelhante ao do Palácio Cruz e Souza, de Florianópolis, constituindo uma valiosa obra arquitetônica, peça rara em nossos dias e em nossa cidade. Foi o primeiro grupo escolar “Modelo” e a primeira escola estadual em Lages. A escola Básica “Vidal Ramos” teve seu prédio tombado como patrimônio Histórico em 26/01/84.



FOTO 25: EEB Vidal Ramos.

FONTE: Secretaria do Turismo de Lages (SC), 2007

Esses foram alguns dos espaços públicos de Lages visitados pelos alunos durante a realização desta pesquisa. Esse passeio por vários pontos históricos aconteceu somente com os alunos da escola particular, pela proximidade da escola com esses pontos. Com os demais alunos da escola municipal e estadual, a visita foi somente ao monumento próximo à escola, sendo estes outros pontos pesquisados em sala de aula e tendo os alunos se posicionado em relação a eles com auxílio do mapa local. Penso que o fato de não haverem visitado pessoalmente estes outros Patrimônios não alterou significativamente o resultado dos conhecimentos desses alunos, pois os mesmos foram instigados para que, com suas famílias, visitassem estes pontos históricos. Entendemos que por meio da visita e da referência aos pontos históricos de uma cidade, valoriza-se parte da história de uma sociedade. Conscientizando os alunos para a preservação desses bens, parte-se do pressuposto de que a troca de conhecimento constituiu-se em referencial imprescindível para entender o passado e o presente, bem como para uma compreensão diferenciada no mundo.

Para alguns alunos a visita aos pontos históricos foi uma verdadeira descoberta, pois passavam por estes pontos e não se sentiam inseridos, não entendiam como fora a construção da história de cada um desses bens. Houve fatos muito significativos, por exemplo, uma das

alunas envolvidas, nos relatou, ao visitarmos o “Memorial Nereu Ramos”, que tinha vergonha de dizer que seus pais eram primos do então Presidente da República Nereu Ramos, por desconhecer a trajetória histórica desse importante vulto da política nacional.

Essa situação pode ser explicada considerando-se o que diz Halbwachs:

Na realidade nossas relações com algumas pessoas se incorporam a conjuntos mais amplos, dos quais não representamos mais, sob forma concreta, os outros membros. Esses conjuntos tendem a ultrapassar as imagens que nós conhecemos, e quase a se despersonalizar. (...) A memória do grupo familiar se reduz então a um feixe de séries de lembranças individuais, semelhantes para todas as partes do tempo a que elas correspondem nas mesmas circunstâncias (2004, p.128-9).

Ainda de acordo com Halbwachs (2004, p. 129), são as famílias, são “as memórias do pai e da mãe, que transportam os filhos no tempo, explorando”, para eles, “uma região do passado que as crianças não conhecem a não ser por ouvir falar”.

Dessa forma, se a família não se transforma em elo de ligação entre o presente e o passado, os mais jovens não têm como conhecer os fatos da História, nem mesmo aqueles ligados a sua própria vida.

g) Sétimo encontro: Depois de tantas informações, a maioria, até então, desconhecidas pelos alunos, no qual a estratégia utilizada foi a realização de uma pesquisa individual a respeito desses monumentos históricos e dos espaços públicos importantes de Lages. Em um primeiro momento, todos os alunos da escola particular, envolvidos nesta pesquisa, fariam uma visita aos pontos históricos na companhia da professora pesquisadora e da professora da disciplina de Arte. Depois fariam, isoladamente, sua própria pesquisa a respeito desses pontos. Essas pesquisas individuais foram realizadas de acordo com determinada estratégia: foram formadas duplas de alunos. Cada grupo foi encarregado de pesquisar a história de determinado monumento. Logo após, cada dupla deveria apresentar, por escrito, de forma discursiva, os resultados da sua pesquisa. Dessa forma, promoveu-se a interdisciplinaridade entre Educação Artística, História, Geografia, podendo-se ainda incluir Matemática, Desenho e, ainda, Língua Portuguesa, com a produção e leitura de texto, lembrando a importância de saber observar e de saber expor, por escrito, de forma clara e correta, o resultado das observações feitas. Para Benjamin (1996, p. 249) “A parte escrita é tão importante como a parte ilustrada”. Após a produção da escrita foi feita a ‘devolução’ dessa escrita, em sala de aula, para os demais alunos, ou seja, em sala de aula todos seriam envolvidos, de forma direta ou indireta, contextualizando seus conhecimentos e disponibilizando-os, cada um para o restante da turma, no momento em que cada dupla

deveria relatar oralmente os resultados da pesquisa individual solicitada. Todos os alunos desempenharam a contento essa tarefa, e, dos relatos por eles escritos, comentam-se, na seqüência algumas de suas impressões.

Observando as informações escritas que foram repassadas pelos alunos, penso que a reação dos mesmos demonstrou que esta atividade fará grande diferença em suas vidas. A primeira informação escrita, apresentada ao grande grupo de forma verbalizada, pelos alunos Edson e Thiago, relata a impressão destes quando foram ao museu Thiago de Castro. Enorme foi a surpresa dos alunos quando lá estiveram pela quantidade de informações em um só lugar. No início de suas falas, explicam que tudo que está exposto no Museu é dividido por várias salas, havendo vários tipos de obras, entre as quais utensílios domésticos, indumentárias de época, peças que foram importantes e, por isso, foram guardadas por várias famílias, os ricos da época da fundação de Lages. Com tantas informações finalizam a apresentação dizendo: *O museu é um tipo de “Salvação de História” e toda cidade deveria ter um, como o Museu da nossa cidade.*



FOTO 26: Apresentação dos resultados da pesquisa

FONTE: A Autora, 2007

Fiquei surpresa com a dedicação destes alunos. Eles não mediram esforços nas buscas. Foram muitas as surpresas e surpreendente também a forma como esses alunos envolveram as suas famílias. Por exemplo, um aluno, Édson, desconhecia que seu pai fora um dos

engenheiros responsáveis pela criação dos 500 degraus do Morro da Cruz, em homenagem ao Brasil 500 anos. Matheus ficou orgulhoso por seu avô haver sido, na época, o diretor de uns dos pontos históricos centenários da cidade, a EEB. Vidal Ramos. Stefan descobriu que seu pai estudara com o ídolo do futebol lageano, Jones Minosso. Hoje o Ginásio ‘Jones Minosso’ é referência por sua capacidade de abrigar, em uma espécie de arena, 5000 pessoas sentadas. Carlos e Rafael descobriram que temos o primeiro carro de molas em forma de monumento. Breno ficou surpreso por saber que a praça da catedral - a Praça João Ribeiro - homenageia tantas pessoas importantes, e, em especial, por saber que, nessa praça, foram recebidas com festas as primeiras irmãs católicas que vieram trabalhar no colégio em que ele estuda. Caroline e Larissa se surpreenderam com a demora da construção da igreja “catedral”, em estilo gótico, e que o seu sino veio da Alemanha, pesando 1520 kg e que só o badalo pesa 87 kg. Isabela relatou que a construção do prédio da Prefeitura é em estilo neoclássico. Cândyce falou da fonte da ‘Cacimba’, ponto de água potável. Ana Maria ficou surpresa por aprender tantas coisas a respeito de Getúlio Vargas, principalmente que ele se suicidou.

Na escola Municipal e Estadual, muitos alunos que visitaram alguns monumentos e espaços públicos em companhia de suas famílias, fizeram a contextualização relatando suas observações e, assim, estendendo esse conhecimento a aqueles que não tiveram a possibilidade de visitar pessoalmente tais patrimônios. Interessante observar que alguns alunos que não haviam ainda feito a visita, depois desse encontro, motivados, fizeram questão de conhecer pessoalmente os locais comentados por seus colegas. Aqueles que fizeram a visita com seus familiares, fizeram alguns comentários pertinentes em relação a estes pontos históricos dizendo que “só são preservadas coisas de gente rica, pois se guardam relógios, canetas, botas, jornais, roupas e até as casas dessas pessoas”. Fica uma reflexão em torno da troca dos conhecimentos, que são repassados para os alunos, valorizando somente “tais bens”. Esse é o nosso desafio como docentes, ir além da própria história e resgatar outros valores, a fim de que, conforme Tamanini (2008) “não sejam somente os bens das elites” que sejam considerados como detentores de valor histórico e/ou cultural.

Os depoimentos dos alunos foram diversos e fiquei satisfeita por tê-los envolvido de tal forma que houve pesquisa até do que não havia sido solicitado. A curiosidade foi tão despertada que nem os cemitérios deixaram de ser alvo de pesquisas destes alunos. Todos contextualizaram seus novos conhecimentos e estavam orgulhosos deles mesmos. Foi gratificante observar o brilho nos olhos dessas crianças!

h) Oitavo encontro: Ao término das apresentações, apresentamos as diretrizes para o oitavo encontro: Criação de esculturas, pelos alunos, com utilização de materiais alternativos.

Depois da contextualização do último encontro na escola Estadual, fomos para o Laboratório de Arte fazer esculturas com materiais diversos (pó de serragem, vinagre, desinfetante ‘pinho’, água e trigo, material sugerido pela professora de Artes da Escola Estadual) formando a massa para esculpir. Na escola Municipal foi usada massa de modelar e na Escola Particular materiais alternativos e recicláveis (papéis, barbante, caixinhas vazias, palitos e outros).



FOTO 27: Escultura feita por aluno.

FONTE: A Autora, 2007

Neste trabalho, o objetivo foi que cada aluno se transformasse em artista e determinasse o lugar, a disposição das suas esculturas na cidade. Com o material em mãos, cada um seguiu sua inspiração e criatividade e isso é o que não faltou para nossos ‘artistas’. Foram muitos os trabalhos criados pelos alunos. Assim que estavam prontos, guiados pelo mapa local, cada aluno indicou onde gostaria de colocar ‘seu monumento’. Embora todas essas esculturas tenham seu valor, aqui os comentários serão feitos a respeito de apenas algumas delas.

Na Avenida Dom Pedro II, foi colocada a escultura de um ‘Cachorro’. Pergunto por que cachorro e não outros objetos e os alunos me dizem que é pelo número de atropelamentos envolvendo cães, nessa avenida. Na Catedral foi posicionada a escultura de uma ‘Mulher

ajoelhada’ lembrando a religiosidade e proteção que as mães transmitem. As esculturas de um ‘Gaúcho’ e de um “Cavalo” foram colocadas no Parque Conta Dinheiro, pela mistura dos costumes dos tropeiros e dos tradicionalistas gaúchos, na região. Uma ‘Bola Gigante’, em um pedestal, em frente ao Ginásio de Esportes ‘Ivo Silveira’, porque ninguém teve a idéia de representar o monumento do esporte na região. Um ‘Cristo’ deveria ficar em frente à escola, para protegê-los nos dias de provas. Uma outra escultura de ‘Cavalo’ foi destinada ao Parque Ecológico, como representante da força animal na natureza. Um ‘Cristo de braços abertos’ foi destinado ao Morro da Cruz, pois ali há as escadas e a cruz mas falta um ‘Cristo’ iluminando a cidade. E, simbolizando a lenda do ‘Tanque’, a esse local foi destinada a escultura de uma ‘Serpente’... Outras esculturas foram, igualmente, bem feitas, no entanto tornar-se-ia exaustivo comentar todas aqui, razão pela qual atenho-me apenas a estas, considerando, também, a duplicidade, e até, em vários casos, a multiplicidade, desses ícones feitos pelos alunos, nas três escolas.



FOTO 28: Escultura feita por aluno, ‘colocada’, simbolicamente, em frente ao Estádio.
FONTE: A Autora, 2007

Foram muitos os signos e significados que deram às suas obras, mas o que chamou a minha atenção foi o número de esculturas e lugares simbolizando a religião. Esses signos representativos da fé ocorreram nos trabalhos construídos pelos alunos das três escolas, indicando que a religiosidade está presente e é força marcante na sociedade local, independente de classes sócio-econômicas. Esse aspecto pode ser facilmente compreendido se lembrarmos que, na região de Lages, de acordo com Peixer (2002):

Pelas pesquisas realizadas em alguns arquivos, pôde-se perceber os indícios de uma tradição religiosa criada a partir da atuação dos Franciscanos em fins do século XIX, em que destacou a atuação de Frei Rogério Neuhaus. Posteriormente, essa religiosidade forjada passou por um processo de reinterpretação dos moradores, em que hoje se mesclam um forte misticismo popular com as práticas de religiosidade oficial (p. 44).

Não é o caso de aqui fazermos avaliações sobre a religiosidade, mas de, pelos trabalhos dos alunos, perceber o quanto é presente essa temática, observada na pluralidade dos signos apresentados. Mas se destaca também o quanto esses alunos se sentiram valorizados por estarem produzindo algo para a cidade, independente da religiosidade, pois, naqueles momentos, cada um deles era o artista em destaque e ‘sua obra’ havia se transformado em ‘monumento’.

i) Nono encontro: Para reforçar, nos alunos, as atitudes de artista-cidadão, convidei um trançador do couro de gado e um tropeiro para visitarem a escola e participarem de uma oficina com estes alunos. O Senhor Amarildo, comerciante da cidade de Lages, representando o tropeiro de hoje, veio com o artesão, senhor Ademir. Ambos fizeram uma oficina com couro, material extraído do gado da região, para uso e confecção de indumentárias e outros artefatos. Além da oficina trouxeram objetos populares, sendo feita uma exposição com peças como: bruacas, cangalhas, laços, dentre outros, tudo confeccionado com couro, uma arte popular. Segundo Benjamim (1996, p. 252), “muitas vezes, a chamada arte popular nada mais é que um bem cultural vulgarizado, procedente das classes dominantes, e que se renova ao ser acolhido numa coletividade mais ampla”.

Mesmo sendo um comerciante, predomina, para o Sr. Amarildo, a sua função de tropeiro. Preocupado com sua pouca escolaridade, ele se justifica em suas conversas, contando que cursou apenas o ensino Fundamental II, lamentando não ter concluído seus estudos em uma Universidade, mas incentivou todos a dar continuidade a seus estudos e a concluírem um Curso Superior. Ele diz que, hoje, sua profissão é comercializar “artesanato”

uma arte popular muito difundida na região. Conta que nos finais de semana deixa sua loja na cidade, faz uma carga bem generosa com mercadorias e sai com destino aos rodeios locais e regionais para vender suas mercadorias, *não a cavalo (risos) é claro, mas sim de carro*. Faço um breve comentário dizendo aos alunos que o Sr. Amarildo é um tropeiro contemporâneo e que muitos dos pais dos alunos ali presentes exercem profissão semelhante como comerciantes. O que difere são os produtos comercializados.



FOTO 29: Sr Amarildo (a esq.), o tropeiro contemporâneo.
FONTE: A Autora, 2007

O Senhor Ademir, trançador de couro, sente-se valorizado pelo convite, porém um pouco nervoso. Na medida em que os alunos vão chegando, ele vai se familiarizando e ficando mais à vontade. Não faz nenhum rodeio em suas palavras ao contar que, devido a uma experiência desagradável, pede a Deus que nunca permita a ele voltar a ficar sentado em uma cadeira de escola, pois para ele esse seria seu maior castigo, comenta o artesão, cheio de sabedoria e simplicidade, que diz amar muito que faz.

Em outro momento, reservadamente, o Sr. Ademir relata a mim a decepção com seus professores, fazendo com que ele jamais voltasse a um banco escolar. Penso ser um momento delicado, mas necessário para se questionar qual o verdadeiro papel do professor. Como o Sr. Ademir tantos outros foram prejudicados por motivos parecidos. A vida nos dá várias formas

de educação, que não é restrita somente aos da escola formal ou aos abastados. Aprender, ter educação e sabedoria, consiste em outras formas de conhecimento, que podem ser traduzidas como: saber buscar estratégias, saber reinventar para sobreviver. Para Brandão (2007, p. 99), “o mais importante da palavra ‘reinventar’ é a idéia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto”. Assim como o Sr. Ademir, que teve de reinventar seus conhecimentos através da educação não formal, muitos outros também tiveram e ainda têm que fazer o mesmo, até porque, ainda de acordo com Brandão (2007, p. 99): “a educação existe de mais modos do que se pensa e (...) ‘esses modos’ podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo”.

Paulo Freire ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de “educação bancária”, ora de “educação do opressor”, sempre quis desarmá-la da idéia de que ela é maior do que o homem. Para Paulo Freire as pessoas são produtos da educação. No caso do Sr Ademir a educação bancária, acadêmica, do professor repassador de conteúdos foi que acabou por afastá-lo da escola formal. O Sr Ademir, com sua sabedoria, percebeu que naquele tipo de escola, nada o aproximava de suas culturas, de suas raízes. Assim, optou por continuar vivendo a sua vida acreditando na ‘educação da vida’ que sempre o guiou.

Em sua narrativa aos alunos, o trançador Ademir explica como executa seu trabalho, desde a limpeza do couro até à arte final do artesanato. Suas peças são confeccionadas manualmente, uma a uma, e esse aprendizado é passado de geração em geração. Suas mãos, além dos calos, começam a ter deformidades pelos movimentos repetitivos. Comenta que para trançar um laço precisa de aproximadamente 9h de trabalhos consecutivos. São esses saberes e fazeres, aos quais chamamos de patrimônio imaterial ou intangível, que devem ser preservados por sua relevância na cultura de determinadas regiões, (como Lages). Para Abreu & Chagas (2003, p. 23), esses conhecimentos “constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos”.

Os alunos ficaram muito empolgados com a oficina, observaram atentos, com curiosidade, também queriam saber como foi feita a máquina de trançar couro que ele levou até à escola. A explicação é que é uma invenção sua para acomodar seu corpo e facilitar a sua habilidade na arte de trançar. A engenhoca do Sr. Ademir é uma adaptação de algumas peças em madeira, as quais foram acopladas a uma correia de automóvel. É semelhante a uma ‘caixa de engraxate’, adaptada para o tamanho de um adulto, sobre a qual ele fica sentado. Não tem rodas mas tem um pedal, acionado pela correia e movido com um pé que lhe facilita esticar o

couro. Inteiramente feita de madeira, tem, na frente, uma espécie de ‘guidão de bicicleta’ onde se posicionam, separadamente, as tiras de couro, facilitando-lhe o ato de trançar.



FOTO 30: Sr Ademir e sua engenhoca.

FONTE: A Autora, 2007

Uma seqüência de perguntas surgiu de todos os lados da sala, demonstrando que tudo que foi apresentado era novidade. Após as explicações, para a alegria de todos, o Sr. Ademir fez com que os alunos sentassem à máquina e trançassem o couro do gado. Fiz algumas intervenções. Dentre elas, digo que o Monumento ao ‘Trançador’, dentre os demais já pesquisados, está homenageando profissionais como o Sr. Ademir, pessoas riquíssimas de conhecimento os quais ultrapassam, em alguns casos, os dos “ditos” intelectuais. Salientei que ambos os visitantes, Sr Ademir e Sr. Amarildo, são representantes da nossa cultura, identidade

e memória regional, e que, a partir desta troca de conhecimentos, todos os alunos presentes têm um papel importante, seja ele ético, moral, ou intelectual, na história da cidade, pois, a partir de agora, são eles os novos preservadores desse patrimônio intangível. Observei os alunos atentos e pensativos após a demonstração do trabalho, da arte, de trançar o couro do gado, uma realidade muito distante dos nossos alunos. Penso na urgência de preservar esses patrimônios imateriais e materiais, pois se isso não acontecer, com o tempo eles se perderão.

Essa atividade foi possível somente com os alunos da escola particular, pois em virtude da agenda dos visitantes não foi possível realizar a atividade na escola Estadual e nem na Municipal. Observo que a atividade com os alunos das escolas Estadual e Municipal não foi totalmente prejudicada, pois, quando se pontuou a questão dos patrimônios intangíveis, pelas narrativas desses alunos durante a contextualização do conteúdo, foi possível observar que o contato dos mesmos com estes profissionais é uma realidade muito presente em suas rotinas. Relata um dos alunos, da Escola Estadual, que seu pai trabalha na arte de fazer “tamancos”, conhecimento herdado de seu avô. Outro, da mesma Escola, relata que sua avó é representante de gerações anteriores à dela (avó) na prática de “benzer” com ervas naturais. Outro relato, ainda nessa escola, é sobre as lendas criadas em torno do morro do Prudente. São diferentes saberes e fazeres sob “nossa” responsabilidade. Já na Escola Municipal, a maior parte dos alunos relataram que estão ligados às atividades agropecuárias da região, estando familiarizados com animais e os artefatos de couro necessários para encilhá-los ou atrelá-los a carroças.

j) Décimo encontro: Ao final da aula todos saem comentando sobre a temática apresentada, mas nos projetamos para nosso próximo encontro que será a décima aula: a devolução individual da pesquisa para todo o quadro docente e discente da escola. Neste encontro começaríamos a alinhar todos os trabalhos realizados durante a intervenção. Deu-se início à confecção de uma ‘colcha de retalhos’. Os trabalhos dos alunos das três escolas foram fotografados por mim, durante a intervenção, para posteriormente serem apresentados em forma de uma exposição, fixados um a um, sobre um tecido TNT, formando a ‘colcha’. Os envolvidos diretamente na intervenção estariam contextualizando para os demais alunos da sua escola, não envolvidos na pesquisa, os conhecimentos adquiridos com relação à Educação Patrimonial. Assim, direta ou indiretamente, todos os alunos, professores, e demais funcionários, em cada escola, envolveram-se na pesquisa. Durante a confecção da ‘colcha’, cada um se preparou para, durante a sua explanação aos visitantes da exposição, explicar o que havia ocorrido no momento retratado na ‘colcha’. Cada escola confeccionou sua colcha, para, posteriormente, ser exposta em local bem visível, na escola.

Ao observar os alunos lembrei-me das palavras de Paulo Freire (2006, p.145) que, em relação às atividades do professor, relata entender o “que-fazer docente como prática de gente, de gente inacabada, de gente curiosa, inteligente, de gente que pode saber” E ele continua:

é esta percepção do homem e da mulher como seres ‘programados, mas para aprender’ e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como um experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos... (2006, p. 145).

k) Décimo primeiro encontro: Foi com esse olhar de Paulo Freire que se deu o desenvolvimento da produção, em relação aos trabalhos em sala de aula onde seguem as trocas de conhecimentos na seqüência que fora organizada. Trabalhou-se com jogos didáticos sobre as esculturas e o artista. Estes jogos didáticos foram confeccionados pela pesquisadora, durante a graduação em Artes Plásticas, já nas primeiras intervenções sobre os monumentos, utilizando materiais alternativos e reciclados em madeira MDF, para trabalhar questões pertinentes ao assunto do seu TCC, jogos esses que se tornaram, durante as atividades desta pesquisa, um rico recurso para utilização em sala de aula.



FOTO 31: Jogos didáticos.

FONTE: A Autora, 2007

O material utilizado era simples, manufaturado. Mas, de acordo com Benjamim (1996, p. 246) “ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que uma criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas”. Os alunos, acostumados somente com material industrializado, não imaginavam que daria para fazer jogos didáticos artesanais com pedaços de madeira reciclável, contendo as imagens de nossa cidade. A atividade foi prazerosa, descontraída. Após tantos trabalhos produzidos pelos alunos, eles, agora, se deparavam com uma atividade mais lúdica, faziam seus comentários em meio a risadas, disputando quem atingiria o maior número de objetos montados a partir dos jogos.

Assim, em relação aos materiais empregados em jogos e brinquedos infantis, pode-se dizer, ainda de acordo com Benjamin (1996, p. 247), que: “a madeira, os ossos, os tecidos, a argila, são os materiais mais importantes (...) e todos eles foram utilizados em épocas (...) nas quais os brinquedos ainda eram um segmento do processo produtivo, conjugando pais e filhos”. Esse encontro foi finalizado observando-se nele o grande entusiasmo despertado nos alunos por meio das brincadeiras e dos jogos didáticos.

1) Décimo segundo encontro: formou-se a “Costura”. Ou seja, concluiu-se a construção de um painel com todos os registros da pesquisa. Nesse dia, colocou-se a ‘colcha’ exposta nos lances das escadas, caminho diário de todos os alunos do colégio.



FOTO 32: Painel de TNT (Colcha de retalhos).

FONTE: A Autora, 2007

Não pensei que uma ‘colcha de retalhos’ chamaria tanto a atenção e percebi como os alunos estavam admirados, observando quão grande foi o resultado de seus trabalhos ali expostos. Havia muitos comentários, mas cada um procurando identificar o seu trabalho. Ao observar os alunos, lembrei-me, mais uma vez, das palavras de Paulo Freire (2006, p. 145) quando ele diz que o entendimento de que é com seres ‘programados para aprender’ que o professor trabalha e isso lhe dá, a ele, Freire, “a certeza de que vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais”. Certeza que todos nós, professores, devemos ter também.

Nas suas contextualizações para os visitantes da exposição, podia-se perceber nos olhos de cada aluno o orgulho destes em demonstrarem seus conhecimentos. Conforme combinado, a colcha lá estava. Sobre o tecido, os trabalhos foram agrupados por assunto (igrejas, monumentos, Morro da cruz e assim por diante), um ao lado do outro, sendo os diferentes assuntos destacados dos restantes por uma ‘moldura’ feita por uma fita de cor diferente, colada ao redor de cada conjunto. Mas, nas interligações dos diferentes temas, alguns espaços foram deixados em branco, sem nenhuma referência a respeito deles. E sobre eles, embaçando a visão, pendia um leve tecido, transparente, um *voile*. Esperava-se que os alunos se questionassem a respeito do ‘porquê’ dessas lacunas e do porquê ocultar com um véu o que ali estava para ser mostrado, para ser visto. No entanto esses questionamentos não ocorreram ou, não foram verbalizados. Ninguém perguntou o porquê dos espaços em branco na colcha, nem o porquê do tecido de *voile*¹² sobre os desenhos, Deixei que fizessem suas primeiras releituras sem interferir.

m) Décimo terceiro encontro: cruzaram-se os dados das imagens sobre a colcha. Retornamos ao painel e então foi apresentada, de forma prática, qual a função dos espaços em branco e do *voile*, ofuscando as imagens, sobre elas colocado com a intenção de mostrar que muitas vezes ‘olhamos’ mas não ‘vemos’ o que está diante de nós. O *voile*, ao ‘velar’ as imagens, indicava que nosso olhar se modifica pelo conhecimento. Olhadas através do tecido fino, (desconhecimento) não havia nitidez nessas imagens, mas se afastássemos esse tecido, ‘conheceríamos’ as imagens, vistas então com ‘outros olhos’. Quanto aos espaços vazios foi-lhes despertada a atenção para o fato de que estes ‘vazios’ representavam outros pontos ou aspectos importantes na história da cidade e não contemplados durante a pesquisa, não visitados nem comentados. Havia, nesses espaços, a falta de uma pesquisa, pois somente contendo imagem, aquele “espaço” passaria a ter um sentido amplo. Em se tratando de

¹² *voile*, do francês, é um tecido leve como aqueles que enfeitam chapéus femininos. Tecido fino de estrutura telada e transparente, usado em cortinas.

Patrimônio ocupando determinado espaço, precisamos entender o que ele representa para a cidade, para a memória da sociedade. A representação do ‘vazio’ sobre a colcha de retalhos era para chamar a atenção, levando os alunos a questionarem sobre o “bem” naquele ‘espaço, no sentido de poderem ‘entendê-lo’ para se sentirem inseridos no contexto. Ninguém gosta daquilo que não conhece, porém a partir do momento em que conhecemos a nossa identidade, a nossa história, o nosso olhar não será mais o mesmo de outrora. A visita fora do espaço escolar foi feita exatamente com esse objetivo: para observarem as diferentes formas e lugares desses monumentos e arquiteturas que compõem a cidade, estimulando a pesquisa, provocando o conhecimento. Conhecer para amar. É necessário despertar a atenção para o fato de que os horizontes podem sempre ser ampliados com novas descobertas, com outros conhecimentos. Outras pesquisas ainda estavam à espera desses alunos como ‘pesquisadores’.

Medindo quase cinco metros de altura e dois de largura, a colcha foi dividida por cores, fragmentando os temas sobre patrimônio histórico observados pelos alunos na cidade. Então em grupos, propôs-se a pesquisa pelos alunos sobre a história desses “espaços” que estavam em branco na colcha.

Assim, completada a pesquisa, serão completados os espaços em branco na colcha, dando um novo sentido a esses olhares.

n) Décimo Quarto encontro: coletei depoimentos dos entendimentos dos alunos sobre educação patrimonial. Ao solicitar esses depoimentos, minha intenção era avaliar a troca de experiências e a ocorrência de aprendizado durante a pesquisa. Neste último encontro fiquei emocionada por ver que a dedicação proporcionou um excelente resultado. Pouco se fez, e muito ainda há para ser feito. Esse é o compromisso do docente. A seguir, podem ser observados trechos dos relatos de alguns alunos como resultado do processo executado até então.

Carlos com 12 anos diz: *nesse tempo de vida já tive alguns conhecimentos, mas aprendi mais nesses últimos meses sobre a cidade de Lages do que durante os doze anos.*

Natália: *Eu gostei da Educação Patrimonial, pois aprendi sobre o porquê há algumas obras na minha cidade, porque antes eu olhava para essas obras e não via nada, hoje eu “vejo” uma história. Conheci um trançador pessoalmente e vi como ele faz seu trabalho. Fiz uma pesquisa e um desenho de um dos cemitérios da minha cidade e descobri algumas lendas (eu via aqueles túmulos, mas não sabia o porquê deles). E foi isso, aprendi muito e tenho curiosidade de aprender cada vez mais sobre os patrimônios da minha cidade.*

Ana Maria: *Gostei de trabalhar com “oficinas”. Eu enxergava Lages de certa maneira, agora é de outra. Foi uma experiência incrível, me senti uma aprendiz de Lages.*

Enxergo (Lages) com mais conhecimento... Conheci um Trançador de perto e vi que o trabalho não é “MOLE”. Enxergo o (escultor) Batista como um vencedor, um homem “O CARA”. Amei fazer o trabalho sobre Getúlio Vargas. Aprendi bastante.

Edson Luis: *Nosso trabalho de pesquisar e de aprender foi muito interessante. Nossas aulas ficaram muito legais porque, através de diversos trabalhos, aprendemos que educação patrimonial é uma atitude que devemos ter para com nossa cidade, nossa região. É grande honra termos professores, escultores, especialistas nesta área tratando com tanta dedicação e proporcionando um ambiente muito saudável e descontraído. Em meio a estas aulas, tivemos a presença de profissionais, professores, passeios por museus, obras, esculturas... Aprendi muitas coisas nesses últimos dias e com certeza estes serão momentos inesquecíveis em que passamos a enxergar Lages com “Outros Olhos”.*

Bruno: *Tenho 11 anos e fui um dos alunos da professora Eledir. Deu para perceber que ela estava animada para nos ensinar um pouco mais da nossa região. Tanto que ela trouxe o escultor Batista e sua escultura “O Trançador” e, também, um trançador de couro, o Sr. Ademir. Foram muito legais as aulas.*

Thiago: *Participei do trabalho realizado pela professora Eledir, e achei muito interessante, pois, logo no começo, ela fez uma atividade sobre o que nós sabíamos sobre Lages. Isto serviu para, logo depois, quando aprendemos mais sobre Lages, ver como nós não sabíamos quase nada sobre Lages.*

Emily: *Aprendemos a valorizar histórias e monumentos, pois víamos todos os dias, só que não sabíamos da história. Pesquisamos e chegamos a ela.*

Jéssica: *Aprendi que devemos valorizar monumentos.*

Larissa: *Foi muito boa essa experiência porque tivemos aulas diferentes, com mais alegria... Também porque não achava que a cidade era tão bonita e tinha tantas coisas interessantes.*

Caroline: *Esse trabalho foi muito importante para mim e acredito que para meus colegas também, porque antes do mesmo, eu olhava os monumentos “mas não via”, tinha alguns que eu nem conhecia. Depois deste trabalho eu conheci muito mais a história da minha cidade.*

Por esses depoimentos, pode-se perceber que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Ou seja, os alunos conseguiram obter conhecimentos novos a respeito de Patrimônio e passaram a ‘ver o que não viam’ nesses monumentos. Passaram a olhar a cidade com ‘outros olhos’.

o) Décimo Quinto encontro: retornei à escola. Os alunos estavam no pátio e vieram correndo ao meu encontro, me beijaram e perguntaram muitas coisas ao mesmo tempo. Fui respondendo na medida do possível. Fizeram aquela algazarra, passando a informação de um para o outro. Nesse encontro, retornei às escolas para finalizar a pesquisa com a aplicação de um questionário a ser respondido pelos professores de Arte, História e Geografia.

Partindo do pressuposto de que a Arte é algo “universal”, podemos concluir que o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, a ampliação dos horizontes cognitivos e da compreensão do aluno do seu patrimônio cultural – processo de suma importância para a sua formação enquanto sujeito social – ocorrem por causa do desmoronamento das barreiras lingüísticas, culturais e religiosas que acontece no contato com as obras de Arte. Em outras palavras, mesmo que não saibamos nada a respeito da vida de pessoas que viveram em tempos e lugares distantes, as obras de arte que estas pessoas criaram possuem o poder de, de uma maneira ou de outra, nos encantar no presente com suas soluções pictóricas. Deste “encantamento” surge o interesse pelos significados das obras e, a partir dos significados, começamos a penetrar nos universos pessoais, sociais, políticos e culturais dos criadores e do contexto em que a obra foi criada.

3.3 Entre - Espaços: diálogos com os professores

O trabalho com as oficinas na escola, demonstraram que o professor tem um papel fundamental nesse diálogo entre Escola e Educação patrimonial. Assim, mesmo não sendo objeto de estudo, procurou-se conversar com os professores dessas escolas, para perceber como os docentes se posicionam em relação ao uso desses monumentos como instrumento pedagógico e como espaço de aprendizagem.

Nessas conversas, percebeu-se que todos os professores consideram ser possível a interdisciplinaridade, especialmente com as disciplinas de Arte, História e Geografia – que podem ser consideradas diretamente interligadas com a Educação Patrimonial. Também tornou-se possível entender a compreensão e interpretação dos docentes das disciplinas acima citadas em relação ao uso destes monumentos durante suas aulas.

Em uma das conversas com os docentes, perguntou-se qual monumento mais chamava a sua atenção, e por quê. As respostas foram lacônicas, fazendo referência somente a um único monumento, não necessariamente o mais próximo da escola em questão, sem mencionar nenhum outro que também se constituísse em um atrativo ou contivesse algum aspecto que, de forma especial, lhes merecesse a observação. Não abordaram os aspectos da

história, de origem da obra, da matriz social e, principalmente, não mencionaram considerar o monumento como um conteúdo pedagógico por meio do qual é possível efetuar uma trajetória da memória local e até mesmo visual do país.

O educador só poderá levar seus alunos a entender o âmbito histórico e antropológico desses momentos/monumentos, ou de qualquer bem patrimonial, se ele próprio tiver, e souber repassar aos alunos, a compreensão do social e cultural, considerados e representados pela obra, em um espaço coletivo, provocando reflexões a respeito de como cada aluno, como cidadão, pode influenciar nas representações sociais de sua comunidade. Por exemplo, aprendemos, nos estudos de História do Brasil, alguns fatos a respeito de Tiradentes, e, essas informações podem, hoje, pelo uso da imagem, ter um impacto maior na transmissão de seu significado. Desde há muito é ‘lugar comum’ dizer-se que uma imagem vale mil palavras. Hoje, a imagem atinge, pelos meios televisivos, a quase totalidade da população e já invadiu, também, há muito tempo, as salas de aula. Não é mais possível pensar em uma eficaz transmissão de conhecimentos pela simples exposição oral, monótona, desprovida de atrativos. Qualquer conhecimento será muito mais facilmente fixado pelo aluno se este, além de ouvir o professor puder também ver imagens a respeito do assunto explanado, se não por meio de uma tela de TV ou de computador, ao menos folheando revistas especializadas no assunto em questão e que saibam conduzir este assunto inserindo-o na realidade atual, criando elos, no mínimo entre tempo, espaço e cultura. No caso dos monumentos, pode-se, por meio de uma adequada abordagem, trazer o seu significado, qualquer que seja, para a atualidade, pois o poder da imagem tem uma representação histórica seja ela local ou nacional. Basta nos “apropriarmos” da imagem de uma obra não só no contexto estético, mas também no sentido social e político, dos quais a imagem é conteúdo. E, em relação aos monumentos, há um aspecto de grande relevância: eles contêm em si um sem número de informações, a nosso dispor, ao nosso alcance. Qual será a forma mais criativa e interessante para o aluno observar, por exemplo, a informação de que, durante a guerra dos Farrapos, seus ancestrais lageanos executaram tarefas que lhes rendeu o apelido de “bois-de-bota”? Será ouvindo o professor, dentro da sala de aula, ou recebendo as mesmas informações ao lado do monumento que lembra o aludido fato, ‘sentindo’ na imagem, que pode até ser acariciada, o esforço desses homens valorosos? Certamente, o simples fato de sair do recinto escolar contribuirá para que fiquem, indelevelmente marcados na memória, todos os aspectos interdisciplinares relacionados ao fato e pressentidos na presença do monumento, que pode, facilmente ser visitado. Com uma visita assim, não se perde tempo, como poderiam alguns professores

argumentar. Ganha-se a fixação de conhecimentos importantes não só na área de Artes, mas em História, Geografia, e, até mesmo, Matemática e Português e outras áreas disciplinares.

Para entender uma obra e seu contexto é importante conhecer também a formação do artista da qual a obra é resultado, o porquê da Arte na vida do artista, qual o seu conhecimento da História da Arte e como o artista insere a sua Arte em um contexto contemporâneo. É interessante também saber se ele, o artista, é autodidata ou tem formação acadêmica. É a respeito de questões como estas que, como educadores, devemos refletir para entender uma pintura, uma escultura, um entalhe. Além de conhecer o artista, devemos conhecer qual o papel social que este artista cria individualmente para colocar, em um espaço coletivo, obras que podem influenciar, especialmente por meio da educação formal e não formal toda a sociedade. São pequenas reflexões, às quais, penso, todos os educadores devem estar atentos.

Durante a pesquisa, em virtude da exigüidade de tempo disponível para conversas com os professores optamos por apresentar-lhes um questionário cujas respostas nos permitiriam conhecer, principalmente, os aspectos relacionados à graduação dos professores que atuam nas três escolas envolvidas na pesquisa, nelas ministrando, especificamente, a Disciplina de Artes, e também as duas disciplinas mais diretamente relacionadas com Educação Patrimonial, ou seja, as disciplinas História e Geografia. Procurou-se também saber se a área de atuação desses professores, na Escola, era a mesma da sua graduação, qual o conhecimento que esses professores já detinham a respeito de Patrimônio, qual o seu posicionamento diante desse tema e se conseguiam, em suas aulas, trabalhá-lo interdisciplinarmente.

Pelas respostas, nas três escolas envolvidas, dois dos professores de Arte possuem formação específica na disciplina, sendo um deles especialista nessa área. Dos professores de História e Geografia, um deles é especialista em Geografia Econômica e em História do Brasil. Todos acreditam que trabalhar interdisciplinarmente é possível. Apenas dois professores, um de Arte e um de História, levaram seus alunos a estudos didáticos fora da escola. Todos utilizam material didático, mesmo que alguns destes já estejam ultrapassados. Apenas um dos professores tem carga horária semanal de vinte horas; os outros trabalham de quarenta a cinquenta horas semanais.

Podemos observar como a escola, em muitas de suas práticas, deixam de lado as questões voltadas à Educação Patrimonial. E muitos professores também deixam de aproveitar excelentes oportunidades de conhecimentos gerais não contextualizando esse tema (Ed. Patrimonial) dentro da sua Disciplina. Observa-se as dificuldades que os professores encontram para trabalhar a História local e a Educação Patrimonial na idade prevista pelos PCNs, conforme os quais esses conhecimentos deveriam iniciar-se na 3º ano do Ensino

Fundamental I, pois os alunos chegam às séries seguintes sem os esperados conhecimentos sobre a História e os Patrimônios locais.

Observa-se num primeiro momento, que os professores acreditam na possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente os diversos conteúdos, percebendo a inserção da Educação Patrimonial como importante elemento de ‘Educação para a Cidadania’, mas o que os alunos revelam em sua prática escolar fica ainda muito longe dos propósitos de uma educação inserida no universo histórico e cultural do aluno. Pelos depoimentos dos alunos confirmou-se que o tema ‘Patrimônio’ era algo novo, ainda pouco trabalhado no espaço escolar.

Nas discussões, foram evidenciadas, também, grandes dificuldades em transpor para a sua realidade propostas efetivas de ensino de Arte, história, geografia que, muitas vezes observam nos livros e em cursos de capacitação realizados. Existe ainda, por parte de muitos professores, a busca das fórmulas ‘ideais’ e rápidas para se aplicar em sala de aula, preferindo, muitas vezes, executar exercícios prontos a discutir concepções mais abrangentes para elaborarem as suas próprias propostas.

No entanto é importante esclarecer que não houve, nenhuma pretensão de emitir julgamento a respeito dos conhecimentos dos educadores envolvidos, nem, tampouco, do seu agir profissional. Houve, tão somente, ao expor tais reflexões, procurar contribuir com descobertas pessoais, que julgo importantes para a compreensão do ‘fazer pedagógico’: a constatação de que, com o estabelecimento de estratégias didáticas adequadas, os monumentos constituem importante ferramenta na transmissão dos conhecimentos relacionados a Educação Patrimonial.

4 QUARTA ESTROFE: EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR NA INTERFACE DOS POETAS DOS CAMPOS E DOS ESPAÇOS – CONSIDERAÇÕES FINAIS: FINALIZANDO A POESIA

“Neste caminho árduo e dialético, oscilamos entre verdades de lembrar e esquecer, comemorar e calar, mostrar e esconder; isto porque revisitar o passado nem sempre é uma ação agradável...”.

Garbinatto

Nos espaços públicos de Lages, os Poetas dos Campos e dos Espaços Serranos deixaram esculpidos, em bronze ou em argamassa, os fatos e personagens históricos importantes na trajetória da região. Os esculpidos por Malinverni - bustos de pequeno porte ou imagens em tamanho natural, guardando, para a posteridade, as fisionomias daqueles que marcaram historicamente a região - ou os esculpidos por Batista - grandes monumentos que lembram ao presente os momentos da História e alguns hábitos que construíram a região serrana catarinense - emprestam sua poesia embelezando praças, marcando os pontos de entrada da cidade ou outros locais facilmente visíveis pela população.

Os monumentos retratam passagens históricas, mitificadas na história oficial. As imagens analisadas vêm acompanhadas de significados histórico-antropológicos, pois lembram momentos históricos onde as pessoas podem se ‘ver’, revendo, nesses monumentos, as imagens, as profissões, os feitos heróicos de seus antepassados, e neles reconhecer algum momento da sua vida ou da história do Brasil.

Nos monumentos de Lages pode-se perceber alguma diferença no direcionamento da visão histórica dos escultores mencionados nesta pesquisa. Os monumentos feitos por Malinverni, pelo menos os que estão publicamente expostos, com exceção do monumento ‘A Mãe’, lembram vultos políticos, locais ou nacionais, que marcaram a História da região ou do país, ou homens, que, como os médicos Dr. Sartori ou Dr. Carmosino, até hoje são lembrados pelos habitantes mais idosos pelo modo como se dispuseram a beneficiar a população local, ou, ainda, como Thiago de Castro cuja visão de inter-relacionamento entre passado e presente deixou como legado à cidade um dos mais importantes Museus catarinenses.

Já os monumentos de Batista permitem, no hoje e no amanhã, visualizar o ontem da região serrana, os feitos heróicos dos lageanos farrapos, a chegada dos imigrantes à serra catarinense no início do ciclo da madeira de araucária, as atividades dos primeiros habitantes que alicerçaram a vida cotidiana da então ‘Vila das Lagens’ e que ainda hoje se fazem presentes na cultura tradicionalista da região. Em relação ao monumento denominado ‘Imigrantes’, existe, na cidade, certa polêmica: há quem diga que os primeiros imigrantes não chegaram em carros puxados por bois, e sim, em caminhões. Há que se lembrar, porém, que aqui chegaram em caminhões não os primeiros imigrantes e sim aqueles que vieram mais tarde, num segundo movimento migratório, especialmente os que vieram durante o primeiro ciclo da exploração madeireira do pinheiro araucária, que ocorreu, em larga escala, na Serra Catarinense, já por volta de 1940, ou seja, imigrantes já radicados nas colônias riograndenses e que deveriam, com mais propriedade, ser já chamados “migrantes” quando para cá (Lages) se deslocaram.

Ainda a respeito desse monumento, Batista comenta não ter sido o mesmo colocado no local por ele, seu autor, considerado o mais adequado e para o qual foi projetado. Mas, apesar das controvérsias, seja como for, este monumento lembra, se não a chegada, o meio de transporte mais utilizado pelos colonos imigrantes para se deslocarem pelas grandes extensões das fazendas que foram seu primeiro lugar de trabalho. Nos carroções — meio de transporte ainda hoje utilizado nas localidades do interior, e, na cidade, com a substituição dos bois por cavalos — esses bravos trabalhadores levavam não só as ferramentas, mas, também, a mulher e os filhos que os ajudariam no árduo trabalho que encontraram na “terra prometida”.

Essas observações reforçam a possibilidade de interdisciplinaridade e a constatação de que o estudo dos monumentos, especialmente dentro da Educação Patrimonial, com o estabelecimento de estratégias didáticas adequadas à transmissão desta atividade curricular, seja ela realizada na Escola em um Museu, em uma praça ou em qualquer espaço público, é importante para o fazer pedagógico.

Como afirma Franz, citando Brunner, aprender:

consiste em assimilar dados, técnicas, experiências, e colocar estes conhecimentos em relação lógica com o que já conhecemos. E lembra que não se produz uma verdadeira aprendizagem até que o novo conhecimento não esteja integrado com o anterior. Para a maioria das pessoas, esta relação deve estabelecer-se com o que já é familiar, ou seja, com o que já é conhecido, para se estender depois com o que é novo, mediante comparação, contraste, analogia ou análise. Assim, lembra que uma visita ao museu é útil para introduzir algum conhecimento novo e em muitos casos pode acrescentar uma grande quantidade de conhecimentos novos ou experiência. Enfatiza que quando entramos em contato com uma nova informação, a forma deste

contato é fundamental, para que esta informação alcance algum significado para nós (2003, p. 254).

Assim, um Museu também é um espaço pedagógico que deve ser considerado pelo seu grande potencial para educar a compreensão da cultura, seja ela material ou imaterial. “No Brasil, país de pouca tradição, a discussão acerca da cultura material aliada à Educação é um tema bastante recente entre nós” (TAMANINI, 2000, p. 09).

Neste caso, na formação dos docentes em Educação Patrimonial também é um tema recente, fazendo-se necessárias as especializações ou cursos de capacitação para os professores. Há que se considerar também a jornada de trabalho dos professores atualmente, os quais, muitas vezes, acabam por se ver obrigados a se tornarem polivalentes, até por questão de sobrevivência. E, nesta faina, trabalhando, muitas vezes, em três turnos, ainda que considerem importantes tais cursos e especializações, não lhes sobra tempo hábil para freqüentá-los.

Para que haja uma mudança nesse cenário educacional, o contato com a Arte, com a história, e com a cultura local deve ser proporcionado às crianças já nos primeiros anos escolares, juntamente com o conhecimento da importância de sua valorização e sua preservação. Neste contexto é que se torna relevante a postura e o conhecimento do professor para que este, ao invés de apresentar apenas seu ponto de vista como verdade absoluta, seja capaz de levar o aluno a construir uma ‘linha do tempo’ pelas suas próprias reflexões, despertadas pela observação dos bens culturais.

A introdução aos acervos deve ser bem orientada e sempre acompanhada de instrução. Pouco se pode esperar das tradicionais visitas guiadas que falam da arte descontextualizando-a, desconsiderando as estratégias didáticas adequadas para cada tipo de público (FRANZ, 2003, p. 256).

A escola é um lugar para pensar questões como essas, permitindo que, a partir da realidade que se aprende, seja transmutado o espaço em que se vive.

É interessante registrar que os conteúdos transmitidos pelas escolas, ao longo dos anos, têm privilegiado padrões de cultura importados, aplicados, sem a devida redução social, em currículos com conteúdos impostos de cima para baixo, dissociados da realidade dos alunos, em escolas burocratizadas e distantes das comunidades na qual estão inseridas.

De acordo com Pinto Júnior:

Em todas as fases da escolarização, corremos o perigo de produzirmos uma história factual, repleta de nomes, datas e lugares a serem decorados para as avaliações. Mas

no Ensino Fundamental esse perigo é redobrado. Desenvolver estudos históricos mecanicistas, maniqueístas e desenraizados podem distorcer a compreensão social dos alunos e produzir concepções reducionistas da disciplina (2007, p. 275).

No contexto da escola, cuja análise-diagnóstico foi ali apresentada e que, até certo ponto, ainda pode ser considerada atualizada, há a adoção do conceito de patrimônio cultural como a “*acumulação de bens, produzidos no passado e representativos da produção cultural de determinadas camadas da sociedade*”, patrimônio este preservado e depositado nos museus, para deleite de um determinado grupo da sociedade. O conceito de museu, para a maioria de professores e alunos, ainda permanece como “um local onde se guardam coisas antigas”, sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo, aos sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição nessa perspectiva são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos.

Entretanto, ao aproximar essa prática da realidade vivenciada pelos professores e das manifestações artísticas existentes nesse espaço, mostramos caminhos que ampliaram os conceitos do que é e do que significa a Arte e possibilitamos a aproximação dessas concepções com uma realidade mais próxima da vida desses profissionais e, conseqüentemente, da vida de seus alunos.

Durante a pesquisa percebeu-se que, mesmo entre os professores, há dificuldades em se trabalhar com a temática Patrimônio. Em muitas respostas dos alunos ouvi: “Minha cidade é feia, não observo nada de especial, não gosto da cidade”. Esta resposta, em alguns casos, não foi diferente das respostas dos professores, fazendo-me lembrar do meu próprio posicionamento diante da cidade antes de conhecê-la melhor. Em relação aos monumentos próximos das escolas, pelas oficinas realizadas com os alunos, pelas conversas com os professores e, principalmente pelas respostas ao questionário foi possível perceber que os monumentos são pouco utilizados como espaços de aprendizagem, mas que apresentam um excelente potencial para um trabalho diferenciado e interdisciplinar nos estudos, principalmente, de História, Arte e Cultura.

Como salienta Pinto Júnior:

Os tempos reduzidos para além das práticas cotidianas, a falta de recursos materiais, a falta de incentivos, o deslocamento muitas vezes demorado para o local de trabalho (apenas para destacar alguns fatores/pontos) embaraçam um debate relativo às atividades. Se vários são os motivos que dificultam até mesmo as trocas de experiências entre docentes de uma mesma escola, ainda mais difícil é pensar na integração dos professores de diferentes estabelecimentos de ensino de uma cidade.

Quanto maior a cidade em questão, maiores são os empecilhos nesse sentido (2007, p. 273).

As transformações epistemológicas ocorridas nas artes visuais e seu ensino desafiam o professor, que atua na educação básica, a constituir um conhecimento amplo e conectado à diversidade sociocultural do momento. Vivemos numa época em que os paradigmas das certezas, que fundamentavam tradicionalmente o conhecimento em Arte, cederam seu lugar ao horizonte elástico e abrangente da Arte Contemporânea e das inúmeras visualidades que nos cercam, trazendo-nos mais questões do que verdades pré-concebidas.

No entanto, ao ministrar a disciplina 'Arte', o professor dispõe de 'N' estratégias e de inúmeros materiais, entre eles os monumentos e a arquitetura local, facilmente disponíveis para trabalhar todo e qualquer conteúdo, pois é impossível ensinar Arte sem adentrar em outros territórios do Conhecimento, no mínimo no terreno da História e no da Geografia, assuntos indissociáveis da Educação Artística e, de modo especial, intimamente ligados à Educação Patrimonial.

A educação, por sua vez, deve corresponder à complexidade dos fenômenos artísticos e visuais, encarando-a como um desafio que exige cada vez mais diversificação, investimento, coerências e competências sociais, culturais e epistemológicas na formação e atuação dos educadores.

A análise da educação, portanto, está sendo aqui realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o *patrimônio cultural*, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos, em um determinado tempo e espaço, considerando que as diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, mas são parte de uma grande diversidade, que é resultado de uma teia de relações, em que cultura, ciência e tecnologia em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do homem, produtor de cultura e conhecimento. Nesse sentido, compreendemos que a escola é uma instituição que faz parte do patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, é alimentada por diversos patrimônios culturais, representados pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo dos anos, resultado da herança cultural construída pelos sujeitos sociais ao longo da vida, ou seja, a *tradição*, que deve ser compreendida, também, como um processo de construção e reconstrução.

As propostas de formação continuada (não só em artes, mas em todas as disciplinas) devem oportunizar a reflexão que, por sua vez, impulse novas construções das ações educativas dos docentes, procurando amenizar as distâncias epistemológicas, metodológicas e

antropológicas dessas ações em relação às dinâmicas da sociedade e lançando um novo olhar ao que foi constituído durante a formação do docente na graduação. A formação continuada não substitui uma formação consistente no nível superior, mas deve oferecer a oportunidade de acompanhar as perspectivas apresentadas ao ensino a cada mudança conceitual, sociocultural e legislativa referente ao campo(da educação) das artes visuais e, principalmente, criar conexões entre essas mudanças e as demandas da realidade educacional onde os professores atuam.

Neste sentido, a atuação das escolas de educação básica é o principal meio para promover o acesso da população a propostas de ensino que contemplem uma inserção significativa das artes visuais (e também nas diversas disciplinas) em diversos contextos. Reconhecendo o papel democrático das escolas no acesso à educação e o valor educativo particular às artes visuais, na sua forma singular de significar o mundo e a sociedade, acreditamos ser a escola o ambiente ideal para promover formas de ensino que propiciem a experimentação, vivência e o conhecimento efetivo das expressões artísticas, visuais ou não.

Com efeito, faz-se necessária a estruturação de caminhos que possam fomentar alternativas metodológicas (na educação) de ensino de arte que atendam a realidade das escolas de educação básica. Iniciativas dessa natureza fornecerão subsídios para que esses profissionais possam concretizar atividades de ensino de arte fundamentais para o processo de formação cultural, artística, perceptiva e estética do indivíduo.

Na realização deste estudo, pôde-se constatar que os envolvidos diretos (alunos e professores) têm uma compreensão ainda tênue no que diz respeito à educação patrimonial seja ela material ou imaterial. Para que se tenha uma maior abrangência em seus conhecimentos sobre Educação Patrimonial é necessário que o professor esteja aberto a novas experiências pedagógicas e educativas com a temática do patrimônio em especial aos monumentos. Para ir além das estratégias didáticas é necessário buscar para ensinar e isso necessita de muitas pesquisas e de como incluir estes novos dados num comprometimento com os seres humanos.

Assim nesta perspectiva se compreenderá como os objetos culturais (tangível e intangível) construirão visões de mundo sobre nós e na configuração da sociedade, por meio de uma consciência das representações, na produção de imagens de textos de símbolos em uma cidade. Observo que as estratégias didáticas tornam-se importantes, pois as imagens dentro de um contexto não falam por si só, neste caso precisamos dos códigos para decifrá-los, e ‘só os decifra quem os tem’ (TAMANINI, 2008).

A tarefa de interpretação por meio de uma obra é complexa e precisa de tempo para realizar, para observá-la, para entender e redefinir. Para responder as perguntas elaboradas nesta pesquisa utilizou-se de várias estratégias, na construção de ferramentas de avaliação para as compreensões e também necessitou construir instrumentos para abrir um novo caminho nos diferentes níveis de compreensão dos alunos.

Espero que as análises destes dados permitam um caminho para a construção de novos planejamentos, estratégias e investigações integrado aos currículos escolares. Ao considerar parte desta pesquisa, percebo que surgiram muitas outras perguntas para serem investigadas com relevância, assim como foi o envolvimento dos alunos durante este estudo, devemos refletir, por exemplo: Como agregar nos currículos a educação patrimonial como tema obrigatório? Como construir didáticas adequadas para a compreensão da educação nos espaços públicos? Como pontuar por meio da arte aos estudantes e professores uma compreensão de nível mais elevado? Como os espaços públicos e objetos culturais beneficiam ou atrapalham a compreensão como uso didático? Como motivar os professores a estarem sempre buscando o conhecimento por meio da educação patrimonial?

Sabemos que existem muitas possibilidades, muitos caminhos, embora nem todos sejam seguros para construirmos uma sociedade melhor, porém, o caminho que nos aponta a melhor direção é o que nos diz que devemos ser comprometidos com a educação. Esta pesquisa não oferece respostas definitivas, mas é fruto de um sincero esforço em oferecer alternativas para ajudar a contribuir com um ensino sólido. Mais que responder é deixar em aberto muitas outras lacunas, buscando levar outros docentes a pensarem em uma educação melhor para a construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo. Brasiliense, 2007.
- CANCLINI, Nestor. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa. 4.ed. São Paulo: EDIUSP, 2003.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FRANZ, Terezinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis, SC. Letras Contemporâneas, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34.ed. São Paulo. Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Regina Leite. **Cartas Londrinas e de outros lugares sobre o lugar da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. (orgs.) **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26.ed. Campinas, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HORTA, M. de L. P. **Educação Patrimonial**. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/tetxt5.htm>. Acesso em: 01/07/2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário HOUAISS da Língua Portuguesa**. 2.ed. revista e aumentada Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

IABELBERG, Rosa. **Arte na Escola**. Boletim de nº. 50, edição de outono, junho de 2008.

INRC. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Intr. De Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

JANOTTI, M. de L. M. História, política e ensino. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 42-53.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 21.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico**. 5 ed. São Paulo. Brasiliense, 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORAES, A. P. de. **Educação Patrimonial nas escolas**: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural. Disponível em: http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf. Acesso em: 13/07/2008.

MUNARIM, Antônio. **Educação e esfera pública na serra catarinense**: a experiência política do Plano Regional de Educação. Florianópolis: UFSC, 2000.

ORÍ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 128-48.

OSTROWER, Fayga Perla. **Universos da Arte**. 13.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos**: o processo de constituição do espaço urbano em Lages. Lages (SC): Uniplac, 2002.

PINO, Angl. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO JÚNIOR, A. Percepções da modernidade na cidade: professores e alunos produzindo suas visões. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó, (SC): Argos, 2007. pp. 273- 284.

REIS, Ronaldo. A cidade do artista. In: PECHMAN, R. M. (org.) **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. pp. 157-168.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. Semiose e autogeração. São Paulo, Ática, 1985.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAMANINI, Elizabete. **Vidas transplantadas**: museu, educação e a cultura material na (re)construção do passado. Tese de Doutorado. Campinas (SP): 2000.

TAMANINI, Elizabete. Museu é lugar de vida e não de morte. Entrevista concedida a Glória Taga em julho de 2008. In: **Revista Eletrônica História e História**. NEE/UNICAMP.

TAMANINI, Elizabete; PEIXER, Zilma Isabel. **Água Mole em Pedra Dura Tanto Bate Até que Fura**: educação popular e herança cultural no século XXI. Trabalho aprovado para o V Congresso Internacional de educação 20 a 22 de agosto 2007. Unisinos.

DOCUMENTOS TRIDIMENSIONAIS

BATISTA, J. C. **Monumento ao Trançador**. 2002.

_____. **Monumento aos Imigrantes**. 2002.

_____. **Monumento ao Tropeiro**. 2003.

_____. **Monumento ao Boi de Botas**. 2002.

_____. **Monumento ao São Francisco**. 2003.

_____. **Monumento Carro de Molas**. 2006.

_____. **Monumento As Lavadeiras**. 2008.

MALIVERNI FILHO, Augusto. **Monumento a Nereu Ramos**. 1956.

_____. **Monumento a Correia Pinto**. 1966.

_____. **Monumento a Mãe**. 1973.

PARTICIPANTES DO ESTUDO

AMARILDO e ADEMIR. (oficinas).

BATISTA, J. C. Entrevista jan/jul. 2007.

COLÉGIO Santa Rosa de Lima. Rua Lauro Muller, 444. Centro. Lages (SC). 6ª série/2007.

DOCENTES

ESCOLA de Educação Básica Nossa Senhora do Rosário. Rua Carmosino Camargo, 196. Coral. Lages (SC). 5ª série/2007.

ESCOLA Municipal Prof. Trajano. Av. Luiz de Camões, 1949. Conta Dinheiro. Lages (SC). 4ª série/2007.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS**NOME:** _____**SÉRIE:** _____**ESCOLA:** _____

1. Minha história: De onde venho (lugar)? _____

2. Meus pais? De onde são? (lugar)? _____

3. Minha cidade? Como ela é? _____

4. O que mais gosto na minha cidade? _____

5. Quais são esses lugares de que mais gosto na minha cidade? _____

6. Que pontos, que coisas, chamam a atenção na cidade? _____

7. Quem são os personagens dessas histórias? _____

8. Quem contou essas histórias? _____

9. O que é uma obra de Arte? _____

10. Quem é o artista dessas obras ou destas histórias? _____

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado professores, estamos desenvolvendo um estudo sobre Monumentos, Educação Patrimonial e História Local. Agradecemos seu apoio no preenchimento do formulário, que será de suma importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Nome. _____ idade: _____

Graduação: _____ data: _____ Instituição: _____.

Tema da graduação ou especialização: _____.

Contrato de trabalho () 20 h/a semanais () 30 h/a semanais () 40 h/a semanais

Para você, o que é ser professor?

Em sua opinião quais os maiores desafios na profissão: ser professor:

O que o atrai nessa profissão?

Quais os colégios em que trabalha?

Quais as maiores dificuldades encontradas ao trabalhar com história/geografia na escola?

Quais os materiais e autores mais utilizados para pesquisa e atividades em aula:

Utiliza algum livro didático? () Sim () Não

Qual? _____

Trabalha com a História local de Lages?

Nesse ano já levou seus alunos a algum ponto da cidade, para estudo dirigido? _____

Quais? _____

Já levou os seus alunos a algum dos museus na cidade ou outro ponto histórico?

Quais os monumentos em nossa cidade que mais chamam a sua atenção?

Por que? _____

MEMORIAL DESCRITIVO

Quando alguém chega a um lugar onde nunca esteve antes, deve explicar quem é e, em alguns casos, como chegou até ali. Cheguei ao fim do meu Mestrado e devo informar quem sou, porque escolhi o tema ‘Monumentos’ e como desenvolvi a pesquisa realizada. Quem foi Eledir? Quem é, hoje, Eledir Zanatta? Que pesquisa realizou? É o que procurarei responder àqueles a quem me apresento ao concluir meu Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa II: Educação, Processos Socioculturais e Sustentabilidade. Nasci em Lages, em dois de março de 1964. Cursei o Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica “Nossa Senhora do Rosário” e o Ensino Médio, no CIS – Centro Interescolar de Segundo Grau “Renato Ramos da Silva, ambos em Lages. Na UNIPLAC – Universidade do Planalto Catarinense – em 2000, iniciei o Curso de Graduação Artes Plásticas, que concluí no ano de 2004. Em 2006, iniciei o Mestrado, nesta mesma Universidade.

Desde a Graduação, um ‘novo olhar’ foi instaurado e comecei a perceber de forma diferente o meu entorno. A partir de então foi possível analisar com mais profundidade os fatos até então ocorridos em minha vida e as várias mudanças que ocorreram, desencadeadas pelos conhecimentos absorvidos durante a Graduação e o Mestrado.

Morei durante 30 anos na cidade de Lages e jamais experimentei, em relação a ela, a sensação de ‘pertencimento’. No ano de 1993, por motivo de trabalho do meu esposo, passamos a residir na cidade de Rio do Sul, separada de Lages por apenas duas horas de viagem. Logo após nossa chegada àquela cidade, fiquei, por curto período de tempo, sem exercer atividade profissional fora do lar. Assim, enquanto não voltei a trabalhar, dispunha de mais tempo livre para sair e conhecer a cidade em que passara a morar. Observei muito da cidade, havendo entrado em sintonia com todos e tudo que lá havia. Passei a gostar de lá e a me sentir parte integrante de Rio do Sul. Algum tempo depois, retornando para Lages, sentia muita tristeza e não conseguia sentir a cidade como ‘minha cidade’. Pensei então que uma das formas de me sentir fazendo parte do contexto seria retornar aos bancos escolares. Participei do vestibular e, sendo aprovada, curvei a Graduação em Artes Plásticas, com habilitação em Arte-Educação.

Preocupada com o estágio, fui buscar trabalho voluntário nas escolas para adquirir experiência que me proporcionasse maior facilidade no momento de fazer o estágio em sala de aula pois, até então, minha profissão, desde os 15 anos de idade, fora a de escriturária.

Identifiquei-me, de imediato, com a docência. No último ano da graduação, iniciei a especialização em: O Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos, com aula aos finais de semana e duração de dois anos, o primeiro dos quais cursei paralelamente com a Graduação.

Preocupada com a minha nova formação profissional, sentia a necessidade de mais conhecimentos e fui buscá-los, de forma prática, dentro da sala de aula. Assim, iniciei, durante a Graduação, meu trabalho com os alunos da Educação Especial, e, motivada pelo trabalho com estas crianças, minha Monografia teve como tema: “A Leitura de Imagem por Paralisados Cerebrais”. Sempre, em minha caminhada, estive preocupada com a parte política e social, e, embora não tendo conhecimento das teorias científicas, procurei ir fazendo minha parte, acreditando nas causas consideradas ‘desacreditadas’. A experiência foi muito rica, trazendo-me muitas possibilidades de crescimento em todos os aspectos. No período em que cursava Especialização percebi o quanto a Arte possibilitou obter melhores resultados nas práticas sociais, intelectuais e morais, contextualizadas nesta nova caminhada. Porém, percebendo haver ainda, nos meus conhecimentos, muitas lacunas a serem preenchidas, logo após terminar a Especialização, tentei iniciar o Mestrado, mas só consegui ingressar na segunda turma. Agora já tenho 05 anos de experiência no magistério e ministro aulas também para alunos do Ensino Médio, na escola particular. Procuo envolver os alunos da escola especial com os da escola regular, tentando mostrar, aos alunos de ambas as escolas, que ninguém é perfeito. Todos nós temos alguma imperfeição, alguma particularidade que pode não agradar aos outros. E, se todos temos defeitos devemos também aceitar ‘o outro’ com seus defeitos, procurando ver-lhes as qualidades, pois também cada um tem as suas. Assim, procuro mostrar-lhes que preconceitos são fruto de desinformação. Tento mostrar aos alunos da escola particular o trabalho da escola especial, tão digno quanto o de qualquer outra. E, aos alunos da escola especial, procuro mostrar que melhores condições de vida não significam diferenças essenciais pois, no íntimo, somos todos seres humanos, iguais uns aos outros.

Início, em agosto de 2006, o Mestrado. Meu trabalho em sala de aula necessita de pesquisas e atualização. Não consigo mais ficar fora de uma cadeira universitária.

No primeiro semestre, começa a confusão com tantos estranhamentos. Percebo a deficiência de conhecimento ao ter contato com tantas referências bibliográficas. Assoberbada com os afazeres da vida profissional, com 40 h aulas semanais de trabalho, percebo, no final do semestre, as dificuldades que teria para contemplar todos os compromissos, e que um destes acabaria sendo feito de forma incompleta ou não tão satisfatória quanto deveria. Então me afasto da Escola de Educação Especial, continuando a trabalhar somente na Escola

Particular por nela ter menor carga horária, menos horas-aula de atividades. No início do Mestrado, foram sugeridas várias leituras, mas aquela com que mais me identifiquei foi “Culturas Híbridas” de Nestor Canclini. Gosto da forma de escrita e da leitura do popular em suas experiências, identificando-me com as idéias desse Autor.

Percebi, então, que, na minha Dissertação, eu gostaria de abordar o tema Educação Patrimonial, no qual poderia trabalhar a respeito dos monumentos da cidade, baseando-me nas obras de um artista lageano, tendo um olhar direcionado para a Arte, pensando que, na maioria das vezes, buscamos referências de artistas que já morreram, tendo que nos embasar, nessas pesquisas, apenas nos estudos históricos da Arte pois não mais é possível entrar em contato com os autores das obras estudadas. Estudar o Passado é importante. Mas, por que não estudar as obras construídas no presente, envolvendo, nesse estudo, os autores dessas obras? Falamos aos alunos de artistas que só conhecerão por fotografias e esquecemos de mencionar os artistas que ainda vivem em nossa cidade. Por essa razão, mesmo sem perceber, tornamo-nos responsáveis pela criação de algumas lacunas na história da Arte.

Penso que podemos construir essas histórias locais tirando as dúvidas com o artista enquanto está vivo, para que possamos registrá-la da melhor forma possível. Percebo que meu olhar se expande, buscando ir, além das leituras da Arte e da técnica usada pelo artista, para o entendimento da ‘aura’ que envolve a obra e a preocupação com a possibilidade de sua reprodução, como explica muito bem Walter Benjamin dentro da sua visão a respeito da reprodutibilidade técnica. Procuo minha orientadora e lhe digo que gostaria de escrever apenas sobre a biografia do artista e fazer um vídeo do mesmo com suas técnicas para trabalhar em sala de aula. Aos poucos fui sendo provocada para questões que vão além do ‘fazer a obra’, a pensar nas questões sociais, políticas e morais que estão colocadas nos espaços da cidade além das obras. Foi inquietante e desafiante modificar esse olhar adquirido pela prática de até então.

Participei de simpósios, seminários, palestras, oficinas dentre outros eventos sugeridos pelos Mestres, durante o Mestrado, e, também, de muitos desses encontros, participei por iniciativa própria, para ir ampliando os horizontes desta nova caminhada. Voltando ao início deste Memorial, percebi que, 30 anos atrás, quando saí da cidade de Lages, nada conhecia dela. Ela era apenas mais uma cidade, nesse universo de cidades. E, assim, com essa reflexão, percebo também, de forma bastante clara, que ninguém gosta do que não conhece.

Com tantas provocações, inicio minhas leituras na Educação Patrimonial, olhando para todo o contexto da cidade, e começo a me apaixonar por ela e pelo que nela vejo. Pela primeira vez faço leituras sobre a cidade e começo a fazer parte dela. Pergunto, pesquiso,

busco informações e descubro que sou neta de tropeiro, que sou cabocla, que a arte e o artesanato fazem parte da minha família. Descubro o valor dos conhecimentos dos saberes populares, me reconheço como filha de caminhoneiro, conhecendo muitas cidades desse país, de formas rústicas, e entendendo o reflexo dessas viagens neste contexto em que optei ao cursar a graduação em Arte. Percebo que minha avó materna, artesã muito solicitada, viajava a cavalo pelos desertos da Bocaina do Sul até Urubici, sozinha, para atender aos pedidos de suas habilidades, levando com ela apenas uma faca pequena - a qual tenho guardada comigo - que ela usava para defender-se dos animais ou outras perturbações que pudessem molestá-la. Meu avô materno era tropeiro e agricultor. Fico feliz por poder identificar minhas raízes. Ao estudar os monumentos, espaços da cidade, começo a descobrir também os ‘meus monumentos históricos’. Percebo que para conhecer a identidade da minha cidade, é importante que eu reconheça tudo que há nela, entrelaçando sua História com a minha.

Nestes instantes de pesquisa fico em conflito, percebo novamente a dificuldade que devo enfrentar: sei que não consigo estar em dois lugares ao mesmo tempo. Assim, em agosto de 2007, deixo minhas atividades profissionais na escola para dedicar-me inteiramente à pesquisa, fazendo muitas renúncias materiais em favor do intelectual.

Precisei elaborar estratégias para obter dados idôneos. Precisei de tempo disponível para executar a metodologia em que desafiei minha orientadora. Procurei em Brandão os caminhos da pesquisa participante para fundamentar-me em meu estudo de caso. Busquei em “A retórica da perda” (Gonçalves) os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Conheci as dificuldades narradas por Aloísio e Rodrigo quando da ‘construção’ do SPHAN/IPHAN. Percebo, então, que a minha construção também não será fácil, pois será a primeira a desbravar caminhos para as próximas pesquisas ligadas ao patrimônio, estudando não só os monumentos mas o artista, ainda vivo, que os construiu.

Com uma câmera digital, um gravador de vozes e muita vontade, busquei, durante 60 h aula, criar vínculos com alunos, professores, diretores e funcionários de três escolas, sendo uma da Rede Particular, uma da Rede Estadual e uma terceira da Rede Municipal de Ensino, tendo elas em comum o fato de, embora distantes entre si, estarem situadas nas proximidades de um monumento, distando dos mesmos, em cada caso, aproximadamente apenas 500 m, o que, com certeza, facilitaria a visita dos alunos aos monumentos em questão. Procurei entender se havia a percepção dos alunos em relação aos monumentos e se os docentes da disciplina de História, Geografia e Arte usavam esses monumentos como material didático para trabalhar a História local. Houve alguns momentos em que me senti uma historiadora,

resgatando a História da cidade pelo estudo dos monumentos arquitetônicos, das praças, das esculturas, dos pontos históricos nela existentes.

Neste processo fui observada, também observei, fiz anotações, construí painéis, nomeando um deles ‘colcha de retalhos’, juntando os fragmentos dos trabalhos construídos pelos alunos e resultantes das pesquisas, fiz exposições, passeios, visitas, levei convidados às escolas, promovi interação entre artistas e alunos, preparei oficinas, envolvi muitas pessoas e fui envolvida, durante esse período de investigação nas escolas. Percebo que continuo lutando pelas causas consideradas desacreditadas, apenas com o foco em tema diferente. Fui bem recebida e tentei retribuir, tendo a ética profissional por norte e, assim, consciência de que sempre que precisar encontrarei as portas abertas, cuidando, ainda, para que, quando outros pesquisadores precisarem usar estes espaços, tenham os caminhos livres. O aprendizado foi muito significativo, tendo muito o que pesquisar, mas por hora o tempo hábil esgotou-se e tenho que construir a Dissertação, confeccionar a ‘minha colcha de retalhos’, com os fragmentos colhidos, ficando um caminho aberto para que se possa dar continuidade a essa pesquisa, em outro momento oportuno.

Tenho consciência de que a trajetória foi apenas iniciada. Chegamos a uma clareira onde devemos parar um pouco para repousar, renovar as forças e, talvez, ficar à espera de que outros retomem a nossa trajetória. O caminho percorrido foi, por vezes, bastante íngreme. Se não houvessem tantas mãos formando uma corrente forte de companheirismo e envolvimento na pesquisa, difícil teria sido chegar ao patamar pretendido. Por essa razão, como pesquisadora, deixo expresso neste Memorial minha gratidão a todos os envolvidos nesta pesquisa - orientadora, professores, alunos, direção e funcionários das escolas envolvidas, e, principalmente, aos Artistas que dispuseram de seu tempo para transmitir aos alunos um pouco dos seus saberes – Patrimônios Intangíveis que, certamente, esses alunos jamais olvidarão.

DEPOIMENTO DO ARTISTA JOSÉ CRISTÓVÃO BATISTA

Atendendo ao convite feito pela prof^a. Eledir ao artista Batista para que participasse de uma aula que acontecia na UNIPLAC dando seu relato sobre a sua trajetória artística e pessoal, transcreve-se abaixo o seu depoimento, fielmente com toda a simplicidade da narrativa:

Aos três de setembro de 1959 a hora? Não sei a hora, mas as margens de um pequeno rio ruidoso, em um local chamado de Baixo Serra Grande, município de Ituporanga minha mãe, Lucia do Carmo Batista, pela sexta vez encontrava-se aflita, pois aguardava minha chegada, o local era rústico, a casa, velha feita de madeira. Nos fundos da casa rolavam as águas do pequeno rio, por entre as pedras fazia coro com o chiar da velha chaleira de ferro sobre o fogão a lenha, que arremessava para as alturas uma trilha de fumaça em busca de socorro. A fumaça seguia nas alturas criando um traçado no ar, formando trilhas em busca de todas as proteções divinas para aquela mãe aflita. Em seu olhar profundo trazia a alegria do amor, amor sem fim que tinha pelas suas crias, mas ao mesmo tempo sentia profunda tristeza, por saber que trazia a este mundo implacável mais um ser para enfrentar a dura realidade da vida.

Meu pai Sebastião João Batista, homem da roça, que em sua silhueta silenciosa tal qual a sombra de uma nuvem, que passa e deixa apenas o calor do sol para germinar. Em seus olhos aflitos, viam-se as incertezas, e expectativas, mas ao mesmo tempo enchia-se de esperanças, acreditando no resultado do seu trabalho como agricultor para manter o sustento da família. Sempre tinha forças para continuar a dura realidade de educar mais um filho com responsabilidades, ainda trazia naquela imagem do nascimento uma força interior cheia de fé.

Hora de chamar a parteira. Uma ou duas vizinhas que se punham a ferver água, separar panos limpos, acender velas com rezas para nossa Senhora do Bom Parto, e nossa Senhora das graças. Ah! Não podia esquecer de tirar os outros filhos de casa com uma desculpa qualquer. De repente entre preocupações temores e dores eis que vinha ao mundo mais um “barrigudinho”, como se dizia naquela época. Agora já estou no mundo com cueiros¹³, enrolado ate é o pescoço.

¹³ Cueiros – Pano leve e macio com que se envolvem os bebês. Dicionário Houaiss.

Começa uma nova fase, para minha mãe, um longo período de preocupação, de alento materno para suas incertezas. Em homenagem aos santos São José e São Cristóvão, me deram o nome de José Cristóvão Batista.

Assim foram passando os dias, após dois anos, o processo se repetiu. No dia 28 de setembro de 1961 nasceu meu irmão mais novo, o sétimo da família. Miguel Arcanjo Batista, a partir daí minhas primeiras lembranças. Aos dois anos de idade, minha irmã mais velha Salete me carregava no colo. Eu e Miguel indo a roça sobre o lombo do cavalo que se chamava barroso. Dentro do cargueiro existia um cesto de taquara. Nas subidas dos morros eu ficava agarrado as rodilhas do cesto com um enorme medo de cair, mas confiava na presença forte de meu pai. Lá roça tudo era novidade e muito encantador, o canto do macaco nas encostas das serras, o piar do gavião que até hoje ainda me remetem de volta a infância.

Naquela época, essas belezas naturais nos serviam de alento para o duro trabalho no qual o cabo da enxada era o principal instrumento para o plantio. O sol forte que assolava a face de meu pai por muitas vezes cegava-o com o sal de seu suor, que jamais tirou a serenidade e esperança. Na inocência de criança a consciência era alheia às durezas que vos cercava. Meus irmãos e eu não tínhamos noção de tempo quando criança. Existem algumas influências que aconteceram na minha vida, e passaram a ser importantes, muitas delas fora fundamentais para a formação do meu caráter, influenciaram-me muito cedo assim, podendo definir atitudes de bondades ou maldades.

Aos quatro anos meu tio Rubi, neto antipático tripudiado, inconseqüente sobrepujava. De certa forma esnobava minha família pela sua melhor condição de vida financeira. Seus filhos, meus primos agiam da mesma forma, às vezes remetia-nos a um certo clima de humilhação, apesar de criança, agente sentia certas diferenças, mas não conseguia entender muito essas atitudes de adultos, Tudo transcorria muito normal, fomos educados para entender que: “quem tem, tem, quem não tem, não tem e pronto”.

Ainda lembro em outro momento que no velho armazém do meu pai, certo dia surgiu um homem, trazendo nas mãos, pacotes de balas. Começou distribuir para as crianças, eu assim como as demais que ali estavam não entendiam, como alguém totalmente estranho pode sair por ai distribuindo doces? Pensei, será que é meu tio Rubi? Ele é rico! Mas meu tio além de ar uns pitos¹⁴ jamais me deu uma bala. Então, a pedido daquele homem, corri em casa para chamar meu irmão Miguel. Mas logo fiquei muito triste porque meu irmão primogênito, Sidnei, não me deixou voltar ao armazém.

Eu não entendia, mas este fato foi a primeira lição de solidariedade que tive. Um pouco mais tarde vim descobrir que naquele dia, era dia de Cosme e Damião, santo protetor das crianças. Esse dia marcou minha memória, passei entender a necessidade de ser

¹⁴ Pitos – Repreensão, descompostura. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

solidário, poder ver as pessoas todas da mesma forma. Ah! Mais tarde descobri, Era mesmo tio Rubi.

Muitas vezes me perguntava: como meu tio Rubi, que era arrogante, agora passa a ser solidário e generoso? Este fato vem em minha memória cada vês que vejo uma criança, uma pessoa necessitada, independente da necessidade logo lembro deste fato que me ajudou a ser mais humano. Este gesto do tio Rubi fez-me refletir, que não podemos julgar as pessoas, trago este fato como inspiração em meus projetos ao ensinar arte para crianças. Cresci convivendo com gestos de solidariedade, da Minha mãe e do meu pai através de suas atitudes.

Em outras épocas meu pai já tinha sido proprietário da várias terras. Um tempo depois lhe restava apenas uma velha casa, uma vaca, a qual chamávamos carinhosamente de “pretinha” algumas galinhas. Para poder plantar era de meeiro em terras de terceiros. Com sete filhos, dependendo apenas de seus braços, era muito difícil recomeçar, alimento não faltava, pois a roça sempre foi generosa.

Lembro outro fato marcante, era dia 03 de setembro de 1964, “meu aniversário” minha mãe não tinha nada para me presentear, a época era difícil e um ovo cozido era uma iguaria rara na nossa mesa, minha mãe com olhar triste diz: “meu filho a mãe não tem nada para te dar de presente, tem este ovo para você comer “cozido”. Tudo daria certo se eu não tivesse deixado ovo cair. Não fiquei preocupado com o ovo, mas sim com a tristeza da minha mãe por não poder repor o presente, a falta do presente não significou nada, o mais importante foi saber que ali na imagem da minha mãe estava o verdadeiro presente, o espírito de bondade e serenidade.

A vida seguia seu curso normal, meu pai não estava contente com a situação, a vida dura, às idas e vindas nas estradas, nos morros, plantando e colhendo, meu irmão João Carlos dois anos mais velho que eu seguia com a gente nestas idas e vindas sobre o lombo do cavalo barroso ou dentro de cestos de taquara, sob o velho carro de boi que cantava a melodia triste naqueles chapadões. Eu observava tudo com grande curiosidade, o cheiro de erva e da mata emitido pela natureza, olhava os arredores memorizando. Ficava vendo as pegadas dos bois, marcando a terra.

Meu pai sempre, não com palavras, mas com suas atitudes nos ensinava a respeitar a natureza. Observávamos atentos nosso pai fazer as construções de utensílios (cangas, cantis, ajoios, tamoeiros) para os carros de bois. Também ajudávamos com o velho boi “brasino”.

O boi brasino era emprestado de um vizinho para tirar toras¹⁵ e aumentar as casas lá da sangra ao pé da serra, onde as águas corriam com suavidade e exalavam seu frescor à distância. Corríamos até aos inhames (tubérculos que se cultivava para fazer pães e também tratar animais) da beira da sangra¹⁶, com uma folha dobrada em forma de copo, livres, tomávamos aquela água pura, cristalina, sem grandes preocupações. Já meu pai tomava a água para matar a sede, recuperar as suas forças, pois tinha o grande compromisso de levar as toras. Decaiamos o morro com toda a carga para entregar na serraria.

Tive a oportunidade rara de ver meu pai arrancar uma raiz de um enorme cedro, a árvore velha frondosa deve ter reclamado pelo saque, mas conformada com o respeito que recebeu de seu agressor que não a matou apenas retirou o suficiente para sua obra, que posteriormente seria transformada em gamela¹⁷ onde minha mãe, fazia pães por muitos e muitos anos.

Entre idas e vindas, o tempo passou meu pai que sempre foi muito lutador achou que naqueles morros, naquelas roças, estava muito difícil tirar a o sustento para a família, talvez subir a serra seria uma boa opção. Lá nas margens cheias da curva do Rio Palheiro, nas várzeas úmidas as terras eram muito férteis. Além das plantas, tinha pinhão, peixe e a caça. Seria uma forma de suprir as necessidades, até a próxima safra.

O compadre Zézo, a comadre Cezária, comungava com meus pais a idéia de abrir um boteco, ou um bolicho, na boca da serra. O ponto era estratégico, um ótimo lugar para negócios. Os tropeiros traziam suas tropa dos campos de Lages, fazendo as parada ali. Assim como os pescadores, caçadores, bem como o pessoal que trabalha na usina hidroelétrica. Analisando esses fatos, reunindo uns cobres da safra anterior meu pai comprou por bem pouco um pedaço de terra, bem na boca da serra, em frente à capelinha de São Cristóvão.

Seguindo a idéia do compadre Zézo por volta de 1965 a 75, construiu-se uma pequena casa, bem em frente a grutinha de São Cristóvão, em cima da serra. Agora morando na casa nova a felicidade era grande no meu coração de criança. Na inocência só via as belezas, era como se tivéssemos no paraíso. Os sofrimentos que cercavam os adultos nos eram ocultados.

O verde dos pinheirais em especial o pinheirão como batizamos a velha araucária, imponente na beira da serra com seus galhos enormes, amparavam como se fossem braços, os papagaios, as gralhas, os tucanos, as curucacas. Com movimentos que fazia quando o forte vento lhe tocava, parecia dança da natureza. Através de suas grimpas ouvia-se a

¹⁵ Toras – Troncos de madeira. Cortado ou não. Dicionário Houaiss.

¹⁶ Sangra/Sangradouro – Canal por onde se desvia a água do rio, fonte etc. Dicionário Houaiss.

¹⁷ Gamela – Vasilha de madeira com diversos usos. Dicionário Houaiss.

melodia com o chiado do vento. Sob a sombra de seus galhos as outras árvores, faziam movimentos de valsa como se fosse a mão divina pintando a natureza. A bicharada que ali habitavam entoavam seus cantos, completando a sinfonia do maestro Pinheirão¹⁸.

Ah! Quando chegava a época do pinhão a gente ouvia durante a noite, quando deitávamos. As camas eram feitas com colchão de palha, as cobertas de pena de galinhas, os travesseiros de macela. Nos cobríamos com a coberta até o pescoço, ouvíamos o que costumávamos chamar de chuva dos pinhões. A bondosa natureza nos oferecia todas as manhãs, suas sementes como alimento. O frio que fazia na boca da serra misturava-se ao cheiro da araucária, mais o chiado do riacho, eram como um presente que a natureza costumava a nos oferecer diariamente.

A gente nem percebia o que se passava durante a noite, na manhã seguinte, levantávamos e corríamos porta afora na ância de chegar ao pé do pinheirão, pegar enormes pinhões que ali no chão estavam, misturados com grama e as grimpas¹⁹. A maravilha naquele momento, não era o fato de saciar a fome, mas sim de fazer parte daquela beleza natural.

De volta a nossa casa, que parecia ser enorme, nossa mãe lá estava, sempre com seu olhar carinhoso. Na chapa do fogão, o café quente, o pinhão sapecando a nossa espera. Às vezes eu observava o olhar triste de minha mãe, que comungava com o silêncio costumeiro de meu pai. Com um toco²⁰ de pinheiro sobre o caixão de lenha, o macete para macetar o pinhão, a forte batida do macete no toco e por conseqüência sobre o pinhão durava pouco, pois pinhão após pinhão íamos devorando.

Nas tarefas diárias, água quente, balde, panos limpos nas mãos, lá ia meu pai para o galpão tirar leite da vaca “a pretinha”.

Forno a lenha de tijolos, não servia apenas para assar os pães, servia também para secar os brinquedos que construíamos com barro. Brinquedos eram raros, então tínhamos que construí-los com as próprias mãos, o cavalo de madeira, o carro para deslizar no morro, os carrinhos, as vaquinhas, os cavalinhos, bonequinhos, e também as mercadorias. Criávamos os brinquedos, depois brincávamos de tropeiros ou de bodegueiros.

Nós juntávamos tudo que achávamos, os pedaços de arame servia para reproduzir as foices, machados, facões, enxadas e lanças. Velhos pedaços de tocos ou de tábuas, pregos, couro de boi, madeira roliça, algumas latas, tudo serviam para construir os brinquedos. Fabricávamos com perfeição, carro para deslizar morros, patinètes e cavalinhos de madeira.

¹⁸ Pinheirão - Araucária (pinheiro da copa uniforme, típico do Paraná e Santa Catarina). Dicionário Houaiss.

¹⁹ Grimpas – Cume de qualquer coisa. Neste exemplo, da araucária. Dicionário Houaiss.

²⁰ Toco – Parte de planta cortada, que fica preso ao solo. Dicionário Houaiss.

O barro servia para fazer as tropinhas e as mercadorias da bodéguinha, tatuzinhos e outros bichos que conhecíamos. Algumas vezes meu pai extraía més de mirim (cera com formato maça) servia para fazer várias brincadeiras. O tempo foi passando e à medida que brincávamos e confeccionamos nossos brinquedos fomos nos aperfeiçoando, principalmente quando reproduziríamos os tropeiros.

Na época passavam muitos tropeiros por aquelas estradas, (o bolicho, bodega, venda, boteco ou armazém) do me pai era um ponto estratégico no topo da serra e servia de parada para os tropeiros, mascates e fazendeiros que passavam por aquela estrada. Paravam sempre ali para tomar pinga com limão, cachaça com capilé e comer alguns doces, comprar fumo de corda etc.

Era normal de vez em quando aparecer alguns gaúchos pacholas com violão e gaita. Durante parte da noite, tocavam, cantavam, faziam versos e trovas. Eram noites muito animadas e mantinha o boteco cheio de curiosos e admiradores. Às vezes saía umas peleias, mais nunca deu morte. As sesteadas²¹ que aconteciam em frente do bolicho era uma das coisas que mais me chamava atenção. Naqueles cantos daquelas estradas, chegavam muitas mulas com cargueiros de bruacas e cestos de taquara, às vezes o meu tio Hermes que também era tropeiro chegava com o seu carretão de seis cavalos, carregado de mantimentos.

As cantorias, os causos e trovas, que aconteciam ao redor do fogo de chão, misturava-se com cheiro do arroz carreteiro e da lingüiça assada. Também circulava o chimarrão, o café feito na chicolateira²². Todos estes acontecimentos eram observados em silêncio pelas crianças, que atentas a tudo, posteriormente repetiam estas cenas nas suas brincadeiras.

Hoje estas experiências estão presentes, no desenvolvimento de meus trabalhos artísticos, meu gosto e minha insistência pelo resgate e preservação dos vestígios históricos devo a estes acontecimentos, que me inspiram e fazem parte da minha historia. No ano de 1975, marcou nossa vinda para a cidade de Lages. Tudo era muito diferente da nossa infância. A pobreza deixava ainda as coisas mais difíceis. Estes fatos por certo vieram a me fortalecer, pois precisamos saber que não existe nada fácil. Enfrentar as dificuldades com naturalidade sabendo que cada barreira é apenas mais uma etapa das nossas metas. Neste período um grande vazio invadia minha existência, o mundo nos afastou do barro e tudo mais que tínhamos para construir nossos brinquedos.

²¹ Sesteadas – Hora de repousar. Dicionário Houaiss.

²² Chiculateira – Jarro que se prepara ou serve café... Dicionário Houaiss

Agora aos quatorze anos comecei a trabalhar em um supermercado, mais sempre que podia exercia alguma atividade criativa, entalhando, desenhando, ou pintado. A olaria do Sr Hercílio Mellegari foi o meu primeiro contato, o mais profissional com a escultura. Esculpi algumas carrancas, mas o difícil acesso para buscar o barro na olaria e posteriormente levar, buscar, depois da queima me afastou da escultura.

Trabalhava e estudava, o único tempo que me restava para a atividade artística era no domingo à tarde, então opte esculpir na madeira. Fiz algumas carrancas uns cavalos. A falta de ferramentas, de tempo me fizeram parar. Como também gostava de desenhar passei a desenhar e pintar. Pinteí muitos quadros, alguns tinta a óleo outros espatulado. Criei uma espátula produzida a partir de uma colher. A maioria de minhas pinturas era com tinta aquarela ou guache porque eram materiais mais baratos.

Uma tempestade de inspirações sempre bagunçaram a minha cabeça, a inquietação que me mantém criando até hoje me forçavam sempre buscar alternativas, a falta de acesso as técnicas, pareciam grandes penhascos intransponíveis, não existiam escolas especializadas em arte. Quem sabia as técnicas não ensinava. A necessidade de criar, sempre falava mais alto no meu inconsciente. Um jovem que trabalhava para ajudar nas despesas da família, não poderia fazer cursos fora da cidade de Lages. Resolvi, fazer cursos por correspondência, mais um irmão mais velho me desanimou dizendo que não daria certo, que era besteira. Fiquei chateado desestimulado, não fiz o curso. O tempo foi passando, me alistei no Exército, fui para o quartel, fiquei durante um ano.

Quando dei baixa do quartel na cidade de Lages, decidi morar em outra cidade, pensei, aqui não havia a mínima condição de conseguir algum curso de arte. Apenas com dinheiro do ônibus, fui em busca dos meus sonhos. Quando passei por Barra Velha e conheci o mar fiquei bastante impressionado, pela grandeza da natureza. Morei por algum tempo nesta cidade. Meu irmão Miguel trabalhava como padeiro no supermercado, chamado girassol, consegui trabalho como açougueiro, por algum tempo, e logo fui para Joinville.

Lá encontrei Pedrinho, ao qual nos tornamos grandes amigos. Ele morava na pensão “gato preto” em frente ao supermercado Odivam na rua Dr. João Colim. Pedrinho me levou a conhecer seu amigo Gilberto, carinhosamente chamavam de zebrão, que me deu um emprego. Trabalhei durante quatro anos no supermercado, passei por quase todos os setores, tive muitas experiências, mas o salário era miserável, mal dava para as despesas.

Neste período, o que valeu foi o contato mais direto com a arte. Pedrinho sendo da área de publicidade sempre me deu espaço para trabalhar com ele nas horas de folga que eu tinha no supermercado. Fiz muitas horas extras, confeccionei cartazes, fiz gravuras.

Consegui fazer varias exposições em espaços privados e públicos. O contato com o mundo que eu sempre persegui estava mais próximo. Nesta época pintei muitos quadros, de vários estilos, dentre tantos, pintei “o palhaço” com giz pastel sobre cartão. Minha rotina era trabalhar no supermercado e pintar nas horas de folga.

Consegui fazer alguns cursos de publicidade em Joinville. Tentei buscar meu espaço entre o meio artístico cultural. Conheci alguns artistas da cidade, mas o máximo que consegui foi às duras custas, foram algumas exposições. Senti na pele a discriminação com artistas autodidatas e pobres. A falta de remuneração impede o ingresso dos mesmos. Em algumas “panelas” do setor cultural onde só entra quem esbanja o status do poder econômico.

Fui tentar a sorte em Florianópolis no ano de 1982. Com algumas economias, tentei como proprietário de uma pizzaria na Rua Liberato Bittencourt. Nesta fase pintei vários quadros, alguns vendi outros presenteei. Havia um porão na casa onde eu morava, então usei como atelier. Nesta local desapareceram 11 telas, alguns meses depois a pizzaria sofreu um incêndio.

Em busca de nova oportunidade em 1983, voltei para minha cidade “Lages”. Mas todas as portas ainda se encontravam fechadas. Foi um período em que esculpi em madeira e argila.

Em 1984 foi onde tive o maior contato com Oleiros. Retornando outra vez para a cidade de Joinville. Voltei a trabalhar no mesmo supermercado de outrora. Após três meses fui promovido a gerente e transferido para a cidade de Barra Velha, cidade relativamente pequena comparado à cidade de Joinville. Encontrei o que procurava, tive acesso mais constante com oleiros que me ensinaram suas técnicas em parceria puramente amigáveis, e também queimavam as peças para mim. Houve então uma fase de muita inspiração, a tranqüilidade da praia, associada ao clima bucólico daquele lugar foram grandes aliados no desenvolvimento de minhas inspirações.

Passei a esculpir sistematicamente, todos dias, para preencher o tempo. No ano de 1985 me casei e participei de várias exposições. Esculpia sempre que tinha possibilidade, todas as obras que esculpia eram presenteadas para parentes amigos e até desconhecidos. Não importava a quem doar, o mais importante era esculpir, esculpir, e esculpir. Na minha casa tinha tantas esculturas, que em qualquer ponto tinha uma peça exposta. Minha esposa então passou a reclamar da dificuldade de arrumar a casa com tantas obras. Restaram apenas duas, as demais foram presenteadas. No total eram aproximadamente cinqüenta obras de arte.

Em 1984, quando procurei uma galeria famosa da cidade de Barra Velha, em busca de um espaço para expor minhas obras. A dona da galeria disse que eu deveria levar algumas peças e deixar durante uns dois ou três anos para ver se haveria aceitação. Caso houvesse aceitação talvez haveria a possibilidade de se fazer uma exposição. A partir daquele dia decidi criar o meu próprio espaço. Elaborei um projeto, com um roteiro cultural com algumas obras de arte na orla marítima, mais as dificuldades econômicas não facilitavam.

Fui morar na cidade de Tubarão SC, no ano de 1989. Nesta cidade tive um uma aproximação positiva com oleiros daquela região, pude pesquisar mais variedades de argila. Agora estava trabalhando como vendedor, durante 12 horas por dia. Nos finais de semana ou a noite esculpia. Confeccionava artesanatos com temas folclóricos da ilha de Florianópolis. Expus várias vezes na Casa da Cidade, onde tive a oportunidade de conhecer o artista Villi Zunblik. Participei na fundação da associação dos artesãos e artistas plásticos de Tubarão e ganhei a primeira divulgação no jornal e na emissora de rádio local.

Voltei para a cidade de Barra Velha. Aos 20 de janeiro de 1990 prometi a mim mesmo jamais fazer coisa que não quero e não permitirei que ninguém interfira nas minhas decisões. Durante todos estes anos venho sendo submisso à vontade dos outros e manter uma imagem de “boa” pessoa. Imagem equivocada, que descobri talvez um pouco tarde. Pensei então que: em primeiro lugar precisamos ser bom conosco, caso contrario nossa bondade nada valerá. Poderá ser falsa e construída sobre sofrimentos.

Estou frustrado, porque até agora venho trabalhado em empresas durante 12 á 14 horas por dia, minha angustia de não poder expressar meus sentimentos através da arte vive sufocado. Estou com um aperto no peito, sinto que as coisas que preciso fazer estão acumulando em meu inconsciente, estas ansiedades às vezes parecem que irão implodir.

Após ter trabalhado exaustivamente durante anos longe da arte, resolvi que a partir daquela data em diante ninguém mais iria dirigir meus passos. Eu faria da minha vida, meu roteiro, minha historia, conforme minha vontade com a ajuda de Deus. Precisava fazer finalmente o que gostava. Mais como fazer? Montei uma pequena empresa de publicidade, assim poderia ficar mais próxima das atividades criativas. A situação era bem complicada, pois tenho uma família para sustentar, como poderia construir projetos?

Passei a entalhar desenhos em portas de mogno, imbuia, e outras madeiras nobres. Trabalhava para empresários. Entalhei diversas portas que eram vendidas para São Paulo e Rio de Janeiro. Parei com esta atividade porque, entalhar uma porta com qualidade e necessário dar no mínimo trinta mil marteladas, esses movimentos causaram vários problema

nas articulações das mãos e braços. Passei então a trabalhar com as atividades de publicidade visual, a qual possibilitou e financiou o meu projeto: A Sereia.

Então comecei a esculpir uma sereia de concreto e iniciar meu projeto adaptando, ao método de construção. Com base de estuque com cimento e ferro passei a testar vários tipos de materiais. A sereia seria um teste, nesta nova fase de minha vida. Pedi demissão daquela empresa e voltei para Barra Velha. Novamente desempregado apenas com a família e uma sereia na mudança.

Doei a sereia para o município (Barra Velha). Não deram importância, passado um ano, no início de dezembro de 1991 contratei uma escaveira e por conta própria instalei a obra sobre uma rocha no Costão da praia. Houve vários protestos por vereadores, populares, e religiosos. Certa manhã me aproximou da escultura e encontrei uma placa pendurada sob os seios desnudos da sereia com a seguinte frase “sou ridícula, mais ridículo é quem me colocou aqui”. Fiquei feliz neste momento, eu sabia que estava no caminho certo.

Em 31 de Dezembro de 1991 fui ver a queima de fogos na praia e resolvi passar em frente à sereia, tamanha foi minha surpresa ao ver em sua volta grande quantidade de chamas. Fiquei preocupado, pensei, é mais um protesto ou talvez uma tentativa de destruir a obra. Mas ao me aproximar verifiquei que ao som de hinos seguidores das religiões afros dançavam e cantavam. A luz de centenas de velas e oferendas junto a Janaina e seus seguidores. Percebi que a sereia que havia esculpido se tratava da filha de Iemanjá, este fato me inspirou a esculpir a sua, mais tarde esculpi a imagem de um pescador na praia do Grant, posteriormente a imagem da Índia Mani em homenagens aos índios que antes habitavam aquelas praias.

Tive grandes aprendizados com as obras que construí. Com recursos próprios, fiz doação ao município. A imprensa fez a sua parte divulgando as obras que se tornaram novos pontos turísticos. Aprendi que quando ganha espaço na mídia, reconhecimento da opinião pública, você ganha admiradores, seguidores, mais ganha também em seu próprio meio inimigos ocultos. Movidos pela inveja fazem tudo para atrapalhar seu crescimento. As críticas sempre foram grandes, o poder público nunca deu o mínimo valor, mais o que compensou foram pessoas que gostaram e reconheceram a o meu esforço.

Alguns dos meus familiares me condenaram, me taxaram de vagabundo sonhador. Todos estes ingredientes somados a minha vontade de criar, cresceram com amadurecimento de meus sonhos. Para permanecer criando sempre tive atividades ligada à arte. Uma pequena empresa de publicidade, um pequeno jornal. Foram várias as telas, gravuras, esculturas que me ligaram a arte. Muitos dos meus trabalhos, simplesmente joguei no lixo.

Não tive coragem de chamar de obra de arte, o estilo contemporâneo. Muitos são os trabalhos contemporâneos que se vêem por aí nas galerias. Sou constantemente criticado por que, em minha concepção não se encaixa, como conceito de arte.

Muitos “artistas” se espelham em porcarias feitas por grandes mestres e saem por aí engolindo tinta e defecando “obras de arte”. Por isso, minhas porcarias, joga tudo no lixo para que no futuro não sirvam de exemplo para ninguém. Eu entendo e defendo o ponto de vista de algumas gravuras, telas e esculturas. Muitas são horríveis, feitas por grandes mestres e valem milhões. Outras são usadas como referência para artistas que não tem competência para criar algo com qualidade. Penso que é um erro, pois estas atitudes afastam o interesse pelas pesquisas. Devemos levar em consideração e espelhamos e inspirarmos em obrar primas.

Não participo de salões de arte, de concursos, porque algumas experiências que tive neste campo obscuro das artes plásticas, me mostraram como funcionam alguns destes eventos. Muitos destes são compostos por críticos de artes que nunca estudaram a fundo a arte. Alguns desses críticos não tem a capacidade de pintar um quadro ou esculpir algo. Há quem ocupe este cargo por nomeação política ou por ostentar status ou satisfação em criticar. Por não entenderem sobre arte, acabam selecionando quase sempre “artistas” aventureiros, engolidores de tintas. Desprezam e humilham a arte daqueles que realmente sabem. Lançam por terra os conceitos de qualidade da pesquisa e acabam tirando o ânimo de artistas que pesquisam e realmente sabem fazer arte.

Não acredito na tese que aprova o surgimento de verdadeiros gênios da pintura, de um dia para o outro, precisamos saber diferenciar o que é obra de arte, instalação, ou uma cenografia, saber o que é uma psicografia do inconsciente que, na agonia de realizar um profundo desejo de obter no imediatismo, a realização através dos títulos outorgado pela sociedade, buscando o título de mestre.

Imaginem, no teatro de repente, subir em um palco começar a representar uma cena inventada, sem nunca ter praticado ou estudado, seria uma verdadeira lastima, alguém se atreveria a dar o título de ator? Na música, já pensou alguém compor uma música sem letras, apenas com sílabas? Sem duvidas nenhum destes fatos acontecem nas artes plásticas. A verdadeira arte não deve ser apenas uma psicografia impressa do ego do subconsciente, ou da marcação de território, na auto-afirmação pessoal em busca de um título. Acima de tudo a arte deve ser embasada no conhecimento, no talento e na paixão pela vida. A verdadeira arte é a sensibilidade de saber unir o ideológico ao conhecimento, na busca da realização, ao prazer da conquista a satisfação do trabalho realizado em benefício da humanidade.

Em Lages - Dezembro de 1998, finalmente um dos meus maiores sonhos torna-se realidade, voltar para minha terra. Parecia uma barreira intransponível, eu que sai daqui as em 1978 com o objetivo de voltar em alguns meses, vivi vinte anos de minha existência sempre planejando a volta para a terra natal. Sobrevivi a muitos obstáculos nestes vinte anos. Com ansiedade, sempre objetivando, amanhã eu volto, graças a Deus aqui estou. Incansáveis, foram os meus investidos, na tentativa de implantar os meus projetos. Muitas pessoas simplesmente não davam a mínima importância para as minhas idéias. A persistência diária durante dois anos nos gabinetes do município de Lages e com apoio de alguns apaixonados por nossa história começa a dar certo. Consegui montar o projeto no papel e também em maquetes.

Minhas estratégias penso eu que foram bem arquitetadas neste caso. Além de apresentar o projeto em exposições e na imprensa, desta vez esculpi a obra para servir de isca e expor na festa do pinhão. Negocieei a escultura o Trançador de Couro que hoje se encontra ao lado da Fundação Cultural de Lages. Imigrantes – usei a mesma estratégia. A repercussão foi positiva e logo em seguida o Prefeito João Raimundo Colombo, solicitou a construção do monumento, para expor no Bairro Coral. Na ocasião negociamos o referido monumento por sete mil, novecentos reais. Preço simbólico apenas para cobrir os custos da construção. Errei nos cálculos, tive que investir mais três mil reais por conta.

Eu sempre soube que nada seria fácil. Um dos objetivos do projeto era construir uma grande exposição permanente ao ar livre que servisse de referência, para outros projetos, meus objetivos estavam sendo alcançados. As dificuldades que viriam a seguir eram grandes, além do preço cobrado ser sempre bem menos que 50% do valor das obras, tive que enfrentar uma das maiores pragas que infestam o poder publico. Quando você desenvolve um projeto que te dá destaque, você também desenvolve a inveja e ciúmes em alguns, “políticos” que tem como regra “se eu não sou o pai da criança então o negócio é dificultar”.

Começa o boicote, vêm grandes problemas, um projeto que poderia ser de grande benefício para a comunidade passa a ser uma pedra no sapato de alguns, nesta hora você precisa ser um grande engolidor de sapo, para suportar todas as barbariedades que lhe são aplicadas, você tem que representar e demonstrar satisfação total, para alcançar os objetivos. Mas quando você tem algo maior em mente, não é só o dinheiro, a questão ideológica que você vem construindo durante anos que fala mais alto. Desta forma cada dificuldade que se encontra, você vai logo encontrando também a solução.

Fato curioso: uma obra que normalmente, levaria noventa dias para ser construída, tive que construir em sessenta dias. Faltavam apenas sete dias para a inauguração e os

personagens não tinham, cabeças, nem os pés. Levando em consideração, que cada parte da obra levaria aproximadamente quatro dias para serem esculpidas, fiquei em pânico, pois, não tinha a mínima chance de terminar a tempo hábil. Depois de queimar muitos neurônios criei um novo método. Esculpi em uma noite na argila as três cabeças e os seis pés, no dia seguinte revesti com gesso. No terceiro dia as cabeças e pés estavam colocados nos seus devidos lugares.

Mais tarde tomei conhecimento de que; os moldes que me salvaram neste episódio, e eu pensara ter criado, já existiam a milhares de anos.

Na seqüência construí o Monumento Boi de Botas a preço de custo, demorei três meses para esculpir, a princípio seria instalado as margens da BR 282 com a Av. Duque de Caxias, mas por determinação do prefeito Raimundo Colombo foi para Bairro do Conte. Este monumento foi construído, com o objetivo de resgatar parte da historia do evento farroupilha, busquei várias pesquisas, em livros e museus de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Este monumento tem um sentido especial na formação do caráter histórico de nossa gente, pois ser chamado de bois de botas antes era motivo de confusão, e após a sua implantação, as próprias pessoas com mais informações, se sentem orgulhosos de serem lageanos e por saber que fazem parte da história do “Bois de Botas”.

Monumento ao Tropeiro - preço de custo também. Esta obra tem uma grande importância, porque na maioria, os serranos são parentes de alguns tropeiros do passado. Considero este fato importante. Esculpi o rosto com a fisionomia do Sr. Antonio Vida, cidadão da serra com idade de oitenta anos e foi tropeiro neste chão. Para a inauguração desta obra, não fui convidado.

O São Francisco - Foi uma doação. Este santo foi esculpido a pedido da primeira dama, do município de Lages para a capela dos franciscanos. Uma obra que na minha visão carrega a expressão física e psicológica em que eu me encontrava, desanimado, decepcionado, durante período de construção do monumento. Mas ficou registrado a serenidade e a certeza de chegar lá.

Sofri alguns boicotes, durante a construção do monumento da gralha azul, que já havia iniciado, fui obrigado a parar, tendo um prejuízo financeiro muito grande. O secretário da época desautorizou a construção do monumento no mesmo dia em que o prefeito autorizou. Tentei voltar ao gabinete do Prefeito Mais fui barrado com ironias e pouco caso. Mais de vinte cheques devolvidos e uma bagunça nas minhas finanças sem cheques, cartão de credito, ou qualquer outro tipo de crédito durante quatro anos. Não culpo ninguém por estes

percalços porque sempre soube que só se constrói um nome sólido num país deste tamanho com duras penas.

Alguns amigos me auxiliaram emprestando dinheiro, e abrindo crédito. Para que tivesse possibilidade de comprar material para construir monumentos para outros municípios. São eles: Bom Retiro/SC - Monumento Ao Churrasco e Pai Eterno. Correia Pinto/SC Peão Laçador, Anita Garibaldi/SC. Benjamim Suppi. Chapadão do Lajeado/SC. Cristo Redentor. Água Doce/SC Monumento Ao Tropeiro. Curitiba Monumento à Mãe.

No final de 2003, fui procurado pelo prefeito Colombo para esculpir o monumento do carro de molas, nesta época, comentei com ele que estava mudando de endereço e precisava de aterro no terreno a qual adquirir, pra construir o atelier. O prefeito ofereceu o aterro, tal qual fazem para as indústrias que se instalam na cidade. Mais tarde fui procurado pelo secretário do meio Ambiente, para formalizar as negociações, orcei em Cinquenta e três mil reais. Segundo o secretário das finanças, o prefeito achou a obra muito cara e pediu um desconto. Então fiz a seguinte proposta: fazer um desconto de dezoito mil reais em troca do cumprimento da promessa em relação ao aterro. A proposta foi aceita, mais não foi cumprida.

Nesta obra simboliza o primeiro meio de transporte coletivo e também o primeiro táxi da cidade. Na construção da obra, expressei em algumas fisionomias, a angústia de que sentia nesta época, apesar do imenso prazer que tive em vela realizada. Nesta inauguração, foi me impedido de falar. Meu nome não foi citado e apesar de ter várias placas com identificação expostas, o meu nome como artista não aparece ao monumento.

Na minha experiência de vida fiquei limitado ao mundo em que pertenço porque tive que criar minhas próprias técnicas e inventar coisas que já existiam. A busca da cidadania dentro dos meios culturais proporciona, momentos dignos de sobrevivência, constrói sólida relação entre indivíduo e seu espaço, preserva e resgata valores culturais e morais, dignifica o homem inserindo-o na sociedade, como parte importante na construção de uma geração mais justa, que possa ter a possibilidade de escolha através da convivência com o meio. Desta relação surge o sentimento de consciência em benefício da humanidade. Narrativas em 02 de Julho de 2007. J.C.Batista.